

MIGUEL ARCHANJO DE FREITAS JUNIOR

**Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso  
de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná**

Ponta Grossa, Maio de 2000.

**Universidade Estadual de Ponta Grossa**  
**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas**

**Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso  
de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná**

**Dissertação apresentada como requisito parcial  
à obtenção do grau de Mestre ao Curso de Pós-  
Graduação em Ciências Sociais Aplicadas,  
Departamento de Serviço Social da  
Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti**

**Ponta Grossa - 2000**

**Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das  
causas do fracasso de uma equipe de futebol  
profissional do interior do Estado do Paraná.**

MIGUEL ARCHANJO DE FREITAS JÚNIOR

Dissertação apresentada à  
Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti (orientador)

---

Prof. Dr. Ademir Gebara

---

Prof. Dr. Luís Carlos Ribeiro

---

Prof. Dr. Fernando Marinho Mezzadri

Maio - 2000

## REFLEXÃO

**Que fenômeno é este que faz com que as pessoas dos diferentes continentes e que nunca se virão antes falem o mesmo idioma?**

*Que fenômeno é este que faz com que milhares de pessoas se acotovelem em busca de um lugar ideal, para xingar o árbitro?*

*Que fenômeno é este no qual os cartolas se julgam donos dos jogadores, e mesmo na virada do*

*século ainda é guiado pelo escravagismo?*

*Que fenômeno é este capaz de parar um país na frente da televisão para ver uma equipe jogar durante 90 minutos?*

*Que fenômeno é este capaz de se tornar a matéria mais importante em todos os noticiários, ofuscando até mesmo as grandes decisões políticas?*

*Que fenômeno é este capaz de fazer coreografias tão bonitas quanto a do Ballet de Moscou, e no momento seguinte matar uma criança que estava no ponto de ônibus, apenas porque ela vestia a camisa do time adversário?*

*Que fenômeno é este que realiza transações monetárias superiores a da bolsa de valor de qualquer lugar do mundo?*

*Que fenômeno é este no qual os ídolos podem comprar um carro por dia com o seu salário, e uma frota inteira apenas com o seguro de suas pernas?*

*Que fenômeno é este que ao apito do árbitro transforma pessoas normais em seres irracionais capazes de cometer os maiores absurdos?*

*Certamente este Esporte é mais do que um Jogo!!!*

*E o Futebol é mais que um simples Esporte???*

*É um fenômeno que necessita ser profundamente Estudado!!!*



## ***AGRADECIMENTOS***

### ***INSTITUCIONAIS***

À Federação Paranaense de Futebol;  
Ao Clube Operário Ferroviário Esporte Clube;  
À Liga de Futebol de Ponta Grossa, pela colaboração na  
facilitação de consultas aos documentos.

### **PRESIDENTES DO CLUBE**

Antônio Luís Mikulis;

Carlos Roberto Iurk;

Silvio Gubert, os quais dispuseram de seu valioso tempo  
para contribuir no esclarecimento de questões  
fundamentais para este trabalho.

Ao Prof. Dr. Luiz Alberto Pilatti, que colaborou  
discutindo sistematicamente a construção deste trabalho.

## Agradecimento Especial

Aos meus familiares, os quais compreenderam e aceitaram a minha "ausência" e principalmente a minha esposa, que por inúmeras vezes escutou as minhas angústias e me auxiliou nesta construção teórica, estando ao meu lado em todos os momentos.

À Deus

Sem a tua vontade nada se faz

Nada se constrói, sei que foste

Tu que me possibilitaste chegar até aqui.

## **Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná**

### RESUMO

Este estudo buscou compreender os impactos causados pela administração do Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC), na desfiliação desta equipe do futebol profissional paranaense. Para isto optou-se em trabalhar em dois momentos distintos e interdependentes, onde inicialmente foi feita uma revisão sobre as diversas fontes que traziam informações sobre esta equipe e em um segundo momento trabalhou-se com a história oral como forma de auxiliar na compreensão dos fatos expostos pelas fontes escritas. As abordagens feitas serviram para orientar a análise a ser realizada em torno da problemática estudada, entretanto após estar com um amplo referencial teórico do caso em estudo, em diversos momentos da pesquisa acabamos nos questionando sobre qual seria a melhor forma de analisar as informações obtidas, tendo em vista que foram relatadas situações pouco trabalhadas dentro das Ciências Sociais. Desta forma optamos em analisar os dados de maneira geral, a medida em que eles foram aparecendo durante o desenvolvimento da pesquisa e ao final do estudo apresentar a realidade que estas fontes permitiram construir.

Partimos de uma hipótese flexível que apontava para a renovação do modelo administrativo utilizado no OFEC como ponto fundamental para “ resolver” a problemática apresentada. Entretanto no decorrer da pesquisa outras hipóteses foram surgindo, a partir de novas problemáticas apresentadas pelas próprias fontes e que orientaram o processo de construção do estudo.

Neste sentido a utilização das entrevistas partiram de uma estrutura básica em função dos objetivos da pesquisa, onde o roteiro que norteou a entrevista foi sendo reformula-

do a partir do aparecimento de novos elementos oriundos das respostas do sujeitos entrevistados e que serviram de base para a guisa de conclusão do trabalho, a qual levou em consideração a teoria existente e as entrevistas.

A partir da construção do arcabouço teórico da pesquisa, buscou-se a descrição, análise e compreensão das informações obtidas, primeiramente isolando o fenômeno da realidade geral, tratando-o como algo único (singular), e de acordo com a necessidade vinculando-o com os aspectos sociais e econômicos que interferem na realidade do futebol brasileiro.

Na tentativa de encontrar as causas do fracasso esportivo do OFEC, apresentamos um quadro (quantitativo) que serviu para apresentar as oscilações desta equipe dentro do futebol paranaense profissional e a partir deste quadro pinçamos os momentos em que esta equipe entrava em crise (caindo para a segunda divisão ou se licenciando da FPF), pois a partir deste entendimento tivemos subsídios para compreender como esta equipe saía destes períodos críticos e o que ocorreu de singular na década de noventa que não lhe permitiu vencer esta crise. Neste sentido, as informações foram obtidas enquanto um processo histórico, entendendo inicialmente que as causas que levaram o OFEC a se licenciar em um determinado momento poderiam ser diferentes daquelas que o obrigaram a se desfiliar da FPF em um momento mais contemporâneo, para trabalhar com esta questão buscamos através do perspectivismo histórico entender as particularidades do OFEC e de sua administração para as diferentes pessoas deste campo.



## INTRODUÇÃO

Entender a trajetória histórica do futebol brasileiro é uma tarefa que a cada dia ganha mais adeptos. Não obstante, grande parte dos estudos produzidos tem se limitado a realizar exaustivas abordagens dos grandes centros futebolísticos, fundamentalmente do eixo Rio – São Paulo, levando desta forma a um falso entendimento de que a história do futebol brasileiro pode ser resumida nos fatos ocorridos nestes centros urbanos o que de certa forma cria uma lacuna no tratamento desta temática tendo em vista a ausência de estudos que apresentem as singularidades do futebol no momento em que ele é incorporado nas diversas realidades brasileira.

Partindo deste contexto, optamos em realizar um estudo regional para que pudéssemos compreender os impactos causados pelo gerenciamento clubístico em uma equipe de futebol profissional do interior do Estado Paraná. Para alcançar o objetivo proposto este estudo será desenvolvido a partir da análise do Operário Ferroviário Esporte Clube<sup>1</sup> (O.F.E.C.).

A opção em estudar esta equipe deve-se ao fato de que o futebol paranaense teve os seus primeiros adeptos no grupo de jogadores pontagrossenses liderados por Charles Wright, fato que destacou esta cidade como a precursora do futebol no Paraná. É o que nos apresenta MACHADO & HOERNER, cronistas esportivos que tratam da historiografia do futebol deste Estado<sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> Vamos tratá-lo como Operário Ferroviário Esporte Clube (OFEC), mas como veremos em sua história este time não surge com este nome, entretanto este foi o nome que ele recebe em 1933 e fica conhecido até os dias atuais.

O chamado “esporte Bretão” encontrou os primeiros adeptos em 1909 o jovem Charles Wright que havia praticado esse esporte na Inglaterra, chegou a cidade de Ponta Grossa, para integrar-se à Cia. Americam S. Brazilian Engineering Co., encarregada da construção da via férrea ligando o Paraná com São Paulo e Rio Grande do Sul, trazendo consigo os apetrechos necessários para a prática do futebol, tais como: chuteiras, tornozeleiras, joelheiras, caneleiras, meias, calções (que alcançavam a metade do joelho) e uma bola de couro, com tento, tamanho número 5<sup>2</sup>.

Esta equipe de futebol foi sendo formada ao mesmo tempo em que a cidade se consolidava em torno da ferrovia que estava sendo construída em sua volta. A construção da estrada de ferro atraiu muitos imigrantes para Ponta Grossa, sendo estes fatores significativos para o desenvolvimento estrutural da cidade. É o que indica LVALLE ao mostrar que “as medidas tomadas pelo governo imperial em meados do século XIX para facilitar a imigração, teve impacto em Ponta Grossa a partir de 1896 com o início da construção da Estrada de Ferro, onde a presença do imigrante foi fundamental na configuração e ampliação urbana, acelerando o desenvolvimento sócio econômico da cidade”.<sup>3</sup>

Dentro do cenário esportivo brasileiro a presença do imigrante foi fundamental para a introdução do futebol no interior dos clubes sociais existentes nos grandes centros urbanos. Em Ponta Grossa esta situação se repete, tanto que após o início da ferrovia o futebol só

---

<sup>2</sup> A historiografia do futebol paranaense é um tema pouco estudado, são apenas duas obras que tratam deste assunto, as quais não apresentam rigor científico, tendo em vista que isto não era preocupação dos autores que estavam interessados apenas em relatar os fatos que vivenciaram ou obtiveram através dos jornais; desta maneira não é incomum encontrarmos distorções e comentários apaixonados dos autores, os quais além de escritores eram torcedores e em determinados momentos acabavam misturando a sua paixão pela equipe com o estudo desenvolvido. Não obstante mesmo com grande carência de rigor científico e metodológico estas são as duas obras que minimamente retratam a história do futebol paranaense e serviram de ponto de partida para compreendermos o contexto de diversos momentos do futebol profissional no Paraná. As obras citadas são: CARDOSO, Francisco Genaro. História do futebol Paranaense. Curitiba: Grafipar, 1978. MACHADO, Heriberto Ivan & CHRESTENZEN, Levi Mulford. Futebol, Paraná, História. Curitiba: Dígitus, s/d.

<sup>3</sup> MACHADO, H. I. & CHRESTENZEN, L. M. Futebol, Paraná, História. Curitiba: Grafipar, 1991, p.02. Sobre o mesmo assunto cf. GENARO

<sup>4</sup> LVALLE, A. M. Análise quantitativa das tropas passadas no registro do Rio Negro. Tese de Livre Docência. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1974. Analisando o número de imigrantes presentes nos arquivos do Cartório de Registros Sant’Ana, o qual era o único cartório da cidade na época, vemos que a presença mais significativa de imigrantes na cidade, até o ano de 1920 foi dos poloneses com 257 pessoas e dos alemães com 102, não obstante fica acentuada a presença de mais de 10 etnias diferentes. Cf. Ponta Grossa. Arquivos de Registros de Casamento do Cartório Sant’Ana. Livro nº 11.

começa a ser praticado 13 anos mais tarde, no mesmo momento em que a cidade começa a se “modernizar” com o surgimento da luz elétrica em 1905, a construção do cinema em 1906, a construção da 1ª madeireira (Serraria Olinda)<sup>4</sup> do Estado fundada em 1906, e principalmente a forte presença dos imigrantes atraídos pela possibilidade de empregos diretos e indiretos gerados pela ampliação da estrada de ferro. Podemos perceber o impacto causado pela chegada da empresa responsável em construir a estrada de ferro, através das palavras de MONASTIRKY:

[...]a cidade que já possuía elementos urbanos importantes, obteve com a ferrovia uma das mais significativas empresas da época, a qual instalou-se na cidade com uma grande infraestrutura. Pátios para manobra e armazenamento de comboios, oficinas, estações de cargas e passageiros, depósitos de vagões, além de escolas profissionalizantes, hospital, armazéns, vilas operárias, que transformaram Ponta Grossa num dos principais e mais bem equipados centros urbanos da Região Sul<sup>5</sup>.

A presença do engenheiro inglês Charles Wright em 1909<sup>6</sup>, trazendo consigo na bagagem o material necessário para a prática do futebol foi um fator fundamental para o início da prática futebolística na cidade de Ponta Grossa. Atividade esta que em seu momento inicial era praticada enquanto uma atividade lúdica, realizada nos momentos ociosos da classe operária, a qual inicialmente jogava futebol apenas aos finais de semana, como indicado por “historiadores” do futebol paranaense: “Os funcionários da Empresa procuravam algo para lazer nos finais de semana, e num Domingo no campo do Alto do Cemitério, foram a-

---

<sup>5</sup> LAVALLE, A. M. Análise quantitativa das tropas passadas no registro do Rio Negro. Tese de Livre Docência. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1974.

<sup>6</sup> MONARSTISKY, Leonel B. A utilização das áreas naturais como ambiente de lazer pela população de Ponta Grossa. Relatório de pesquisa apresentado ao departamento de Geociências (UEPG), 1994, p.16.

<sup>7</sup> Cf. PINTO, Elizabete Alves & GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. Ponta Grossa – um século de vida (1823-1923). Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas, 1983, p. 85-121. Esta obra mostra a fraca presença do imigrante inglês na cidade o que pode ser um dos motivos para a demora da introdução do futebol na cidade.

prender a dar chutes na bola. O número de interessados aumentava a cada Domingo. Apareceram os reservistas do Tiro de Guerra Pontagrossense para tornarem os treinos mais interessantes” [...]”<sup>7</sup>

Entretanto, este momento introdutório do futebol pontagrossense apresenta um fato bastante interessante que o difere de outras localidades nas quais o futebol foi introduzido. Em Ponta Grossa os jogadores buscaram um espaço alternativo para a prática do futebol, fora dos limites dos clubes sociais. Provavelmente por esta singularidade foi que em Ponta Grossa primeiramente surge o time de futebol em 1909, onde funcionários da rede ferroviária e militares do Tiro de Guerra (atualmente 13º Batalhão de Infantaria Blindada) utilizavam-se deste jogo para recrear-se ao finais de semana e posteriormente surge o clube social.

Este clube social só foi fundado anos após o OFEC realizar alguns jogos, contra a equipe curitibana do Clube Ginástico Turverein (a partir desta equipe tem origem o Curitiba Futebol Clube), e o time de futebol local dá origem ao Ponta Grossa Sport Club (que futuramente se tornaria Operário Ferroviário Esporte Clube).

Sobre a criação do clube social do OFEC o Jornal Diário dos Campos, apresenta uma matéria em destaque relatando este fato da seguinte forma: “temos a honra de levar ao vosso conhecimento, que hoje em Vila Oficinas, com um grande número de pessoas propensas a fundação de uma sociedade esportiva de Foot Ball, em seção ordinária, foi eleita a primeira diretoria desta associação denominada Foot Ball Club Operário Pontagrossense, a qual deverá reger os destinos da mesma durante o primeiro ano de sua fundação”<sup>8</sup>

Ao buscarmos nos estatutos do clube os objetivos de sua criação, encontramos que:

---

<sup>8</sup> MACHADO, H. I. & CHRESTENZEN, L. M. Futebol, Paraná, História. Curitiba: Grafipar, 1991, p.02. Sobre o mesmo assunto cf. GENARO

<sup>9</sup> Ponta Grossa. Jornal Diário dos Campos, do dia 07 de abril de 1913.

- O OFEC, é uma sociedade esportiva, educativa e recreativa, sem fins econômicos e tem por finalidade, as alíneas que compõe este artigo<sup>9</sup>:
- Os esportes se dividem em principais e auxiliares:
  - a) São principais os esportes praticados oficialmente, com participações em campeonatos promovidos pelas entidades a que o clube estiver filiado, quer como profissionais ou amadores, com seus departamentos autônomos;
  - b) Auxiliares são as competições esportivas de caráter interno, todas praticadas no Clube.

Estas alíneas indicam que este clube foi criado fundamentalmente para incentivar a prática esportiva e ao verificarmos os livros de atas deste clube, temos indicativos para acreditarmos que o único esporte praticado era o futebol, pois nas várias reuniões que tratavam de assuntos esportivos o único esporte mencionado era o futebol, o qual em 1916<sup>10</sup>, era desenvolvido em diversas categorias.

Alguns clubes fundados no início do século restringiam a participação de seus associados de acordo com a origem étnica ou a posição social que ele ocupava, quanto a este tipo de exigência, não havia nenhuma restrição presente nos estatutos do OFEC. Entretanto aparecia a categoria de sócio ferroviário como uma categoria em destaque, o que minimamente pode indicar uma presença significativa e principalmente força desta classe trabalhista neste clube social. Neste sentido o estatuto determina a divisão dos sócios da seguinte forma:

- FUNDADORES: aqueles que provarem terem feito parte da fundação do Clube, em Maio de 1912;
- BENEMÉRITOS: os que prestarem ao Clube e ao esporte em geral serviços que mereçam tal distinção;
- HONORÁRIOS: aos que embora não sócios e mesmo domiciliados fora desta cidade, tenham prestado serviços relevantes ao Clube;

---

<sup>10</sup> OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE. Estatuto Social de 1920. p.03.

- CORRESPONDENTES: os que residirem fora desta cidade, promoverem e defenderem os interesses deste Clube, onde residirem;
- REMIDOS: os que pagarem as suas mensalidades durante 30 anos interruptos;
- ESPORTISTAS: os que por suas condições atléticas forem escritos para representar o Clube, em torneios, competições ou qualquer esporte patrocinada pela entidade a que estiver filiado. Esta categoria subdivide-se em: Profissionais e Amadores.
- CONTRIBUINTES: são aqueles que solicitarem a sua admissão, forem aceitos e pagarem as contribuições devidas, subdividindo-se em:
  - a) Ferroviários: os que descontarem suas mensalidades em folha de pagamento da Rede Paraná – Santa Catarina;
  - b) Particulares: os que não sendo ferroviários, efetuarem o pagamento por intermédio do Cobrador do Clube;

Ainda quanto a significação da presença dos ferroviários encontramos nos estatutos que normatizaram o clube, que até a década de 70 era obrigatória a presença de pelo menos 50% de ferroviários no Conselho Deliberativo do Clube.

Com relação a fundação dos clubes sociais MEZZADRI<sup>10</sup>, trata da importância destas instituições no processo de construção da estrutura esportiva do Estado do Paraná. Este autor indica a presença de quatro grupos diferentes de clubes existentes no Estado até o final do século passado e início deste século, classificando-os da seguinte maneira:

1º) Entidades culturais, literárias e políticas, na qual os indivíduos compartilham posicionamentos ideológicos semelhantes;

---

<sup>10</sup> O livro de atas mais antigo que está em posse da diretoria do OFEC é do ano de 1916. Muitos livros de ata e documentos do clube foram extraviados nas constantes mudanças de sede desta entidade.

2º) Entidades constituídas por pessoas de alto poder aquisitivo, cujo objetivo era perpetuar os comportamentos sociais da elite;

3º) Entidades organizadas pelos imigrantes europeus, que objetivavam a manutenção das tradições de seus países;

4º) Entidades beneficentes operárias, criadas para auxiliar nas dificuldades dos operários.

É um fator comum em todos grupos o clube social enquanto um elemento (locus) de ligação entre o imigrante e a sociedade local. Até o ano de 1910 existia em Ponta Grossa os seguintes clubes sociais: Sociedade Odrozowie (poloneses), Dante Alighieri (italianos), 13 de Maio (negros), Germânia (alemães), União Síria Pontagrossense (sírios), Pontagrossense (elite da cidade), Democrata (pessoas de menor poder aquisitivo)<sup>11</sup>.

Os clubes sociais serviram neste momento como um catalisador para pessoas de mesma origem étnica, financeira ou ideológica. Foi o que ocorreu posteriormente com a equipe do OFEC, na qual a partir de um grupo de pessoas lideradas por funcionários da rede ferroviária fundou-se o clube social em torno da prática do futebol, é interessante percebermos que este clube tem como característica marcante em sua fundação a equipe de futebol, não existindo outro patrimônio social, ou seja, o Operário Ferroviário Esporte Clube foi um clube construído a partir da prática do futebol, no qual as pessoas que vão para este clube estão dispostas inicialmente a incentivar e posteriormente a consumir este produto.

Após a fundação do OFEC, ele se torna o grande representante da cidade no cenário

---

<sup>11</sup> MEZZADRI, Fernando Marinho. **(PILATTI EU NÃO CONSEGUI A REFERÊNCIA COMPLETA COM O FERNANDO SERÁ QUE VOCÊ PODERÍA COMPLETAR)**.

<sup>12</sup> MONASTIRSKY, L. B. *Op cit*, p. 59.

futebolístico, fato este que pode ser justificados através dos resultados que esta equipe obteve durante a sua trajetória histórica, na qual durante muito tempo foi considerada a melhor equipe profissional do interior do Estado, sendo a equipe que mais títulos obteve no futebol citadino e criou uma forte identificação com os torcedores pontagrossenses, que compareciam em grande número aos jogos desta equipe<sup>12</sup>.

Entretanto percebemos que a trajetória do OFEC foi sempre instável, marcada por momentos de sucesso através de boas campanhas dentro do campeonato paranaense, as quais repentinamente eram seguidas por momentos de decadência. Nestes momentos de enfraquecimento da equipe o principal objetivo da diretoria do clube passava a ser a tentativa de fazer com que a equipe continuasse a existir, ou seja, nestes momentos de crise, não se buscava a montagem de equipes que pudessem obter bons resultados dentro de campo, pois a preocupação maior passava a ser a “sobrevivência” do OFEC no futebol profissional.

Os momentos de instabilidade desta equipe podem ser melhor visualizados no quadro a seguir, o qual demonstra as classificações obtidas pelo OFEC no campeonato paranaense<sup>13</sup>.

<b>ANO</b>	<b>COMPETIÇÃO</b>	<b>COLOCAÇÃO</b>	<b>Nº EQUIPES</b>	<b>PRESIDENTE</b>
1955	Paranaense 1ª divisão	6º lugar	10	João Miguel Maia
1956	Paranaense 1ª divisão	4º lugar	13	João Miguel Maia
1957	Paranaense 1ª divisão	5º lugar	11	Dino Coli
1958	Paranaense 1ª divisão	2º lugar	11	Dino Coli

<sup>13</sup> Segundo dados fornecidos pela Federação Paranaense de Futebol, o OFEC em diversos campeonatos principalmente no campeonato de 1984, onde obteve a maior renda do interior com um público médio de 11 mil pessoas. FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL. **Relatório financeiro**. 1984.

Estão em destaque os momentos em que o OFEC cai para a segunda divisão, pois estes momentos serão significativos para compreendermos a problemática a ser analisada.



1959	Paranaense 1ª divisão	7º lugar	11	Alceu Marques Guimarães
1960	Paranaense 1ª divisão	6º lugar	12	Henri Singer
1961	Paranaense 1ª divisão	2º lugar	15	Henri Singer
1962	Paranaense 1ª divisão	3º lugar	15	Henri Singer
1963	Paranaense 1ª divisão	10º lugar	15	Henri Singer
1964	Paranaense 1ª divisão	8º lugar	15	Odilon Antunes Mendes
1965	Paranaense 1ª divisão	12º lugar	13	Henri Singer
1966	<b>Paranaense 2ª divisão</b>	<b>2º lugar</b>	<b>12</b>	<b>Henri Singer</b>
1967	<b>Paranaense 2ª divisão</b>	<b>S/classificação</b>	<b>13</b>	<b>Omari Villaca Mongruel</b>
1968	<b>Paranaense 2ª divisão</b>	<b>S/ classificação</b>	<b>16</b>	<b>Orlando D'George</b>
1969	<b>Paranaense 1ª divisão</b>	<b>1º lugar</b>	<b>16</b>	<b>Alexandre Walter</b> <b>Wilson Rocha Moreira</b>
1970	Paranaense 1ª divisão	12º lugar	14	Doro Pery Baroncini
1971	Paranaense 1ª divisão	7º lugar	20	Doro Pery Baroncini
1972	Paranaense 1ª divisão	4º lugar	15	Odilon Mendes Antunes
1973	Paranaense 1ª divisão	3º lugar	12	Odilon Mendes Antunes
1974	Paranaense 1ª divisão	8º lugar	11	Odilon Mendes Antunes
1975	Paranaense 1ª divisão	11º lugar	12	Odilon Mendes Antunes
1976	Paranaense 1ª divisão	12º lugar	14	Odilon Mendes Antunes
1977	Paranaense 1ª divisão	15º lugar	16	Bernardo Brito Costa
<b>1978</b>	<b>Paranaense 1ª divisão</b>	<b>Licenciado</b>		<b>Bernardo Brito Costa</b>
1979	Paranaense 1ª divisão	9º lugar	18	Antônio Luís Mikulis
1980	Paranaense 1ª divisão	14º lugar	20	Antônio Luís Mikulis

1981	Paranaense 1ª divisão	6º lugar	13	Antônio Luís Mikulis
1982	Paranaense 1ª divisão	5º lugar	12	Antônio Luís Mikulis
1983	Paranaense 1ª divisão	12º lugar	12	Omari Villaca Mongruel
1984	<b>Paranaense 2ª divisão</b>	<b>4º lugar</b>	<b>11</b>	<b>Djalma de Almeida César</b>
1985	<b>Paranaense 2ª divisão</b>	<b>2º lugar</b>	<b>09</b>	<b>Dino Colli</b>
1986	<b>Paranaense 2ª divisão</b>	<b>S/ classificação</b>	<b>12</b>	<b>Messias Aparecido</b>
1987	<b>Paranaense 2ª divisão</b>	<b>S/ classificação</b>	<b>10</b>	<b>Altamir Rodrigues</b>
1988	<b>Paranaense 2ª divisão</b>	<b>S/ classificação</b>	<b>14</b>	<b>Altamir Rodrigues</b>
1989	Paranaense 1ª divisão	13º lugar	21	Antônio Luís Mikulis
1990	Paranaense 1ª divisão	4º lugar	26	Antônio Luís Mikulis
1991	Paranaense 1ª divisão	3º lugar	12	Antônio Luís Mikulis
1992	Paranaense 1ª divisão	3º lugar	12	Antônio Luís Mikulis
1993	Paranaense 1ª divisão	12º lugar	12	Carlos Roberto Yurk
<b>1994</b>	<b>Paranaense 1ª divisão</b>	<b>Licenciado</b>		<b>Carlos Roberto Yurk</b>
<b>1995</b>	<b>Paranaense 1ª divisão</b>	<b>Desfilado</b>		<b>Carlos Roberto Yurk</b>

Uma simples verificação quantitativa desta tabela de resultados nos fornece indicadores para percebermos que o OFEC viveu momentos instáveis em sua trajetória histórica. Não obstante temos consciência que isto não é uma situação que ocorre apenas com esta equipe, pois como indica SUZUKI JÚNIOR numa série de artigos em que ele escreve para a Folha de São Paulo, intitulados: - “Como ganhar no futebol hoje” - os quais fornecem referências do conjunto das principais exigências para se montar uma equipe vencedora no futebol contemporâneo.

Partindo desta leitura e dos resultados existentes na grande maioria das equipes do futebol brasileiro, podemos facilmente visualizar que as instabilidades fazem parte do cotidiano das equipes de futebol. Neste sentido SUZUKI JR nos forneceu alguns indícios que colaboram substancialmente para entendermos as possíveis causas de instabilidade de uma equipe de futebol. Vejamos como o autor se posiciona sobre este assunto:

- 1º) para se ganhar uma partida de futebol vários fatores interferem diretamente, entre os quais ele destaca a sorte, um frango do goleiro adversário, um pênalti que o juiz deu erradamente, uma falha do zagueiro... (provavelmente cada torcedor de futebol teria um motivo para acrescentar nesta lista);
- 2º) um time de futebol não depende de uma única vitória e sim de resultados positivos que lhe possibilite estar entre as melhores equipes (ou ser a melhor) do campeonato. Para se vencer um campeonato o autor alerta que vamos depender muito menos da sorte e muito mais de um conjunto de fatores complexos; onde destaca-se um grande grupo de jogadores que estejam com um nível técnico semelhante, um trabalho efetivo nas divisões de base, a capacidade de captar dinheiro (patrocínio, ações, bilheteria, direito de arena, exploração da marca, etc.), é preciso ter um bom planejamento e um ótimo relacionamento interno. Esta lista também pode ser infundável, mas serve como ponto de partida para a nossa análise, tendo em vista que o autor aponta para algumas “obrigações administrativas” como fundamentais para que se possa ter uma equipe vencedora no futebol contemporâneo.

Assim como o autor supracitado apresenta diversas situações que podem interferir no rendimento de uma equipe, quando comecei a desenvolver o estudo percebi que são inúmeros os fatores que podem levar uma equipe de futebol profissional a se licenciar da Federação a qual ela pertence, e que cada um destes fatores mereceria um estudo aprofun-

dado para ver a sua escala de importância, ou a sua contribuição para a “falência” do time, mas este tipo de análise foge aos objetivos deste estudo. Não obstante, sabemos que não foi um único problema que possibilitou a “extinção” do OFEC, mas a somatória de inúmeros fatores de ordem estrutural, tais como:

- o enfraquecimento da Rede Ferroviária que inicialmente foi o órgão mantenedor desta equipe;
- o processo de industrialização da cidade, no qual com a chegada das multi - nacionais ocorre um processo de migração para a cidade de pessoas oriundas de outros centros urbanos, as quais trazem consigo seus hábitos, dentre os quais a paixão clubística do futebol;
- o avanço tecnológico e o aumento do calendário do futebol brasileiro, no qual se pode assistir quase que diariamente jogos das mais diversas localidades do Brasil e do mundo;
- as exigências deste campo esportivo, principalmente através das novas possibilidades de se arrecadar recursos para montar uma equipe competitiva e desta forma criar uma demanda que permitisse a manutenção desta equipe.

Entretanto, optamos por trabalhar com a questão do gerenciamento do OFEC, para percebermos qual foi o impacto causado por este setor para o desfiliação da equipe de futebol profissional deste clube da Federação Paranaense de Futebol (FPF). Pretendemos portanto, nos atermos mais a esta problemática, sendo que para isto optamos em visualizarmos os momentos em que esta equipe esteve em declínio, abordando mais especificamente a duas questões fundamentais:

- 1) Qual era a situação do clube quando o OFEC caía para a Segunda divisão?
- 2) Quais foram as forças que o impulsionaram para a sua recuperação e possibilitaram a superação desses momentos críticos.

Este acompanhamento histórico servirá de referencial para compreendermos porque o OFEC conseguiu superar as crises ocorridas no passado (décadas de 60, 70 e 80) e não sobreviveu a crise da década de 90, sendo “necessário” neste momento a sua desfiliação do futebol profissional.

Embora tenha sido desenvolvido um estudo de caso, acreditamos que este trabalho poderá ajudar na compreensão de outras equipes de futebol que possuam características semelhantes ao OFEC, pois o modelo de análise utilizado oferece subsídios para refletirmos sobre a realidade encontrada em grande parte das equipes de futebol profissional existentes em cidades do interior.

\* \* \*

### **REPRESENTAÇÕES METODOLÓGICAS**

Vamos inicialmente fazer uma apresentação sucinta da fundamentação utilizada nas entrevistas realizadas de forma oral. Neste sentido torna-se necessário esclarecermos que a história oral serviu como um suporte teórico - metodológico para subsidiar as entrevistas.

Entrevistar alguém não é o simples fato de empunharmos um gravador e sairmos por aí escutando aqueles que desejam falar sobre a sua vida ou determinada temática. Na realidade a entrevista oral é uma construção/interpretação do passado de forma atualizada, utilizando-se da linguagem falada.

Entretanto, é bom salientarmos que não existe coleta de dados sem pressupostos teóricos, pois conforme nos alerta BOURDIEU “a mensuração, os instrumentos quantitativos e, de modo geral, todas as operações da prática sociológica, desde a elaboração de questionários e a codificação até a análise estatística, são teorias em atos a título de procedimento de construção, consciente ou não, de fatos e de relações entre os fatos”<sup>14</sup>.

Para que possamos estabelecer a inter – relação entre os fatos, ou simplesmente selecionarmos as pessoas que constituirão o corpus da entrevista torna-se necessário um sustento teórico, caso contrário corremos o risco de transformarmos este procedimento em uma simples conversa causuística de pouca significação e nenhuma relevância científica.

Se voltarmos no tempo, veremos que a metodologia aqui empregada começa ter ascendência a partir dos anos 60<sup>15</sup>, momento em que a história oral se firma como método científico e apresenta duas transformações fundamentais que colaboraram para a sua valorização científica. Vejamos:

- 1º) Ao contrário de sua prática anterior passou-se a utilizar o recurso do gravador, que “congela” o depoimento, permitindo a sua consulta e avaliação a qualquer tempo, fazendo com que se passe a utilizar procedimentos técnicos de gravação e tratamento da entrevista;
- 2º) Deixou-se de negar a entrevista oral a qual era vista como um procedimento positivista, pois anteriormente a entrevista realizada com uma pessoa significativa era suficiente para retratar o tema estudado, ou então as entrevistas eram realizadas em grande quantidade na qual o resultado saia a partir de uma análise quantitativa das respostas, sem nenhum tipo de análise qualitativa dos dados.

---

<sup>14</sup> BOURDIEU, Pierre. (et all) *Le Métier de Sociologue*. Mouton: Paris – Haio, 1973, p. 59

<sup>15</sup> BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 116

Com o avanço científico desta técnica percebeu-se que cada entrevista é uma versão singular do passado, desta forma esta metodologia se torna tão mais eficiente, quanto maior for o poder de análise do entrevistador. Aqui entramos em um terreno teórico bastante delicado, pois como poderíamos enriquecer estas entrevistas?

O trabalho foi facilitado pela obra de BECKER<sup>16</sup>, métodos de pesquisa em ciências sociais, fundamentalmente no seu capítulo 5 (cinco), intitulado “Observação social e estudos de caso sociais”. Neste capítulo o autor mostra que o caso estudado em ciências sociais não é normalmente o de um indivíduo e sim de uma organização ou comunidade. Neste tipo de estudo a entrevista nos auxilia a percebermos os problemas que muitas vezes ficam ocultos na documentação escrita e que emergem na fala do entrevistado, desta maneira quando se realiza a entrevista devemos estar preparados para trabalhar com uma grande variedade de problemas. Não obstante é bom salientarmos que é utópico acreditar que se pode dar conta de analisar tudo que se acredita ser relevante.

Desta maneira optamos em analisar uma única problemática (administração do OFEC), por acreditarmos inicialmente que este é um motivo que colaborou fortemente para o desaparecimento desta equipe. Becker nos chama a atenção nos sentindo de percebermos que:

A meta abrangente do estudo de caso, contudo, mesmo que não seja alcançada, tem consequências importantes e úteis. Prepara o investigador para lidar com descobertas inesperadas e, de fato, exige que ele reoriente seu estudo à luz de tais desenvolvimentos. Força-o a considerar, por mais que de forma rudimentar, as múltiplas relações dos fenômenos específicos que observa. E evita que ele faça pressuposições que podem se revelar incorretas sobre questões relevantes, ainda que tangenciais para seus interesses principais. Isto acontece porque um estudo de caso quase sempre fornece alguns fatos para guiar estas pressuposições, enquanto os estudos com procedimentos de coleta de dados mais limitados são obrigados a pressupor o que o observador que faz o estudo de caso pode verificar.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 117-134.

Neste sentido vemos que no processo da coleta de dados a entrevista oral é legítima como fonte, porque não induz a erros mais do que as outras fontes documentais e históricas, ou será que o conteúdo de um documento é menos sujeito a distorções factuais do que uma entrevista gravada?

O que se pode perceber é que cada vez mais está aumentando a contribuição das técnicas orais, não pelo descrédito das fontes escritas, mas pelo seu avanço técnico e metodológico, fato este que tem lhe proporcionado maior credibilidade frente a comunidade acadêmica.

CAMARGO<sup>18</sup>, indica que é importante não esquecermos que a contribuição da entrevista oral é sempre maior naqueles temas pouco estudados da vida social, fato este que está presente nos estudos voltados para o futebol<sup>19</sup>, que só recentemente começaram a ser abordados como fenômenos sociais. Estas áreas pouco estudadas apresentam zonas de obscuridade, muitas vezes resultantes pela ausência de fontes oficiais, de documentos que em determinada conjuntura acabam desaparecendo sem nenhum motivo plausível.

Desta maneira ao realizarmos a entrevista estamos ampliando o entendimento da temática e a conjuntura do passado, através do estudo de versões particulares, as quais nos possibilitam entender o tema a partir do indivíduo que o viveu, ou seja, podemos suprir certas lacunas teóricas através da análise dos diferentes testemunhos. As fontes somadas as entrevistas podem proporcionar condições para um certo grau de generalização dos resultados de trabalho, para permitir que se retire do conjunto dos depoimentos realizados material

---

<sup>17</sup> BECKER, Howard S. *Op cit*, p.119.

<sup>18</sup> CAMARGO, Aspásia. In: História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro – Centro de pesquisa e documentação da história contemporânea do Brasil, 1989. P. X.

<sup>19</sup> Cf. ELIAS, Norbert. A busca da Excitação. Lisboa: DIFEL, 1992. Nesta obra o autor indica alguns motivos que levaram os esportes a ficarem fora dos temas de análise da Sociologia.



teórico suficiente que possibilite responder as perguntas oriundas da problemática do trabalho.

Neste contexto não se torna um grande problema o entrevistado esquecer ou distorcer o seu relato, pois o mais importante passa a ser a inclusão de suas experiências dentro do corpus teórico existente. É o que relata ALBERTI:

... a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, nem tampouco no preenchimento de lacunas que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade decorre de toda uma postura com relação a história e as configurações sócio - culturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu<sup>20</sup>.

É interessante percebermos que por mais que busquemos, é impossível reconstituirmos o real tal como ele foi/é, não obstante, tentamos cada vez mais nos aproximarmos da ocorrência dos fatos, pois só desta maneira conseguimos revelar aquilo que nos propomos ao estudar determinada temática. Neste sentido vemos que a história oral enquanto um método de pesquisa não é um fim em si mesmo, e sim um meio de ampliação e conhecimento sobre o passado.

A história oral será utilizada neste estudo como um recurso complementar, no qual será estabelecido um diálogo entre entrevistador e entrevistado de maneira que se possa colher as informações necessárias para entendermos como era administrado o Clube Operário Ferroviário Esporte Clube, uma vez que esta era a instituição mantenedora da equipe de futebol profissional que o representava. Tal abordagem será feita na mesma linha de argumentação de ALBERTI, ao mostrar que “ a produção deliberada do documento de história oral permite recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza [...] informa-

---

<sup>20</sup> ALBERTI, Verena. Op cit. P.5

ções inéditas que podem ser resgatadas durante uma entrevista de história oral e confrontadas com outros documentos escritos e/ou orais.”<sup>21</sup>

Devido aos objetivos deste trabalho, optou-se pela entrevista temática, pois este tipo de técnica preocupa-se especificamente com a participação do entrevistado no tema escolhido como objeto principal. As entrevistas serão concentradas em um período de vida dos entrevistados, mas especificamente à partir do momento em que eles passaram a ter um contato direto com o OFEC. Não obstante as perguntas poderão ser transformadas de acordo com as informações que forem captadas durante a fala. Com base nesta possibilidade de flexibilização da entrevista, será estabelecido um roteiro geral o qual não será utilizado como uma camisa de forças e sim como um fio condutor que visa estimular os entrevistados a explorarem a sua memória.

A escolha dos entrevistados estará diretamente ligada aos objetivos da pesquisa, no qual se busca compreender os motivos que levaram o OFEC a abandonar o cenário futebolístico paranaense. A partir deste objetivo a da estruturação das hipóteses, na qual se aponta para o modelo administrativo da equipe como fator fundamental para o seu fracasso esportivo, é que foram estabelecidas categorias para que pudéssemos definir quais os sujeitos seriam entrevistados.

O critério será baseado na posição que o entrevistado ocupou em determinado momento da trajetória do OFEC, e quais os fatos significativos ocorreram durante a sua permanência no clube. Entendemos que desta maneira o entrevistado pode oferecer mais do

---

<sup>21</sup> Ibidem.

que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre informações “desconhecidas” sobre fatos significativos ocorridos na conjuntura da equipe na época.<sup>22</sup>

A construção deste modelo, seguiu a proposta estabelecida por G. MICHELAT<sup>23</sup>, na qual ele apresenta 3 fases interdependentes da construção metodológica:

- 1) Escolha de um pequeno número de pessoas diversificadas representativas do assunto estudado. Não se trata de amostragem, mas sim de seleção dos indivíduos em função dos critérios do investigador. A seleção deve incluir representantes das posições as mais diversas. Mesmo com as indicações feitas por este autor, entendemos que a escolha dos entrevistados deve levar sempre em consideração os objetivos da pesquisa.
- 2) Gravação das entrevistas conduzidas sem imposição de problemática. O ponto de partida é dado pela instrução do pesquisador. No decorrer da entrevista, o entrevistador permanece numa situação de “atenção flutuante” que permite estimular o entrevistado a explorar o seu universo cultural sem questionamento forçado.
- 3) A análise do conjunto das entrevistas selecionadas (corpus), levanta as verbalizações assim como as hesitações, os silêncios, os risos, os lapsos, etc., que são considerados reveladores de significação latente.

Com base nesta proposta as perguntas contidas no roteiro visam estimular os representantes a explorarem o seu universo intelectual. Em vez de ser incitado a manifestar apenas afetos ou opiniões, o entrevistado será convidado a descrever o que ele conhece a partir da sua vivência.

---

<sup>22</sup> A esse respeito Cf. Aspásia Camargo. História oral e história. Conferência realizada no I Seminário Brasileiro de Arquivos Municipais, Rio de Janeiro, UFT 2 – 6 Ago. 1976. p.4 –5.

<sup>23</sup> Michelat, G. e Simon, M. Classe, Religion et Comportement Politique, Preces de La Fondation Nationale de Sciences Politiques & Edition Sociales, Paris, 1977, 498 p.

Para preservarmos a identidade dos entrevistados, foi criado um quadro indicativo no qual será apresentado a função e o período que o entrevistado esteve ligado ao clube. Tal procedimento foi adotado a partir da percepção de que muitas informações estavam sendo sonogadas para preservação da imagem do entrevistado. Desta forma, sempre que uma entrevista for utilizada a chamada será feita ao final da fala e poderá ser conferida com o quadro indicativo (conferir página 129).

\* \* \*

### **PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE**

Buscamos neste momento indicar os procedimentos que foram utilizados para a análise das entrevistas, relativas ao modo como os integrantes deste campo esportivo se manifestaram sobre questões relativas ao gerenciamento da equipe estudada. Esta análise é essencialmente temática e qualitativa, constituindo unidade de registro os próprios temas apresentados nas palavras dos entrevistados.

Os dados serão interpretados através da análise de conteúdo, o que nos permitirá descobrirmos situações presentes nas mais variadas manifestações sociais, que podem ser captadas através da fala e/ou de documentos oferecidos pelos entrevistados e que podem fornecer informações importantes, antes desconhecidas.

A análise de conteúdo é uma técnica que vem se aperfeiçoando a mais de meio século, contribuindo fundamentalmente para os pesquisadores das ciências sociais, os quais

tem se preocupado com as diversas formas de comunicação e disputas entre os homens em sociedade<sup>24</sup>.

Enquanto um procedimento metodológico, ela pode contribuir para descobrir as manifestações coletivas tanto quanto as individuais. É o que fazem os psicólogos ao interpretar a fala de seus pacientes, ou outros profissionais que se preocupam com a comunicação das massas, deste forma vemos que “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”<sup>25</sup>.

A análise do conteúdo seguirá os princípios apontados por BARDIN, no qual ele fornece subsídios para identificarmos os aspectos temáticos mais gerais que tratam do discurso dos entrevistados. Neste sentido, foi realizada uma leitura mais abrangente procurando identificar a fala dos entrevistados em suas mais sinuosas representações sobre a problemática estudada. Tal procedimento é identificado por BARDIN como leitura flutuante, a partir do qual serão extraídos os temas abrangentes chamados de unidades de registro e que servirão de apoio na transformação dos relatos em dados científicos, no qual o tema poderá ser uma afirmação a respeito de determinado assunto, ou explicações dos sujeitos a respeito destes assuntos, os quais serão submetidos a análise qualitativa tendo em vista que a maioria das informações não foram publicadas anteriormente.

\*

\*

\*

---

<sup>24</sup> BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Persona, 1977, p. 38.

<sup>25</sup> Ibidem.

## Capítulo I - Parte I

### O INÍCIO DO OFEC: o que é ser um clube de futebol profissional no interior

A década de 30 foi um momento decisivo para a estrutura do futebol brasileiro, pois foi neste período em que o Brasil se vê obrigado a assumir o profissionalismo para os jogadores de futebol. Entretanto esta situação vai ocorrendo em diferentes temporalidades, pois não eram todos os clubes que possuíam condições financeiras suficientes para manter uma equipe formada por jogadores profissionais, desta forma durante o início do profissionalismo era normal encontrar jogadores profissionais que mantinham uma atividade paralela para complementar a sua renda.

Com o advento do profissionalismo e dos campeonatos estaduais ocorreram sérias diferenciações nas possibilidades de arrecadações dos clubes e conseqüentemente na forma de montagem e manutenção de suas equipes, é o que indica PRONI ao tratar deste momento:

Desde os anos quarenta, com o surgimento dos campeonatos estaduais, o patrimônio dos clubes e o tamanho das torcidas estabeleceram uma clara hierarquia entre “grandes” e “pequenos”. Obviamente a situação financeira das equipes do interior sempre foi mais precária, mas de um modo geral, todas as equipes atravessam períodos de desequilíbrio orçamentário. Porém, a capacidade de montar e manter times competitivos sempre dependeu das condições econômicas dos clubes e da habilidade de sua diretoria em encontrar fontes complementares de recursos. Assim, a necessidade de arrecadar mais dinheiro (inclusive com a promoção de jogos adicionais) e de valorizar o passe do jogadores foi uma constante desde então.<sup>26</sup>

Esta situação está presente na trajetória do futebol paranaense, o qual realizou o seu primeiro campeonato estadual de profissionais no ano 1933 contando com a presença de

---

<sup>26</sup> PRONI, Marcelo W. Esporte espetáculo X futebol empresa. (Tese de Doutorado). Campinas: São Paulo, 1999, p.108.

apenas cinco equipes e todas elas oriundas da capital.<sup>27</sup> Neste período a situação do futebol paranaense era bastante confusa, pois mesmo havendo equipes com uma melhor situação financeira como aquelas que participaram do 1º Campeonato Estadual de Futebol Profissional, naquele momento “o profissionalismo no futebol aqui, não era bem assimilado e pouco aceito pela maioria. Os jogadores estavam acostumados a treinar apenas duas vezes por semana (no máximo), e jogar apenas em domingos ou feriados”<sup>28</sup>.

Dentro desta estrutura ainda incipiente as equipes vão vagarosamente assumindo o profissionalismo. Fato este que ocorre no futebol Pontagrossense apenas na década de 50, quando as duas maiores forças futebolísticas da cidade, o Guarani Esporte Clube e Operário Ferroviário Esporte Clube resolvem assumir o profissionalismo para os seus jogadores.

O Guarani Esporte Clube, foi fundado no dia 26 de julho de 1914, com o nome de Guarani Sport Club, nome inspirado na obra de Carlos Gomes “O Guarani”. A criação deste clube foi apoiada pela classe de comerciantes de Ponta Grossa (uma classe de boa situação econômica), com intuito de fazer frente ao Operário Ferroviário Esporte Clube.<sup>29</sup> Pela origem financeira favorecida desta equipe, ela foi a primeira equipe profissional da cidade a participar do campeonato estadual em 1954, assim como a primeira equipe de futebol do Estado do Paraná a excursionar para fora do Estado em 1917.

Com o advento do profissionalismo no futebol de Ponta Grossa é interessante percebermos que os jogadores foram deixando de lado os objetivos primários (convergência de ideologia, manutenção da cultura imigrante, diferenciação de classe...) que os ligavam em

---

<sup>27</sup> A respeito do momento introdutório do profissionalismo no futebol paranaense existem poucos estudos, mas encontramos algumas referências em MACHADO, H. I. & CHRESTENZEN, L. M. Futebol, Paraná, História. Curitiba: Grafipar, 1991, p.71. Sobre o mesmo assunto cf. CARDOSO, Francisco Genaro. História do Futebol Paranaense. Curitiba: Grafipar, 1978.

<sup>28</sup> MACHADO, H. I. *Ibidem*.

torno de um determinado clube social, e passaram a representar aquele clube que lhe possibilitava mais vantagens econômicas e isto pode ser percebido entre Guarani e OFEC que neste momento disputavam quem iria conseguir atrair os melhores jogadores da cidade, sendo a vantagem atribuída para o Guarani que conseguiu montar uma boa equipe levando alguns valores que no ano anterior haviam representado o OFEC.<sup>30</sup>

Ao buscarmos a data de fundação do Operário Ferroviário Esporte Clube, encontramos as seguintes informações. Segundo NADAL “... jovens princesinos liderados por João Fernandes, iniciaram tentativas para a formação de um time, que tornou-se realidade no dia 1º de Maio de 1912 e levou o nome Operário Ferroviário Esporte Clube (sic), em homenagem a data do dia do trabalho”<sup>31</sup>. Esta data também pode ser observada nos documentos oficiais do clube e na sua flâmula que traz as seguintes palavras “Operário Ferroviário Esporte Clube - fundado em 1º de Maio de 1912”<sup>32</sup>.

O OFEC assume o profissionalismo em um momento no qual ele vivia uma fase bastante promissora, começando a participar do campeonato estadual paranaense no ano de 1955. Várias matérias presentes nos jornais indicam que este momento deixou saudades para os torcedores desta equipe, pois até aproximadamente meados da década de 60 as equipes montadas sob a tutela das Ferrovias, serviam de exemplo para o modelo profissional que buscava ainda a sua configuração.

Não obstante, aquilo que parecia ser o protótipo de uma administração desportiva acabou entrando em crise e falindo, entre os vários motivos podemos destacar a decadência

---

<sup>29</sup> JORNAL DA MANHÃ. Guarani, 1º paranaense a excursionar. Caderno Especial de Esportes. Ponta Grossa, 04 de julho de 1984.

<sup>30</sup> JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS. Operário Ferroviário Esporte Clube irá estreiar sem contratações. Ponta Grossa, 13 de abril de 1955.

<sup>31</sup>NADAL, Osires. A imprensa e o futebol brasileiro. Palestra proferida na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 13 de Novembro de 1997.



das ferrovias e o enfraquecimento do capital estatal os quais não pouparam os clubes de futebol. O modelo atual aponta para outros caminhos e alternativas daquilo que era feito a décadas atrás, onde a mensalidade dos associados e as colaborações da empresa através da facilitação de horários e serviços para o jogador operário, cedendo o transporte e/ou estimulando seu funcionários a descontarem em folha a sua contribuição para o clube, e que durante algum tempo eram suficientes para manter a equipe de futebol.

O Operário Ferroviário Esporte Clube em 1956 formou uma equipe profissional e no mesmo ano se tornou o campeão do interior, disputando em condições de igualdade com os times da capital e sendo praticamente imbatível no seu estádio em Vila Oficinas, onde era empurrado aos sons de apitos de trens e buzinas de caminhões.<sup>33</sup> Neste ano o campeonato paranaense teve o seu início retardado em quase dois meses devido as divergências ocorridas entre os clubes da capital e os clubes do interior, principalmente pelas dificuldades financeiras que as equipes do interior apresentavam quanto ao pagamento de sua locomoção, estadia e divisão de rendas. Após muita negociação chegou-se ao consenso que a renda do jogo seria sempre do clube mandante e que os clubes do interior teriam direito as despesas de transporte e estadia na capital que seriam retiradas da renda do jogo.<sup>34</sup>

O OFEC neste momento vivia uma época próspera, sem problemas financeiros significativos, com o transporte facilitado pela Rede Ferroviária e sua arrecadação vindo basicamente dos funcionários desta empresa, torcedores e associados do clube, que sentiam-se orgulhosos pela aquisição dos terrenos comprados para ampliação do clube.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> Cf. MACHADO, H. I. & CHRESTENZEN, L. M. *Op cit*, p.406. Pode-se também conferir esta data em qualquer documento oficial do clube, como: - bandeira, recibo de pagamento da mensalidade, flâmulas...

<sup>33</sup> NADAL, Osires. *Op Cit*.

<sup>34</sup> Cf. Diário dos Campos. *Jornal*. Operário Ferroviário Esporte Clube. Página de Esportes, 17/08/56.

<sup>35</sup> REDE FÉRREA FERROVIÁRIA S.A. Relatório do balanço anual do ano de 1956.

Em 1957 os jornais (Diário dos Campos, Tribuna do Paraná e Gazeta do Povo- todos jornais do Estado do Paraná) destacam o Trio de Ferro da capital paranaense, formado por Atlético, Coritiba e Ferroviário, os quais seguiam liderando o certame, porém sempre seguidos de perto pela dupla pontagrossense, Operário e Guarani.

Em 1958, o Operário Ferroviário Esporte Clube vem com uma boa equipe e torna-se vice - campeão do Estado. A situação financeira do clube era estável; neste ano começavam a desaparecer as primeiras equipes profissionais do interior do Estado, em Monte Alegre e Jacarezinho. Como o OFEC estava com uma situação financeira favorável, ele contrata os melhores jogadores destas equipes para reforçar o seu plantel.<sup>36</sup>

Neste ano a equipe fica conhecida como “O Fantasma de Vila Oficinas”, devido a sua notável campanha, na qual chegou ao final do campeonato apenas dois pontos atrás do campeão – Atlético Paranaense e tendo o jogador Zeca como artilheiro da competição com 26 gols.

A boa fase da equipe é confirmada na década de 60. Para que possamos melhor nos situarmos naquele contexto, vamos tentar entender como os campeonatos eram disputados naquele momento.

Desde 1958 devido as questões financeiras dos clubes o Campeonato Paranaense era dividido em duas zonas (Zona Sul e Zona Norte). Em 1961 após ter ficado em terceiro lugar no primeiro turno, o OFEC vence o segundo turno e decide o título zonal com o Coritiba .Após a realização de quatro jogos o Coritiba seria campeão devido ao seu saldo de gols (+1). Entretanto o OFEC entra com recurso no TJD da Federação Paranaense de Futebol, reivindicando os pontos das duas primeiras partidas do play off, nas quais o Coritiba utili-

---

<sup>36</sup> *Ibid*, 16/06/58.

zou o jogador paraguaio Agapito Briez Sanches. Este atleta não estava com a sua situação regularizada, pois naquela época o atleta que vinha de uma equipe para a outra precisava cumprir um estágio na nova equipe e o “Agapito” havia recém chegado de Guarapuava.

O OFEC perdeu a causa em primeira instância, mas entendendo que houve corporativismo em favor da equipe da Capital, recorre ao Supremo Tribunal de Justiça Desportiva da Confederação Brasileira de Desportos (STJD - CBD), o qual só se pronunciou na noite de oito de junho de 1962, data em que o OFEC foi considerado o legítimo campeão desta competição.

Posteriormente o OFEC disputa o título paranaense e perde para o Comercial de Cornélio Procópio que havia sido campeão da zona norte. É interessante salientarmos que as rendas proporcionadas por OFEC e Coritiba, bateram todos os recordes de bilheteria que existiam até aquele momento no futebol paranaense, sendo inclusive comparadas com as rendas obtidas nas competições realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. (No terceiro jogo da decisão realizado em Curitiba, o público foi de 15.080 pessoas pagantes).

Depois de 1961, as coisas começaram a ficar difíceis no futebol pontagrossense. Em 1962 o OFEC fica em terceiro lugar na classificação geral e a partir deste momento podemos notar que ocorre uma fase de decadência nos resultados desta equipe. Neste mesmo período começam a ter destaque as equipes do Norte do Paraná, sendo inclusive criado no ano de 1958 o I Campeonato Profissional da Zona Norte, o qual era disputado por 8 equipes de futebol profissional do Norte do Estado.

As equipes de maior destaque do Norte do Estado foram - Londrina Esporte Clube, equipe surgida em 1956 da fusão entre o Londrina Futebol Clube e o Paraná Esporte Clube Londrina. Esta equipe foi Campeã Paranaense em 1962 e 1981; e também o Grêmio Esportivo Maringá fundado em 1961, Campeão Paranaense em 1963, 1964 e 1977. Estas duas

equipes sempre contaram com o apoio dos fazendeiros e grandes empresas que se fixaram nesta região principalmente pela prosperidade agrícola (café e soja).

Em 1965 a Federação Paranaense de Futebol justificando que a grande maioria dos clubes apresentavam problemas financeiros extinguiu o Torneio Início. Competição que abria a temporada do futebol profissional paranaense e era disputada desde 1918. Neste ano também foi implantada a Lei do Acesso, a qual previa que apenas os seis primeiros colocados da Zona Sul e os seis primeiros colocados da Zona Norte permaneceriam na Divisão Especial (a qual mais tarde tornou-se 1ª Divisão), do próximo ano.

Após estas notas introdutórias vamos a partir deste momento compreender a trajetória profissional do OFEC dentro Campeonato Estadual, onde será salientado os momentos críticos desta equipe e as forças que auxiliaram na sua recuperação.

## Capítulo I - Parte II

### O ANO DE 1966 – A PRIMEIRA QUEDA PARA A “SEGUNDA” DIVISÃO

Neste ano pela primeira vez em sua história o futebol do Paraná teve um campeonato Estadual unificado, reunindo em um único grupo as melhores equipes do sul e do norte do Estado. Esta foi alternativa proposta na tentativa de resgatar o interesse do público que havia abandonado os estádios durante a execução dos últimos campeonatos. Buscou-se uma fórmula na qual a competição seria disputada em um único grupo, tal atitude contou com o apoio de toda a crônica esportiva e do público em geral. O campeonato na Divisão Especial foi disputado por 12 equipes, em forma de turno e retorno, com contagem em pontos corridos.

Neste ano também foi criada a 1ª Divisão para aquelas equipes que não disputavam a Divisão Especial, devido aos resultados obtido no campeonato anterior. O OFEC fazia parte desta divisão e foi campeão da Zona Sul e posteriormente vice - campeão geral da 1ª divisão, ao perder para o Jandaia do Sul o terceiro jogo realizado na cidade de Curitiba.

O que nos interessa neste momento é entendermos como o OFEC, consegue superar este momento de crise no qual ele estava disputando o campeonato fora da divisão de elite, mas apesar disto consegue superar esta crise e acaba voltando para a Divisão Principal.

Para compreendermos o impacto administrativo nos momentos de instabilidade do OFEC utilizaremos como referência central os livros de ata deste clube, tendo em vista a referência feita pelo Presidente do Conselho Deliberativo ao mostrar que: ... “o Conselho

Deliberativo delegará poderes a três dos conselheiros presentes em toda a reunião para conferir e aprovar a ata, escrita ao pé das assinaturas do Livro de Presença. Satisfeita esta formalidade prevalecerá a ata para todos os efeitos legais, devendo ser assinada pelo Presidente e demais membros da mesa diretora” ...<sup>37</sup> Tal atitude nos indica um documento redigido com um certo rigor o que nos permite adotá-lo como um fio condutor para esta discussão.

Ao observarmos os livros de ata do OFEC, podemos destacar algumas situações interessantes e permanentes na sua trajetória histórica. A primeira delas é que os sócios deste clube na sua grande maioria nunca se preocuparam com quem iria administrá-lo e principalmente de que forma esta pessoa estava administrando-o. Fato este que está presente e é destacado na grande maioria das atas, ficando explícito em todas as reuniões em que algo necessita ser decidido por votação , onde neste caso é necessário a presença da metade dos sócios pagantes e nestes casos a reunião sempre aconteceu em segunda convocação, onde a pauta poderia ser decidida com qualquer número de associados. Selecionamos o início de duas atas que mostram claramente esta situação:

Reunião realizada no dia 14 de abril de 1965, para dar posse aos novos membros do Conselho Deliberativo. Iniciada a sessão não havia membros suficientes para a primeira convocação, pois havia somente seis pessoas e a reunião teve ocorrer 1 hora depois em Segunda convocação. Neste dia foi eleita a chapa Renovadora que iria reger os destinos do OFEC no período que terminaria em 1 de julho de 1966, tendo como Presidente o sr. Henry Saldanha Singer<sup>38</sup>

Na segunda passagem selecionada o secretário apresenta o mesmo panorama de 4 anos atrás, o que em última análise nos permite percebermos que o OFEC sempre foi administrado por poucas pessoas:

---

<sup>37</sup> OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE. Ata do dia 11 de maio de 1965.

<sup>38</sup> OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE. Livro de Atas do Conselho Deliberativo – 1937/1966. Ata da Reunião do dia 14 de abril de 1965, pp. 93-94.

Não havendo número presente o senhor presidente Zeno Baroncini, lamentou dizendo que a reunião foi amplamente divulgada pela imprensa local, nos jornais Diário dos Campos e Jornal da Manhã e pelas rádios locais que sempre colaboraram com o clube.

O ex-presidente do OFEC inicia a reunião para prestar contas do período relativo a 1 de janeiro de 1958 à abril de 1959. Novamente lamenta a falta de interesse dos associados que deixaram de comparecer na reunião para saber o que ocorre na administração do clube<sup>39</sup>

É interessante que ao observarmos as atas deste clube vemos que esta situação é constante e que a preocupação dos associados é com a equipe de futebol, que deveria ser competitiva e de bom nível técnico. É o que apresenta CARDOSO, ao indicar as causas de renúncia do Presidente do OFEC em 1959. “... tal o ambiente, que o presidente do Operário Ferroviário, dr. Dino Colli, inconformado pela atitude de seus dirigidos (jogadores) e contrário ao comportamento dos torcedores da agremiação, renunciou dizendo em seu ofício: - Ninguém satisfaz a mais exigente e a mais indisciplinada torcida que eu já vi”<sup>40</sup>

Outro fator bastante interessante e permanente que aparece nos momentos em que a equipe não apresenta bons resultados é a questão econômica do clube, o que poderia nos levar a uma relação causa e efeito, ou seja, quando tem dinheiro em caixa monta-se um time competitivo e consegue-se obter resultados significativos, quando acaba o dinheiro o time entra em decadência, entretanto esta situação nos remete a fatos mais complexos. Por exemplo quando o time estava bem colocado no campeonato os seus jogos estavam entre as maiores rendas do Estado, sendo a maior do interior. Tal fato indica mesmo que hipoteticamente que até um determinado momento a renda das bilheterias possibilitou ao OFEC montar boas equipes, entretanto com o início da Lei do Acesso as exigências aumentaram pois os clubes passaram a investir mais em suas estruturas e desta forma foi necessário buscar outras fontes de arrecadação para formação e manutenção das equipes.

---

<sup>39</sup> *Ibid.* Ata da Reunião do dia 06 de abril de 1969, pp. 34 – 36. Esta situação se repete até o momento atual, cf. Livro de Atas do Conselho Diretor 1995 – 1998.

Diferente dos grandes clubes onde ao invés de entrar em falência o que aumenta é a quantidade de credores, fato este que ocorre por diferentes fatores principalmente pela força das pessoas que os administram, a influência da sua torcida e a manutenção social do próprio clube que sofre influências diretas da existência de uma equipe de futebol. As atas do OFEC e posteriormente as entrevistas indicam que na estrutura administrativa deste clube normalmente era um pequeno grupo de pessoas, ou melhor, o presidente que controlava toda a estrutura do clube, seja ela social, patrimonial, financeira, etc. Desta forma cabe a uma única pessoa tomar as decisões administrativas deste clube.

A responsabilidade do “presidente” era prestar contas anualmente através de um balanço apresentado ao Conselho Deliberativo e ao Conselho Fiscal. É o que indica o estatuto do clube ao mostrar as competências do Conselho Deliberativo: “órgão este que detém o poder soberano do OFEC, após eleito terá poderes para indicar o presidente do clube e acompanhar a sua gestão, podendo interferir diretamente aprovando ou não as suas decisões e realizando anualmente a fiscalização do balancete financeiro do clube juntamente com o Conselho Fiscal”<sup>41</sup>.

Devido a fiscalização ocorrer anualmente, é principalmente no período de transição de uma diretoria para a outra (quando vence a oposição) que os problemas financeiros afloravam/afloram. Fato este que pode ser percebido em 1966 na passagem de uma administração para a outra, onde o acompanhamento das atas nos mostram o encaminhamento da primeira reunião da nova diretoria do clube:

- Nesta reunião a pauta foi a movimentação financeira, onde após a leitura do balanço entregue pela gestão anterior ficou decidido que haveria uma comissão formada por ferroviários para analisar os documentos apresentados;

---

<sup>40</sup> CARDOSO, Francisco Genaro. *Op Cit.* P. 187.



- Foi apresentado um relatório sobre a situação em que se encontrava o clube no setor esportivo, principalmente o porque da catástrofe que foi o campeonato do Operário no ano de 1965 onde ocorre a queda do OFEC para a 1ª Divisão;
- Foi discutido sobre o Conselho Deliberativo, onde o presidente usando a palavra disse que o clube possui um Conselho Deliberativo que não é atuante, e que a assembléia tem poderes para dissolvê-lo, a questão foi debatida e a assembléia decidiu que deveria ser feita uma eleição para um novo Conselho Deliberativo, a ser realizada em 1 de março de 1966;
- Quando a reunião estava praticamente sendo encerrada, o senhor José Evaristo de Quadros, propôs uma moção de repúdio a atual diretoria, solicitando também que os diretores pedissem demissão do OFEC, sendo esta moção aprovada;

Com base nos fatos apresentados nesta reunião e no que apresenta o estatuto deste clube ao mostrar as competências do Conselho Deliberativo e do Diretor Presidente, temos alguns indicativos para levantarmos uma questão intrigante: O presidente tem força suficiente para decidir sozinho sobre os destinos da equipe de futebol do OFEC?

Tendo em vista que o Conselho Deliberativo é o órgão supremo da estrutura administrativa do clube, e que só pode ser destituído através de uma assembléia na qual deverão estar presentes mais de 50% dos sócios patrimoniais pagantes, poderíamos a primeira impressão dizer com muita segurança que o presidente não poderia fazer isto sozinho, entretanto o Presidente do Clube pode diminuir o número de Conselheiros, o que abre possibilidades para que ele tenha total autonomia sobre as decisões tomadas neste conselho. Princi-

---

<sup>41</sup> OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE. Estatutos. Ponta Grossa: Krügler Artes Gráficas, 1948, p.35.

palmente porque o conselho pode tomar decisões em segunda convocação sem respeitar o número mínimo (11 conselheiros). (Estatuto da OFEC, 1960).

Somado a este fato a ata da reunião realizada no dia 1 de março de 1966, nos mostra que nem sempre este Conselho Deliberativo é atuante, vejamos:

Foi realizada a assembléia geral extraordinária, de acordo com a assembléia anterior realizada no dia 15 de fevereiro. Inicialmente o Sr. Raul Machado fez magnífica explanação sobre o Operário Ferroviário Esporte Clube, bem como ao Conselho Deliberativo presidido pelo sr Alfredo Petrobeli, lamentando a situação atual do Operário. Houve discussão em torno da situação do OFEC não ter sede mas existir no livro de contas o valor relativo a pagamentos de aluguel da sede do clube, fato que foi proposto e aprovada uma investigação sobre a direção passada. O senhor Darcy Alves pede a palavra e relata que no período da atual direção do OFEC, o senhor Michel Barbará (Presidente CD) faz o que quer e o Dr. Dino Colli (presidente) é o último a tomar conhecimento destas deliberações, desta forma pede para que fosse destituído o CD. Em seguida fez uso da palavra o cap. Flávio que em nome do gen. Comandante da IDA e 5<sup>A</sup>, disse que considerava destituído o atual conselho deliberativo e sua diretoria, confirmando as palavras iniciais proferidas pelo Dr. Raul Machado, depois disso falou ainda que caso a atual diretoria do CD se recusasse a destituir-se amigavelmente a presente assembléia teria o apoio militar para que o Operário fosse renovado e venha a brilhar novamente como nos velhos tempos.

Ao final da reunião foram votadas as duas propostas:

- 1º) Proposta do Dr. Raul Machado – que seja dado um voto de confiança a atual diretoria do CD, uma vez que os membros deste conselhos não estavam presentes nesta assembléia;
- 2º) Proposta do Capitão Flávio – para que se fizesse um ofício com termos respeitosos ao atual conselho, solicitando que os mesmo se destituíssem a fim de que fosse eleita uma nova diretoria deliberativa.

Das duas propostas foi aprovada a segunda por aclamação e com uma grande salva de palmas. Posteriormente este conselho foi dissolvido e um novo Conselho Deliberativo assume em seu lugar, sendo liderado pelo Capitão Flávio, alguns militares e figuras respeitadas na política local.

Durante este período de transição o OFEC não consegue obter o resultado necessário para voltar a elite do futebol paranaense, isto causa um certo impacto na reestruturação

do clube e também ao próprio campeonato, o qual somado a outros fatores apresentava novamente um prognóstico de mais uma temporada frustrada. É o que relata CARDOSO:

Em fins de 67 e início de 68, o panorama para a temporada oficial se apresentava dos mais pessimistas. [...] A “Lei de Acesso” que não era Lei, não contava com duas decepções que sua implantação iria provocar: 1ª) Nem Guarani, nem Operário Ferroviário, os dois representantes pontagrossenses, conseguiu o título da 1ª divisão; 2ª) O rebaixamento do C. A. Paranaense. Ambas causaram verdadeiro impacto no meio futebolístico do Paraná. Ponta Grossa ficaria mais um ano sem participante na Divisão Especial e o tradicional C. A. Paranaense, depois de 43 anos, à margem do torneio maior do futebol paranaense<sup>42</sup>.

O campeonato paranaense da Divisão Especial estava ficando com alguns clubes de menor porte financeiro, torcida, estrutura ..., enquanto a 1ª divisão que já possuía equipes como OFEC, Guarani, Caramuru, Britânia, teria como seu mais novo participante a equipe do C. A. Paranaense, o que possibilitaria que esta divisão fosse tão atrativa quanto a especial. Entretanto alguns confrontos ocorridos entre os clubes e José Milani, marcam a sua discutível passagem a frente da FPF, onde suas decisões influenciaram substancialmente na estrutura do futebol paranaense. Com o OFEC não foi diferente e uma forte divergência ocorre entre Conselho Deliberativo do OFEC e a FPF.

Tal fato ocorre devido a FPF não aceitar as decisões do Conselho Deliberativo do Operário Ferroviário Esporte Clube, quando este órgão resolve afastar o seu presidente devido algumas suspeitas de desvio de verbas durante a sua administração. Vamos acompanhar o desenrolar dos fatos através dos ofícios enviados entre estas duas entidades.

No dia 26 de Março de 1968, o Conselho Deliberativo do OFEC envia um ofício ao então presidente da Federação Paranaense de Futebol, José Milani. Correspondência que procuramos sintetizar a seguir:

---

<sup>42</sup> CARDOSO, Francisco Genaro. *Op Cit.* P. 246.

- Tendo em vista as explanações feitas pelo Conselho Fiscal do Clube, e os esclarecimentos prestados pelo tesoureiro, o Conselho Deliberativo [...] resolve: afastar temporariamente o senhor Orlando Frederico De George do cargo de presidente do Operário Ferroviário Esporte Clube, convocando-o para uma nova reunião afim de que se tome o seu depoimento para se tomar uma atitude definitiva, já que o Conselho ficará em reunião permanente.
- Diante do exposto, o Conselho empossou no cargo de presidente do Clube o Sr. Duílio Pedrosa, atual vice-presidente, que fica assim com todos os poderes para junto com os demais diretores, resolver sobre os destinos do Operário Ferroviário Esporte Clube.

Em primeira instância a FPF não aceita a decisão deste Conselho, pedindo que se enviasse a documentação que comprovasse autenticidade do próprio Conselho e não as provas que os levaram a afastar o presidente acusado. O presidente da FPF, em última análise responde da seguinte maneira: - Quem são vocês e com que direito vocês afastam o presidente do clube?

Vejamos através do ofício enviado a resposta dada ao Conselho Deliberativo do OFEC, por parte do presidente da F.P.F.

Estamos enviando ofício [...], para que seja completado a seguinte documentação:

- a) cópia da ata devidamente autenticada e com firma reconhecida da Assembléia geral do Operário Ferroviário Esporte Clube, que elegeu e empossou os atuais integrantes do Conselho Deliberativo do Operário Ferroviário Esporte Clube;
- b) cópia do Edital de Convocação da Assembléia Geral acima referida;
- c) cópia da ata, devidamente autenticada e com firma reconhecida, da sessão do Conselho Deliberativo que por seus conselheiros eleitos e empossados pela Assembléia Geral, re-

unidos entre si elegeu e empossou a diretoria do Conselho Deliberativo e mais especificamente vos elegeu o seu presidente;

- d) cópia da ata devidamente autenticada e com firma reconhecida, da reunião do Conselho Deliberativo que elegeu o senhor Orlando de George , presidente do Operário Ferroviário Esporte Clube, e
- e) o dispositivo estatutário, em que se amparou o Conselho Deliberativo para afastar da presidência do Operário Ferroviário Esporte Clube o senhor Orlando Frederico De George.

Temos a esclarecer a V. S. que o Sr. Orlando Frederico De George, perante esta entidade, é a única pessoa autorizada, até que se prove o contrário, para responder pela presidência do Operário Ferroviário Esporte Clube e a praticar os atos inerentes, motivo pelo qual encarecemos urgência para atenção de V. S. sobre o requerido.

Esta atitude da FPF é tomada como uma afronta pelo Conselho Deliberativo do OFEC, o qual começa a colocar em prova a idoneidade desta instituição, mas especificamente do seu presidente que parece querer defender os interesses de uma única pessoa, ao invés de auxiliar na apuração dos fatos de uma entidade que é sua associada. Não obstante o Conselho Deliberativo não cede e envia novo ofício<sup>43</sup> ao presidente da FPF, mostrando que:

- a devolução do nosso ofício não tinha razão de ser, já que, uma vez houve dúvidas com relação ao trabalho do Conselho Deliberativo, bastava V. S. ter solicitado a complementação. Estamos anexando o dito cujo, em retorno;
- decidiu este Conselho enviar apenas a cópia da ata de quando foi afastado do cargo de Presidente o Sr. Orlando De George, por inúmeras irregularidades, e já convocado apa-

---

<sup>43</sup> OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE. Ofício enviado ao presidente da Federação Paranaense de Futebol. 11 de abril de 1968.

receu para dizer que dentro de breves dias prestará contas e esclarecerá as diferenças de caixa existentes, com o não lançamento de quantias recebidas e confirmadas pelo tesoureiro Antonio Leonor, que esteve presente nas reuniões deste Conselho;

- por último julgamos uma desconsideração para o Conselho, a Federação não reconhecer a decisão tomada com o afastamento do presidente, prejudicando o clube nesse espaço de tempo, pois para assinar documentos a FPF não quis reconhecer a posse do vice, o que é lamentável e incompreensível;
- o afastamento será até comprovar as irregularidades e defesa do Sr. Orlando De George, o que não aconteceu até agora, ficando a responsabilidade da presidência com o Sr. Duílio Pedrosa, que é legalíssima e tem que ser reconhecida por V. S. nesta transição do Clube.

Como o Conselho Deliberativo do OFEC não cede as exigências da FPF e mantém o afastamento do seu presidente que posteriormente é destituído do cargo por não conseguir provar a sua inocência, José Milani como um bom político resolve acatar a decisão do Conselho e aceita a indicação do Vice como novo presidente do clube. Sobre a questão do desvio das verbas do OFEC por parte do presidente Orlando De George, um cronista esportivo pontagrossense que vivenciou aquele momento relata o seguinte:

O Orlando foi um cara que sempre foi muito dedicado ao Operário. O Orlando não foi um presidente criado no sentido de se pegar alguém e falar hoje você vai ser presidente. Ele já vinha ajudando o Operário em tempos antigos, eu posso estar enganado mais ele é da época do Henri Singer, nesta época já colaboravam ele, o Tax, o Dino Colli e ele veio dessa fase dos anos 60 consagradores do Operário e acabou sendo presidente, ele teve um bom período no Operário. (Entrevistado 05)

O entrevistado indica que De George é uma pessoa que já acompanhava anteriormente todo o sistema administrativo do clube, o que nos permite acreditarmos que ele sabia aonde o sistema era falho e ele poderia tirar proveito sem que ninguém pudesse perceber,

principalmente porque no modelo administrativo que impera no futebol brasileiro onde a vida de presidente de clube de futebol se mistura com a vida particular do indivíduo acaba se tornando difícil separar os problemas de ordem pessoal dos problemas ocorridos no clube social, desta forma o entrevistado segue mostrando que:

Depois ele teve problemas de ordem particular, eu não me lembro se ele era funcionário da Petrobrás, sei que ele trabalhava em uma empresa assim e não foi feliz nos negócios particulares dele e aí começou a misturar as coisas particulares e ele acabou envolvendo o Operário, e aí o desgaste na época foi grande. O Operário já havia sofrido inúmeros desgastes só que este foi o mais forte porque envolveu as finanças do clube e aí houveram denúncias, etc. (entrevistado 05)

Encontramos no setor administrativo do OFEC uma certa dificuldade em diferenciar aquilo que é coletivo daquilo que é particular. Philippe Aries<sup>44</sup> ao tratar da questão do domínio público e privado, fornece indicativos para entendermos que para funcionamento do privado é necessário que se estabeleça a divisão do tempo, do espaço, dos papéis e práticas destinadas aos diversos indivíduos que compõe uma comunidade. Como no setor administrativo deste clube o seu órgão controlador que é o Conselho Deliberativo, pode ser manipulado através de falhas estatutárias como a que prevê a redução do número de conselheiros, visualizamos que ser presidente do OFEC é muito mais do que possuir status perante a comunidade, é uma possibilidade de exercer através de sua função um duplo papel de poder que se alterna no trabalho do homem público e no seu particular, principalmente porque com a pouca participação do sócio, a prestação de contas apenas anualmente, o controle/acúmulo da diversas funções administrativas possibilita que o clube social enquanto uma instituição que pertence aos seus associados seja administrado como algo particular do seu presidente.

---

<sup>44</sup> ARIES, Philippe. A comunidade, o estado e a família: trajetórias e tensões. In: CHARTIER, Roger. A história da vida privada: da renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

Não obstante esta não é uma situação presente apenas no gerenciamento OFEC, pois o órgão administrador do futebol paranaense apresentava naquele momento (e até hoje pouca coisa mudou) problemas semelhantes, no qual o presidente da FPF utilizava-se do poder que lhe foi conferido para tomar as decisões que mais lhe conviesse, desta maneira favorecendo pessoas, clubes e criando uma situação de descrédito para esta entidade .

Neste sentido outro grande desgaste da FPF, foi quanto a Lei do Acesso, fundamentalmente no caso que envolveu o C. A. Paranaense. Segundo a previsão da Lei do Acesso a equipe que ficasse na última colocação no campeonato de 1967 seria rebaixada para a primeira divisão e conseqüentemente o campeão da primeira divisão iria ganhar o direito de disputar a divisão especial. Entretanto o último colocado da divisão especial no ano de 1967 foi o Clube Atlético Paranaense, um dos clubes mais tradicionais da capital e que proporcionava ótimas rendas no campeonato.

Não obstante o presidente da FPF José Milani era categórico em dizer que a Lei do Acesso seria cumprida e neste caso o C. A. Paranaense seria rebaixado, tudo estava caminhando para que este fato se consumasse, até que o senhor Jofre Cabral e Silva assume a presidência do C. A. Paranaense e coloca como a sua principal meta a permanência do C. A. Paranaense na Divisão Especial.

A estratégia de Jofre Cabral foi bastante interessante, pois inicialmente ele buscou apoio nos times que possuíam representatividade dentro do futebol paranaense e que se encontravam na 1ª divisão (Britânia, Rio Branco, Operário Ferroviário E.C. e Guarani), os quais unidos tentavam derrubar a decisão tomada na Assembléia Geral de 1965, a seguir o presidente atleticano utiliza-se dos meios de comunicação para mostrar ao presidente da FPF o que significa o C. A. Paranaense no futebol estadual.



Os cartolas criam um ambiente bastante tenso para o futebol paranaense, como demonstra CARDOSO:

Jofre Cabral e José Milani travam ante as câmaras e microfones, diálogos ásperos, cada qual defendendo o seu ponto de vista e interesse de suas dirigidas. Entre os argumentos do presidente da Federação: “Foram os próprios clubes que exigiram a Lei do Acesso! O presidente do Atlético exige a convocação de uma Assembléia Geral. Com os clubes filiados e interessados. Não é convocada<sup>45</sup>.”

Percebendo que seus “ataques” não estavam surtindo efeito, Jofre Cabral resolve contratar jogadores famosos para fortalecer o time atleticano, que iria realizar um amistoso internacional contra a seleção Romena. Entre estes jogadores estavam: - Bellini (capitão da seleção brasileira na Copa do Mundo da Suécia), Dorval (um dos maiores companheiros de Pelé no Santos), o goleiro Muca (um dos melhores do Brasil na época) e outros jogadores que compuseram o melhor e mais caro plantél formado em uma equipe paranaense até aquele momento. Como última instância de seu plano, Jofre Cabral busca o apoio dos políticos, vejamos como isto ocorre:

Depois de ter apelado para os órgãos de informação, Jofre Cabral parte para o setor político. Recorre aos membros da Assembléia Legislativa. O “affaire” Lei do Acesso é colocado na pauta dos trabalhos. Deputados torcedores do rubro – negro (*C. A. Paranaense*) criticam a intransigência da Federação, na pessoa do seu presidente. Constitui-se uma comissão para dialogar com o mentor da entidade. José Milani começa a demonstrar sinais de fraqueza. Afirma aos parlamentares “haver uma esperança para salvar o Atlético, se o eventual Campeão da 1ª Divisão não preencher os requisitos necessários, que o impediria de ocupar o seu devido lugar na Divisão Especial”<sup>46</sup>

Entre as exigências necessárias para que o clube pudesse subir para a primeira divisão estava a obrigatoriedade de possuir um Estádio com capacidade para 5 mil espectadores. A partir desta situação os fatos vão ocorrendo de maneira a favorecer para que o clube da capital permaneça na elite do futebol paranaense. Neste sentido, foram encontradas ile-

<sup>45</sup> CARDOSO, Francisco Genaro. *Op Cit.* P. 246.

<sup>46</sup> *Ibid.* P. 247 (*Grifo nosso*)

galidades na documentação de atletas e problemas com as obras do campo do Paranaíba como podemos perceber, na matéria apresentada no Jornal Tribuna do Paraná:

Findou ontem o angustiante drama que vinha vivendo o Atlético, ou melhor, a sua gente. O resultado do laudo de vistoria da F.P.F., considerou o estádio do Paranaíba sem condições de uso, no que concerne aos jogos para o certame da divisão especial, fato que, por um lado reterá o clube dos jaquetas vermelhas e pretas na linha de honra do futebol paranaense e por outro, obstará o acesso do Paranaíba à mesma, embora seja o campeão da primeira divisão. Na tarde de hoje, às 18:00 horas, estará reunida a diretoria da entidade, quando será examinado o teor do laudo da comissão de vistoria, bem como homologado o ato decorrente da ofensa do artigo 6º, item 10, parágrafo b do regulamento da lei do acesso<sup>47</sup>.

O relatório entregue pela comissão avaliadora da FPF apurou que o estádio do Paranaíba tinha capacidade para 3.865 torcedores o que não preenchia a quantidade mínima estipulada que era de 5.000 torcedores, entretanto este fato já havia ocorrido no ano anterior, quando o Jandaia foi campeão da primeira divisão o OFEC foi vice e o Arapongas ficou em último lugar na divisão especial. A diferença é que neste momento a disputa foi entre dois clubes do interior e sem muita representatividade política, desta maneira a FPF decide prorrogar o prazo para que o Jandaia conseguisse concluir as obras do seu Estádio, fato este que não ocorreu mas não evitou que o clube fosse promovido para a Divisão Especial do futebol paranaense.

Situação que causa grande indignação nos jogadores, na crônica e torcedores do interior, pois em menos de 1 ano o mesmo presidente da FPF toma uma decisão diferente daquela tomada anteriormente, e claramente beneficiando o C. A. Paranaense. Esta atitude cria um descrédito da FPF até mesmo entre os torcedores do Atlético. Um destes torcedores (Elias Pedro Cherri) expressa com muita propriedade o ocorrido, enviando uma carta ao cronista esportivo J. Silveira Filho, mostrando a sua indignação com aquilo que estava acontecendo:

Meu Deus, isso é um absurdo sem medida, maldade irresponsável e até possível de ser chamado como crime. Como se dá a uma Associação condições legais para disputar o cam-

---

<sup>47</sup> TRIBUNA DO PARANÁ. Fim do drama atleticano (Jornal). Curitiba, 05 de Janeiro de 1968, p.5.

peonato oficial de ACESSO e sendo campeã, nega-se-lhe o DIREITO de ocupar o lugar conquistado?

[...] Escrevi tanto, Silveira amigo, para chegar a este ponto. Clubes disputaram o Campeonato da Primeira Divisão, nas suas três zonas. Inscreveram-se, pagaram suas taxas, contrataram jogadores, tiveram seus Estádios vistoriados, tudo legal e oficialmente perante a Federação. Agora o Presidente Milani, declara àqueles que quiserem ouvi-lo, que o campeão se não preencher as condições regulamentares não poderá ocupar o lugar que lhe pertence de fato e de direito [...]. O armistício entre o C. A. Paranaense e a Federação estava próximo de ser assinado, com o sacrifício do A. C. Paranaí<sup>48</sup>

As colocações feitas por este torcedor são bastante pertinentes e demonstram um quadro que já estava configurado e mostrava que nem sempre vencer dentro do campo é suficiente. Com o intuito de apaziguar a situação o C. A. Paranaense sugere que o campeonato fosse disputado com 13 equipes, ou seja, que ele Atlético permanece no campeonato e que o Paranaí tivesse o seu direito respeitado. Como bom articulador que se mostrou o presidente do Atlético ele resolve pronunciar-se publicamente a fim de mostrar que estava pronto a respeitar aquilo que a legislação decidisse, desta forma envia uma nota esclarecedora aos jornais, mostrando que:

Em reunião com o Dr. José Milani, presidente da FPF, o seu Departamento Jurídico firmou a orientação de serem acatadas as deliberações e decisões dos órgãos superiores daquela entidade federativa [...], principalmente a denominada Lei de Acesso, muito embora mantendo a sua opinião de ser o regulamento da mesma lei passível de reformulação e estudos, uma vez que, pelo consenso quase unânime das associações esportivas, é inequívoca a sua impropriedade face às realidades do desporto do Paraná<sup>49</sup>.

Entretanto as equipes do norte percebem e não aceitam o possível “acordo” entre a FPF e C. A. Paranaense e após realizarem reuniões no dia 06 de janeiro em Maringá e no dia 07 em Apucarana (cidades do interior/norte do Paraná) prometem não participar do campeonato, caso o regulamento não fosse cumprido. Tal atitude faz com que o presidente atleticano mudasse rapidamente a sua estratégia de bom amigo e resolve declarar guerra:

---

<sup>48</sup> FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL. Relatório anual de 1968. Curitiba, p.167.

[...] Em 9 de janeiro, o Atlético oficiou à FPF, solicitando a marcação de uma assembléia geral dos clubes para tratar do assunto em conjunto, não houve a convocação! Em outra nota oficial, repudia a atitude dos clubes do Norte, uma vez que conforme já demonstrara em 5 de janeiro, era a favor da presença do Paranaíba e queria o cumprimento da Lei. A pedido do Atlético, os jornais publicam um fac-símile da transferência irregular do jogador Orlândinho, provando a má fé do clube nortista. O Dr. Ernani Santiago de Oliveira, vice jurídico do CAP, de acordo com a própria Lei, disse que solicitaria ao CND a desfiliação dos clubes do Norte se não retirassem o manifesto ameaçador<sup>50</sup>.

Dentro deste clima de disputa jurídica o arbitral foi realizado no dia 15 de janeiro de 1969, tendo como objetivo principal decidir quem e como seria a forma de disputa do campeonato daquele ano. Nesta reunião houve uma proposta do Coritiba e do Ferroviário (equipes que apoiavam o CAP), na qual seria aumentado para 14 o número das equipes participantes da Divisão Especial. Pois para não prejudicar as outras equipes de tradição que estavam na 1ª divisão, elas iriam competir buscando garantir a última vaga que seria adquirida através de uma disputa extra entre o Guarani e OFEC de Ponta Grossa, Rio Branco de Paranaguá, Caramuru de Castro, Grêmio Oeste de Guarapuava e Britânia de Curitiba. Sugestão que foi aceita e que aparentemente resolveu o problema. Desta forma os 6 clubes reuniram-se para disputar “O Torneio Esperança” em busca da 14ª vaga para o Campeonato da Divisão Especial, competição esta que foi vencida pelo Britânia.

Depois de toda esta batalha atleticana, o campeonato que havia tido previsões de fracasso teve o seu quadro totalmente modificado, pois após os problemas enfrentados pelo Atlético Paranaense, as equipes passaram a investir mais em seus clubes. O campeonato deste ano (1968) foi vencido pelo Coritiba, ficando o Atlético com a segunda colocação e o Britânia que havia subido naquele ano, acaba em último lugar.

---

<sup>49</sup> TRIBUNA DO PARANÁ. Nota oficial do Clube Atlético Paranaense. (Jornal). Curitiba, 06 de Janeiro de 1968.

<sup>50</sup> Cf. MACHADO, Heriberto Ivan & CHRESTENZEN, Levi Mulfort. *Op cit.* P. 244.

Ainda no ano de 1968, após ter resolvido os seus problemas internos o OFEC muda a sua diretoria, assumindo o comando do clube o Sr. Walter Alexandre que busca o apoio dos diversos setores da comunidade princesina, a qual responde positivamente dando um voto de confiança ao novo presidente que conta com o apoio de figuras importantes da cidade, como o General Darcy Lázaro, o Coronel Ivan Lobbo Mazza e o Engenheiro Cyro Martins que era Prefeito Municipal naquele momento.

Desta forma foi montado um bom time, que somado ao fato de que dois adversários fortes não estariam na disputa neste campeonato, devido ao inchaço da Divisão Especial. O OFEC torna-se campeão da primeira divisão ao jogar com o Campeão do Oeste (Comercial de Cascavel).

No play off, o primeiro jogo foi disputado em Cascavel, onde o Comercial venceu por 4 X 2 deixando o time pontagrossense com poucas expectativas. Entretanto na partida seguinte realizada em Ponta Grossa o OFEC vence por 1 X 0, fato que provoca uma terceira partida a ser disputa em um campo neutro. Este jogo foi realizado no dia 27 de julho de 1969, no Estádio Durival de Brito e Silva, que recebeu um público de 22.657 pagantes, os quais tiveram a oportunidade de presenciar a vitória do OFEC por 2 X 0 frente ao Comercial, resultado que lhe deu o direito de subir a elite do futebol paranaense, no lugar da equipe do Primavera. O presidente do OFEC, retrata o quadro daquele momento através de uma nota de agradecimento:

Para voltar a divisão especial o Operário Ferroviário contou com a cooperação de praticamente toda a cidade de Ponta Grossa. Desde que afastada a possibilidade do Guarani concretizar este feito, a própria gente “bugrina” passou a estimular o Operário, isso porque o acesso do alvi-negro trará, naturalmente, benefício para o próprio Guarani, em futuro não muito distante. Alcançando o objetivo, nós diretores do Operário estamos agradecendo as autoridades princesinas, pelo estímulo proporcionado<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> PARANÁ EM PÁGINAS. Operário Ferroviário E. C. presente na fase embrionária do futebol paranaense. (Revista). Curitiba, setembro de 1969, ano V, nº 55, pp. 38-42.

## Capítulo I - Parte III

### 1970 – INÍCIO DO SEGUNDO MOMENTO DE CRISE: Primeiro Licenciamento do OFEC

Em 1970, foi encontrado uma nova fórmula de disputa campeonato, as equipes seriam divididas em duas chaves (A e B), as quais jogariam entre si em dois turnos, classificando-se os três primeiros de cada chave para um hexagonal final, onde tudo começaria do zero.

Enquanto os times da capital que faziam amistoso internacionais, os times do interior passavam por sérias crises financeiras, que pode ser percebida no fato que ocorre com o Cianorte. Esta equipe após jogar com o Ferroviário em Curitiba, foi receber sua cota no borderô e teve uma grande surpresa ao descobrir que 90% da mesma havia sido confiscada pela FPF para pagamentos de dívidas daquele clube<sup>52</sup>.

Não sendo classificado na sua chave para a fase final do campeonato, o OFEC fica na 12ª colocação na classificação final do campeonato. Neste ano o Guarani E. C. se afasta do futebol profissional, acabando com a rivalidade do futebol local; com grandes problemas financeiros o Operário Ferroviário Esporte Clube acaba também pedindo licença a Federação Paranaense de Futebol, pela primeira vez após ter assumido o profissionalismo.

Para que o futebol pontagrossense não ficasse sem representatividade, em substituição ao Operário Ferroviário Esporte Clube e ao Guarani Esporte Clube, surgiu a Associação Pontagrossense de Desportos, a qual foi fundada com a finalidade de promover a práti-

---

<sup>52</sup> Jornal Diário da Tarde. Curitiba, 26/05/1970. Caderno de Esportes.

ca e desenvolvimento da cultura física e dos desportos em geral, amadores e profissionais.<sup>53</sup> Tendo como principal incentivador para esta fusão entre os dois aqui-rivais, o Tenente - coronel Aroldo José Machado da Veiga, que reuniu industriais, comerciantes, políticos, médicos, advogados ... Sendo os fundadores desta nova equipe pessoas de boa situação financeira e extremamente respeitados dentro da sociedade pontagrossense. Não obstante a ata de fundação desta nova equipe indica a presença de representantes do OFEC mas não aparece a presença de nenhum ferroviário entre os 94 fundadores desta nova equipe, o que em última análise permite acreditar em uma possível desvalorização da classe que já não se encontrava mais entre as pessoas de destaque da cidade<sup>54</sup>.

Em 1971 foram realizadas eleições na Federação Paranaense de Futebol, o então presidente José Milani utiliza em sua plataforma política para a reeleição do cargo o fim da Lei de Acesso. Esta estratégia trás resultados positivos, pois mesmo estando atrás em todas as prévias apresentadas pelos jornais ele vence a eleição por uma diferença de 02 votos (26 contra 24 ) contra Nabi Zacarias candidato da oposição.

Este fato colaborou para que o campeonato paranaense deste ano voltasse a inchar, sendo convidado para fazer parte da competição equipes que não possuíam a mínima estrutura física e financeira para tal. Devido ao número de participantes, volta-se a utilizar a separação por zonas, a Zona Norte é formada por 10 equipes e a Zona Sul por 07 equipes, entre as quais estava presente a Associação Pontagrossense única representante d futebol profissional de Ponta Grossa.

---

<sup>53</sup> Cf. ASSOCIAÇÃO PONTAGROSSENSE DE DESPORTOS. **Ata 1**. Ponta Grossa, 15 de setembro de 1970.

Estes dados foram extraídos da ata de fundação da Associação Atlética Pontagrossense, datada do dia 15 de Setembro de 1970. Protocolado no 2º Tabelionato Cleon B. Rolim Correa, Ponta Grossa- PR.

O campeonato foi disputado em dois turnos classificatórios, dos quais sairiam três equipes de cada Zona por pontos ganhos e mais duas equipes de cada Zona pelo critério de melhor renda. As 10 equipes classificadas jogariam entre si em dois turnos com pontos corridos de onde sairia o campeão da temporada, a novidade nesta competição foi a introdução dos cartões amarelo e vermelho utilizados na Copa do México de 1970. A Associação Pontagrossense classifica-se para a fase final deste campeonato ficando em 7º lugar.

Até este momento tudo estava correndo bem com a nova equipe, o OFEC emprestou o seu Estádio por dois anos para que a Associação Pontagrossense pudesse mandar seus jogos nele, a torcida estava comparecendo aos jogos, mas isto durou apenas três temporadas. Com a transferência do tenente VEIGA, para outra cidade ocorre uma mudança na presidência do clube assumindo em seu lugar o presidente do Conselho Deliberativo Moacir Lazarotto de Oliveira, o qual ficou menos de 1 ano na presidência e passa o seu cargo para Ari Kffuri.

Como a situação da pontagrossense não estava boa a torcida já não comparecia e o prazo de licença do OFEC estava esgotando, Odilon Mendes assume a presidência do OFEC em um momento no qual a situação financeira do clube era precária, pois a sua maior fonte de renda (o futebol) não estava sendo praticado por esta entidade. Mendes, sabe o valor do futebol para o clube, mas alerta a torcida que o time daquele ano seria montado para competir e não seria para ganhar o campeonato “... vamos competir com nossa gente, pois além de evitar a desfiliação queremos erguer o parque olímpico”<sup>55</sup>. Entretanto não havia nenhum tipo de trabalho de base, desta maneira os jogadores locais eram bastante limitados em sua formação técnica e tática. Realizando campanhas modestas o OFEC fica sempre entre os últimos colocados e faz com que a torcida deixasse de comparecer ao estádio, pois diferente



do que ocorre com os grandes times onde a torcida exige jogadores, resultado, empenho... no OFEC quando a equipe não estava bem o reflexo aparecia na arquibancada que ficava vazia.<sup>56</sup>

Não obstante fica uma questão intrigante: - é possível montar um time vencedor sem dinheiro e sem a existência de um trabalho nas categorias de base? Esta questão é bastante complexa e está presente na trajetória histórica do OFEC.

Qualquer pessoa que entenda o mínimo de esporte/futebol não necessitaria de muita reflexão para responder que dinheiro e/ou trabalho de base são requisitos fundamentais para a manutenção de uma equipe profissional. Tendo uma resposta negativa desta problemática, somos remetidos a outro questionamento se não temos os meios necessários para montar uma equipe vencedora porque retornar para o futebol profissional em um momento em que as exigências deste campo eram crescentes e o clube não possuía condições administrativas, principalmente no setor financeiro para montar uma equipe capaz de corresponder a estas exigências?

Tentamos encontrar nos jornais daquele momento que se auto intitulavam diariamente em sua apresentação como portadores da voz do povo, os motivos que levaram o OFEC a retornar ao futebol profissional:

A história do Operário, é assinalada por feitos, lutas, decepções e tristezas. Mas, em todos os momentos, dirigentes, associados e torcedores foram fortes para superar as dificuldades, sendo atestado eloqüente de força de vontade a volta à divisão especial. Mesmo na fase adversa o Operário prosseguiu lutando, certo de que os inspiradores de sua fundação, souberam estruturar um clube valoroso, que tem em torno de si gente abnegada, que sempre redobra os esforços quando a agremiação isto exige de todos que se abrigam sobre a sua gloriosa bandeira.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> BAIL, Altayr. Operário, uma equipe com futuro incerto. (mimeo)

<sup>55</sup> FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL. Relatório anual de 1973, 1974, 1975, 1976. Pudemos perceber que no ano de 1973 o OFEC teve a maior média de público do interior (5 mil pessoas), entretanto nos anos seguintes a sua média caiu para 700 pessoas.

<sup>56</sup> CHAGAS, Cândido Gomes. Operário Ferroviário Esporte Clube presente na fase embrionária do futebol paranaense. Curitiba, set. 1969.

Esta passagem levanta um fato bastante interessante e inegável, que é o amor do brasileiro pelo futebol, o que por si só poderia ser uma justificativa plausível, ainda mais quando somado ao fato que estava terminando o prazo de licenciamento do OFEC e caso ele não retornasse naquele ano estaria desfilado da FPF no futebol profissional. Não obstante podemos perceber nesta passagem que o autor indica que o Operário Ferroviário Esporte Clube sempre foi administrado por pessoas abnegadas. Mas o que leva uma pessoa a ficar administrando um clube de futebol, sendo acusado de corrupto, ladrão, aproveitador de situação para se tornar político... Dentro disso porque alguém se sujeitaria a tudo isto sem ter uma remuneração específica para o serviço prestado e administrando um clube sem dinheiro. Será que somos tão apaixonados pelo futebol a este ponto?

Antes de compreendermos as causas e os objetivos de algumas pessoas que se tornaram presidentes do OFEC, vamos entender o que ocorre com a equipe que foi montada apenas, para disputar o campeonato e de maneira que o clube não fosse desfilado da FPF.

Este foi um time montado as vésperas do início da competição, dentro de limitações financeiras e com atletas pontagrossenses ou aqueles que não foram aproveitados por outras equipes, apresentou como resultado final as últimas colocações do campeonato de 1977 e deixa inúmeras dívidas com seus jogadores, o que faz com que em 1978 o OFEC novamente peça o seu afastamento temporário do campeonato paranaense. As causas deste afastamento são apresentadas no ofício enviado por este clube à Federação Paranaense de Futebol, o qual sumariamente apresentamos a seguir:

- O OFEC, vem respeitosamente requerer - A) que tendo em vista as dificuldades financeiras por que atravessa nosso Clube, fato este que não é somente nosso, mas da grande maioria dos clubes brasileiros, principalmente os chamados pequenos; B) que tendo iniciado no Campeonato passado

uma campanha para um chamamento de sócios, firmas, beneméritos e poderes públicos, pouco se conseguiu monetariamente; C) que futebol profissional, não se faz somente com idealismo, sendo o fator principal o respaldo financeiro, a fim de formar uma boa equipe; D) que não conseguindo naquele campeonato este ideal, e deixando muito a desejar, como nos 10 (dez) anos anteriores. Solicita a esse conselho que nos conceda um ano de licença no setor profissional<sup>58</sup>.

Podemos perceber que a situação financeira do clube estava bastante abalada, e mesmo com a ligação entre os torcedores e a equipe, os torcedores e as empresas as quais a diretoria buscou auxílio não corresponderam alegando que era necessário primeiro que se montasse uma equipe competitiva, que houvesse uma proposta de estruturação do futebol e que era necessário uma proposta sólida para o clube que até aquele momento havia sobrevivido de favores de simpatizantes<sup>59</sup>.

No ano de 1979 novamente a equipe do OFEC retorna a participar do campeonato paranaense com o objetivo de não cair para a divisão de acesso. Só que neste ano entra em cena um personagem que iria transformar toda a forma administrativa deste clube, seu nome Antônio Luís Mikulis

Mikulis assume a presidência do OFEC pela primeira vez no mês de dezembro de 1978, com o propósito de fazer com que o Operário Ferroviário Esporte Clube tivesse o seu nome novamente figurado entre as melhores equipes de futebol do Estado do Paraná. Inicialmente esta administração contou com sérios problemas, pois a FPF após vistoriar o Estádio Germano Krüger, apresenta um relatório técnico<sup>60</sup> com as seguintes exigências:

---

<sup>57</sup> Estas justificativas estão contidas no ofício enviado para a FPF, no dia 10 de julho de 1978, pelo senhor Bernaldo Brito Costa, presidente do OFEC.

<sup>58</sup> Cf. JORNAL DIÁRIO DOS CAMPOS. Operário uma equipe de futuro incerto. Ponta Grossa, 28 de abril de 1978.

<sup>59</sup> MIKULIS, Antonio Luis. Operário Ferroviário Esporte Clube: realizações e prestações de contas de 1979 a 1982. (mimeo)

- I) Vestiários, tanto do visitante, como do clube sem condições de uso. Sanitários em estado de calamidade, sem chuveiros quentes e situados embaixo de uma arquibancada condenada pela FPF e também pelo departamento de edificações da Prefeitura;
- II) Sanitários do estádio para o torcedor e associado, sem condições de utilização em virtude de seu estado e completo abandono. Sistema de água e esgoto totalmente entupidos;
- III) Muro de proteção ao estádio, parte dele em bom estado e ao fundo das cadeiras cativas (arquibancadas cobertas) é feito de cerca de arame farpado.

Contando com o total apoio do então prefeito municipal Luiz Carlos Zuck, a administração atual consegue através de uma plataforma audaciosa e da influência das pessoas que trabalhavam a frente na diretoria sanar os problemas estruturais existentes no OFEC, o que desta forma possibilitou o seu retorno ao campeonato Paranaense de 1979. Esta diretoria tem grandes méritos pois conseguiu construir as arquibancadas através de uma parceria com a CIDEP, como relata o próprio presidente da época:

Eu assumi o Operário em 78. O Operário estava fechado, o Operário não existia, ele estava acabado, daí por convite; eu não era nem sócio eu era por incrível que pareça, eu era diretor de futebol amador do Guarani, daí o pessoal do Operário veio me convidar para assumir e eu era da administração pública, eu era diretor administrativo da CPT e era quando o Zuck ganhou a eleição em Ponta Grossa fui convidado e assumi; e comecei a trabalhar no Operário fizemos modificações e nessa época é... o estádio Germano Krüger estava interditado pela Federação Paranaense de Futebol porque ele tinha uma arquibancada antiga de madeira e estava interditada e não tinha condição de uso e para voltar no futebol do Paraná nós precisávamos de uma nova estrutura e nessa época nós acertamos com a CIDEP – Companhia de Desenvolvimento de Ponta Grossa que o Zuck era o prefeito e tinha essa companhia que se interessou em explorar 30 anos o Operário e nós fizemos então um contrato com a CIDEP. A CIDEP construiu o que nós temos lá hoje: iluminação, arquibancada, vestiário deu uma melhoria inclusive nessa época a CIDEP assinou um contrato com o Operário nós estávamos disputando o campeonato paranaense e fomos convidados para a Taça de Prata, conseguimos por meio político disputarmos a taça de prata e lógico que nós estreiamos no campeonato que é hoje o campeonato nacional na taça de prata contra o Pelotas do Rio Grande inclusive inauguramos a iluminação do Estádio que é fato histórico. O prefeito Zuck nesta época junto com a CIDEP ampliou o estádio para 30 mil pessoas nós tínhamos na época para disputar a Taça de Prata, você tinha que um estádio para 30 mil pessoas e foi aí

ampliado o estádio que começou aí a história do Operário fazendo grandes campanhas e passando por grandes dificuldades e chegou onde chegou<sup>61</sup>.

Podemos perceber na fala deste presidente a enorme influência do poder público junto ao clube de futebol, fato este que é bastante presente em equipes de futebol do interior no qual o futebol acaba se tornando para os políticos um ótimo celeiro eleitoral, o mesmo ocorrendo para os administradores dos clubes que normalmente acabam adentrando na política local, desta forma o clube de futebol acaba sendo uma ótima possibilidade de votação para os políticos oportunistas.

O campeonato paranaense deste ano foi o maior até aquele momento em número de equipes participantes, tendo um total de 18 equipes, sendo disputado em dois turnos de classificação, um octogonal e quadrangular final. Na primeira fase do 1º turno o OFEC termina em 9º Lugar, o mesmo ocorrendo no 2º turno, perdendo a vaga no octogonal final para o Toledo.

Mesmo não tendo conseguido resultados significativos dentro de campo, a diretoria do OFEC mostra muita força fora dele e através de fortes pressões/influências políticas, pela primeira vez uma equipe pontagrossense participa do Campeonato Brasileiro Taça Prata. Tal fato ocorre fundamentalmente porque o campeonato nacional deste ano também estava inchado, tendo 74 times participantes dos quais seis eram aqui do Paraná (Coritiba, Atlético, Londrina, Maringá, Colorado e Operário), neste momento onde o Brasil vivia um momento social delicado e dirigido pelo regime da ditadura militar o próprio campeonato nacional foi utilizado como catalisador político-social. Segundo MACHADO & CHRESTENZEN “...os convites tinham caráter exclusivamente político-partidário. Eram agraciados os

---

<sup>61</sup> MIKULIS, L. A. Entrevista concedida no dia 19/05/2000.

clubes que compactuavam com o partido governista – ou – no Estado que a Arena vai mal, mais um clube no Nacional, ditado que tomou conta da opinião pública brasileira”<sup>62</sup>.

Dentro desta mesma linha um cronista esportivo que vivenciou aquele momento reforça e complementa os motivos da participação do OFEC, no campeonato nacional interclubes de 1979:

Eu disse a pouco que os militares usaram o futebol para adquirir simpatia e tal, a Federação Paranaense de Futebol e a CBF fizeram praticamente a mesma coisa e tornaram-se entidades eminentemente políticas, é como você está vendo agora a Copa João Havelange que é um negócio irregular, não cumpre os ditames da lei, da lei maior que é a Federal e que está sendo violada, o sistema nacional de desportos está sendo violado e neste jogo de interesses novamente o Operário entra por interesse não só por ele Operário, mas pela cidade que ele representava, onde as influências foram fundamentalmente políticas, claro que temos que reconhecer o trabalho dos presidentes da época que buscaram isto. É como o Paraná Clube está fazendo agora, lutando bravamente para ver se entra neste campeonato na Chave A. Então o Operário lutou para entrar na chave B, méritos de quem conseguiu este espaço para ele e politicamente conseguiu com as benéncias da Federação. Provavelmente alguma coisa foi dado em troca para a Federação, mas muito mais por acertos políticos do que por mérito do futebol. (Entrevistado 05)

Nesta oportunidade foi improvisada uma arquibancada, e na estréia da equipe a 27 de setembro de 1979, foram inaugurados os refletores em Vila Oficinas. O OFEC, faz uma boa representação no campeonato mas fica fora da competição nas Semi- finais.

Em 1980, em virtude da deliberação da CND (01/80), a Divisão Especial passaria a se chamar 1ª Divisão, e poderia ter no máximo 12 equipes. Entretanto haviam 20 equipes inscritas para o campeonato deste ano, desta forma oito deveriam ser rebaixadas. Após a realização do arbitral, ficou decidido que o campeonato paranaense daquele ano seria disputado da seguinte maneira:

- todas as equipes jogariam entre si em um turno classificatório, de onde sairiam os oito melhores classificados para a realização de uma fase em dois turnos, deste octogonal quatro

---

<sup>62</sup>MACHADO, H. I. & CHRESTENZEN, L. M. *Op cit.* P. 329

equipes sairiam para o quadrangular final. Já as equipes que não se classificassem para o octogonal, disputariam o torneio da morte, para ver quem permanecia na 1ª divisão e quem cairia para a 2ª divisão.

Para participar do Campeonato Paranaense, neste ano o OFEC e mais sete equipes disputaram o torneio da morte, das quais apenas quatro permaneceriam na 1ª divisão. Ficaram classificados para a 1ª divisão o Clube Atlético Paranaense, o OFEC e a Associação Matsubara e Paranavaí E. C.. Na classificação final do Campeonato Paranaense o OFEC fica em 14º Lugar.

Neste mesmo ano a CBF, adota novos critérios para convidar mais clubes a participarem do campeonato Brasileiro. Esta competição foi dividida em duas categorias: Taça Ouro e Taça Prata, tendo 40 participantes no primeiro grupo e 64 no segundo grupo. Este foi até aquele momento o maior campeonato inter-clubes do mundo já realizado.

Pela Segunda vez a equipe do OFEC participa da Taça Prata do campeonato Brasileiro, ficando novamente fora nas semi - finais.

Em 1981, conforme determinação da CBF, o campeonato paranaense foi disputado com 12 equipes, através da seguinte fórmula:

- haveriam dois turnos, sendo que após cada turno ocorreria um quadrangular para que tivesse um campeão de cada turno, os quais disputariam o título no turno final.

Neste ano destaca-se dentro do OFEC o seu departamento jurídico o qual teve bastante trabalho e atuou de forma competente em diferentes instâncias. Primeiramente em um caso envolvendo o Atlético Paranaense e o OFEC, no qual o Atlético entra com um recurso junto ao TJD alegando que o jogador Danilo do OFEC havia jogado dopado. O TJD dá ganho de causa ao Atlético, entretanto o OFEC recorre ao STJD, o qual deu ganho de causa ao OFEC, mostrando que o remédio que o jogador havia tomado era para tratamento gas-

trointestinal e que pela quantidade ingerida não caracterizava doping (é interessante destacar que o tribunal da Federação Paranaense de Futebol nos dois grandes casos que julgou entre o OFEC e um time da Capital deu ganho de causa ao time da capital, não obstante o STJD deu parecer diferente e ganho de causa ao OFEC).

O OFEC foi alvo de outros problemas. No jogo contra o Maringá, a torcida invadiu o campo para pegar o árbitro Célio Silva. O jogador André que havia sido expulso anteriormente e deveria cumprir suspensão, estava em campo jogando com o nome de outro jogador (Zé Luiz), fato que após constatado rendeu uma suspensão de 4 partidas para o atleta, perda de ponto para a equipe, além da perda da parte da renda que lhe cabia. Tais acontecimentos remetem para um momento significativo de muita desorganização interna no OFEC, onde estes fatos não podem ocorrer dentro de uma estrutura profissional séria.

O campeonato de 1983 foi disputado em dois turnos, no qual as 10 equipes classificadas jogariam entre si em dois turnos com pontos corridos de onde sairia o campeão da temporada, a novicom o campeão da repescagem do segundo turno, para ver quem iria disputar o quadrangular final, a última vaga seria preenchida pela equipe de melhor índice técnico (número de pontos obtidos nos dois turnos).

O OFEC, fica em 9º lugar no 1º turno, em 11º no 2º turno, além de ficar em último do seu grupo nas duas repescagens que disputou. Ficando desta maneira com a 12ª colocação geral do campeonato, caindo para a Segunda divisão do Campeonato Paranaense do ano de 1984.

Como o campeonato havia sofrido fortes críticas anteriormente, pela forma de disputa (bastante confusa) e que havia auxiliado para afastar os torcedores das arquibancadas, optou-se em 84 por uma nova fórmula proposta pelo União Bandeirantes e aceito pela maioria, exceto pelos times da capital que entraram com recurso junto a Justiça Desportiva,



contra a FPF. A qual acabou modificando a fórmula aceita anteriormente e criando outra fórmula tão confusa quanto a realizada no ano anterior. Este fato fez com que a FPF fosse fortemente criticada pelos desportistas, torcedores e crônica esportiva. Pois o campeonato teve como resultado, um futebol de baixo nível técnico e estádios vazios.

O OFEC disputa a 2ª Divisão de Profissionais, na chave Sul, ao lado do Iguazu de União da Vitória, Rio Branco de Paranaguá, União de Francisco Beltrão e Tabu de Clivelândia. Com um clube cheio de dívidas que foram acumuladas ao longo dos anos, principalmente nos últimos anos, mas contando com o apoio da torcida e de toda a comunidade pontagrossense, o Deputado Estadual Djalma de Almeida César assume a presidência do clube, tendo como desafio a volta do OFEC para a primeira divisão

No ano de 1985 a FPF tem uma transformação em sua política administrativa, com a entrada do senhor Onaireves Nilo Rolim de Moura (candidato da oposição) na sua presidência. O qual ao vencer a eleição modifica a forma de disputa do campeonato o qual tem inicialmente uma fase seletiva, onde os clubes foram divididos em três grupos;

- Chave A – Taça Curitiba – disputada pelos clubes da capital;
- Chave B – Taça do Café – disputada pelos clubes do Norte do Paraná;
- Chave C – Taça Soja – disputada pelos clubes do oeste e do sudoeste.

O campeão de cada grupo levaria um ponto extra para o primeiro turno, o campeão do primeiro turno teria 1 ponto de bonificação para o segundo turno. No final seria realizado um quadrangular final com a participação dos campeões dos turnos e mais duas equipes classificadas por índice técnico.

O OFEC, estava disputando a Chave Sul da 2ª divisão de profissionais, ao lado do Tabu de Clivelândia, Rio Branco de Paranaguá e Iguazu de União da Vitória. Ficando com o vice-campeonato deste ano, perdendo a final para a Platinense.

Em 1986, o campeonato foi regulamentado em dois turnos com um quadrangular após cada turno. Nos quadrangulares os campeões de cada turno teriam um ponto de bonificação. O último colocado do ano anterior Pato Branco, cedeu lugar ao campeão da 2ª divisão (Platinense), desta maneira manteve-se o número de 12 equipes na primeira divisão. O OEFC, disputava a 2ª Divisão de profissionais, ficando na chave sul, ao lado do Pato Branco, União de Francisco Beltrão, Tabu de Clivelândia, Iguazu de União da Vitória e Rio Branco de Paranaguá.

Alguns documentos nos permitem percebermos que a situação financeira do OFEC não era nada boa na década de 80, fato que fica presente na falta de pagamento de inúmeros atletas acarretando inclusive suspensão temporária da equipe nas competições da FPF, como mostra o processo a seguir:

Através dessa superintendência, comunicamos à Federação Paranaense de Futebol, para os devidos fins de direito, que a associação Operário Ferroviário Esporte Clube, da cidade de Ponta Grossa, está SUSPENSA por força do artigo 210 da CBF, nos efeitos do artigo 207 em seu parágrafo único, até o integral e efetivo cumprimento da decisão. Por descumprimento de obrigação para com o atleta WALDIR MANOEL DOS SANTOS, no processo acima epigrafado<sup>63</sup>.

A falta de pagamento aos atletas desta equipe é um fato permanente em sua trajetória, e foi um assunto bastante marcante durante a realização das entrevistas quando mulheres de ex-atletas desta equipe se manifestaram mostrando que haviam passado necessidade devido a falta de pagamento do clube para com os atletas. Este fato me chamou a atenção devido ao desinteresse da imprensa para este tipo de situação, onde um profissional trabalha dentro daquilo que lhe é proposto e não recebe o seu salário. Será que podemos chamar isto de futebol profissional? Tendo em vista que o atleta sobrevive deste recurso e diferente-

---

<sup>63</sup> FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL. Tribunal de Justiça Desportiva: processo nº 003/87. Curitiba: 16 de Novembro de 1987

mente do que os meios de comunicação nos mostram dos salários milionários dos craques de futebol o jogador do interior tem um salário humilde, no OFEC na década de 90 o salário variava entre 15 e 2 salários mínimos. Só que quando se fala em dinheiro principalmente no futebol as coisas ficam bastante complicadas, vejamos como algumas pessoas se posicionaram em entrevistas ao mostrarem histórias que a grande maioria das pessoas desconhecem:

... muitas coisas erradas que aconteciam ali de exploração em cima dos jogadores, de não pagamento eu sempre me pus ao lado do jogador, pois nenhum jogador se oferece para vir jogar no Clube, é sempre alguém que vai buscá-lo e a partir do momento que você contrata um jogador profissional, você tem que honrar com os compromissos financeiros, porque atrás de cada jogador existe toda uma família, existem pessoas que dependem do seu trabalho e ele não joga futebol só porque gosta, ele joga futebol porque é um profissional e é procurado para defender aquele clube ou outro, e aqui em Ponta Grossa por diversas ocasiões dava pena dos meninos que vinham para cá exercer a profissão, porque nunca foram tratados como verdadeiros profissionais. (Entrevistado nº 5)

Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda profissão significa atividade ou ocupação especializada, da qual se pode tirar os meios de subsistência, não obstante o que encontramos no futebol de Ponta Grossa é um falso profissionalismo, ou utilizando um denominatório do próprio campo um profissionalismo marrom. Neste tipo de estrutura os atletas possuem apenas deveres e ficam com medo de reivindicar os seus direitos, principalmente porque o Estado do Paraná não possui um sindicato dos jogadores de futebol, o qual segundo Rinaldo Martorelli, Presidente do Sindicato de Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, tem como principal objetivo:

[...] a representação dos jogadores em clubes e federações. Atualmente o papel do sindicato ganha importância com a regulamentação do passe. O sindicato também orienta os jogadores e promove cursos e palestras. As questões trabalhistas, o vínculo de trabalho e a própria lei do passe são esclarecidas para os jogadores [...], o sindicato dos jogadores também é diferente dos demais, de outras categorias. A carreira é regulamentada, mas não é reconhecida como profissional por parte dos dirigentes [...]. O que fica é que o jogador é um grande

brincalhão, um *bon vivant*, mas os atletas têm responsabilidade como qualquer profissional e com o agravante de sofrer pressões da opinião pública<sup>64</sup>.

Tradicionalmente vemos a figura do jogador como alguém inculto que se preocupa apenas em jogar bola, visão esta que até bem pouco tempo era também incorporada pelos próprios atletas os quais não tem coragem de se manifestar na opinião pública por medo de serem excluídos do mundo futebolístico por terem lutado por seus direitos. Conforme relata um dos nossos entrevistados quando questionado sobre um jogador que pudesse falar sobre o assunto:

Eu acho difícil, porque os jogadores que passaram por aqui foram embora e a gente mantém um contato ou outro e dificilmente alguém vai falar. É uma parte até perigosa a qual permanece no anonimato quase sempre. O que acontecia aqui é que você era contratado e eu te oferecia uma importância X, então quando você chegava aqui para fazer o seu contrato, mas como o jogador de futebol com raras exceções não pensa que daqui a algum tempo ele vai ter que se aposentar, daí aquilo que ele recolheu é que vai fazer parte do seu salário na velhice. Então no momento em que ele chegava na cidade ele era envolvido e ludibriado de várias maneiras, onde os dirigentes faziam que anotassem na sua carteira profissional 1 salário ou 2 e o resto ele recebia por fora. Em certos momentos para ele era interessante, pois lhe era colocado que ele ia pagar menos impostos, que ele ia ter um desconto menor no INSS e com isso ia ganhar mais, então era sempre isso. Só que depois este por fora aí, ele dificilmente recebia e quando recebia o cheque não tinha fundo ou o cheque era sustado, o jogador tinha que procurar o seu direito na justiça. E na justiça você sabe que o jogador estando lá em Manaus e tem que vir em uma ou duas audiências trabalhistas, como é que ele vai, às vezes nem compensa o deslocamento dele, e além de tudo quando ele saía do clube ele assinava tudo e ia embora e muitas vezes assinava documento lá que mostrava que ele tinha recebido tudo e não tinha como rescindir. Como aconteceu tempos atrás com o jogador Miltinho, ele veio aqui fez o maior esclarecimento na imprensa e tudo mais, quando foram ver ele estava lá como se tivesse recebido e ele estava com o cheque na mão, mas o cheque estava sustado, isto aconteceu também com o Bezerra, com inúmeros jogadores que passaram por aqui, a gente não se recorda o nome de todos eles. Mas se você for procurá-los e vão enrolar e ninguém vai querer contar. (Entrevistado nº 5)

Tentamos localizar estes jogadores mais infelizmente eles preferiram não se pronunciar, justificando que já se desgastaram demais com este assunto e que não acreditam na

---

<sup>64</sup> Citado por BRUNORO, José Carlos & AFIF, Antonio. Futebol 100% profissional. São Paulo: Gente, 1997, p.137

justiça pontagrossense pois ela é comandada por pessoas aliadas àquelas que administram o futebol local. Desta forma a alternativa foi verificar o que os jornais produziram sobre tal fato e não mais para o nosso espanto, nada encontramos o que parece indicar que as pessoas que escrevem para os jornais locais coadunam com os dirigentes e demais pessoas interligadas neste campo de irregularidades.

Como não conseguimos muitas informações nos jornais retornamos o contato com o jogador Miltinho que buscou esclarecer os fatos. Passagem esta que podemos sintetizar da seguinte maneira:

- 1º) No momento da rescisão do contrato após o término do campeonato foi pago a este jogador aquilo que ele estava registrado na carteira de trabalho e aquilo que foi acertado por fora foi pago em cheques pré-datados;
- 2º) Nos dias em que os cheques podiam ser trocados este jogador teve a notícia de que os cheques haviam sido sustados;
- 3º) O atleta acrescenta que o presidente do clube possuía fortes ligações com um Banco privado da cidade o que facilitava este tipo de ação.
- 4º) Quando o atleta entrou com uma ação na Justiça do Trabalho foi surpreendido com um contra golpe da administração do OFEC, que registrou queixa na polícia alegando que os cheques que estavam em sua posse haviam sido roubados.
- 5º) Como a diretoria possuía toda a documentação sobre o seu acerto com este jogador, e os cheques que estavam em sua posse era do acerto “por fora” ele teve que acabar esquecendo tudo para não ficar detido na cidade;

6º) O presidente do OFEC resolveu não prestar queixas e comunicar a crônica esportiva que tudo não passou de um mal entendido, mas que agora tudo já está resolvido.

Quando um jogador que atuou nesta equipe durante a década de 80 foi indagado sobre a forma e condições de pagamento dos jogadores naquele momento, ele responde:

Nos dois primeiros meses, três primeiros meses ela foi cumprida, daí para frente o time começou a jogar o campeonato paranaense e não se deu bem, daí para frente não só eu como os demais jogadores tiveram dificuldades para receber aquilo que estava no contrato. Eles alegavam que nunca tinha dinheiro, o dinheiro que entrava com as rendas dos jogos ou coisa desse tipo a gente não tinha conhecimento, nós éramos aqui de Ponta Grossa e os menos informados eram os jogadores aqui de Ponta Grossa. Dificilmente a gente recebia o pagamento integral, geralmente era 1, 2, 3 meses atrasado. Quando a gente ia receber o pagamento a gente pegava toda vida ele parcelado, em forma de vale e era o maior sufoco, ficava lá um dia inteiro e não recebia, voltava na outra semana e era a mesma coisa, e assim se passou por toda a época em que eu passei no Operário. (Entrevistado nº 7)

Dentro deste contexto encontramos uma situação bastante complexa, na qual escutamos o posicionamento da pessoas que julgaram lesadas e não pudemos confrontar com as informações dos jornais que são praticamente inexistentes e retratam fundamentalmente as palavras do presidente do OFEC que justificava o fato dizendo que havia pago o atleta e não entendia exatamente o que estava ocorrendo, mas o departamento jurídico do clube estava tomando todas as providências necessárias para esclarecer a situação .

Não obstante os entrevistados apontam para a formação de uma rede interligada de pessoas que se unem em torno de determinados interesses pessoais através deste campo esportivo, fato este que pode em certa medida justificar a luta para a permanência desta equipe dentro do cenário esportivo profissional. Principalmente em momentos nos quais a partir de uma simples observação não conseguimos entender porque os dirigentes buscaram retornar as disputas do Campeonato Paranaense de Futebol, pois nestes períodos críticos

---

<sup>64</sup> Sobre este assunto existem alguns comentários no Jornal da Manhã, dos dias 15, 16 e 17 de junho de 1995.

podemos observar um quadro caótico onde o clube encontrava-se endividado, sem trabalho de base, sem nenhum atleta contratado até 3 meses antes do início do campeonato, sem patrocínio ...

Para melhor compreendermos esta situação entraremos neste momento no último período de crise do OFEC, do qual ele não conseguiu levantar-se até o momento.

---

<sup>65</sup> Ibidem.

## Capítulo I - Parte IV

### 1989 - A ÚLTIMA QUEDA DO OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE

Em 1989, o OFEC retorna para a 1ª divisão do campeonato paranaense a convite de F.P.F. que buscava resgatar as equipes que proporcionavam boas rendas, e a partir deste momento começa uma nova fase na formação e manutenção desta equipe. O que se pode perceber através dos jornais da cidade é que a equipe tem um período de ótimo desenvolvimento nos anos de 1990 e 1991, e posteriormente nos anos que seguem a situação vai piorando, e em 1995 o OFEC, deixa de participar do campeonato paranaense .

Durante toda a década de 90, assim como nas décadas de 70 e 80 fica muito acentuada a situação financeira limitada do OFEC, e começa a ter destaque as alternativas que já eram realizadas na Capital paranaense desde a década de 70, onde as equipes faziam jantares promocionais, bingos, sorteios durante os jogos, sócios preferenciais... como uma alternativa na captação de recursos, passando a compreender que já não era mais possível uma equipe de futebol profissional ficar dependendo da renda proporcionada pela sua torcida.

Vamos neste momento resgatar algumas matérias do Jornal da Manhã, jornal este que apresentava uma coluna diária em sua página de esportes destinada a fatos do OFEC e que podem expressar claramente os problemas financeiros vivenciados por esta equipe durante a década de 90, vejamos o que a crônica esportiva escrita da cidade retrata:

Precisando arrecadar dinheiro para contratar reforços para o campeonato Paranaense, a diretoria do OFEC estará promovendo no próximo dia 29 um jantar em comemoração aos 79

---

<sup>66</sup> Segundo os estatutos da FPF, a equipe pode deixar de participar do campeonato por 2 anos, após este período ela torna-se automaticamente desfilhada.



anos de fundação do clube. Reservado para 400 pessoas, este jantar terá convites a 25 mil cruzeiros, sorteio de um Fiat. Com esta promoção, o presidente Carlos Pelissari espera arrecadar dinheiro suficiente para a contratação de pelo menos 4 reforços. Seriam 10 milhões de cruzeiros, garantindo pelo menos a arrancada do “Fantasma” na busca pelo título estadual. Outras promoções também estão sendo estudadas pela diretoria para assegurar a permanência do Operário no futebol profissional do Estado .

Esta matéria é do início da década de 90, a qual apresenta novas preocupações da diretoria no sentido de conseguir formar e manter a equipe, entretanto nesta década o esporte brasileiro vivia um período de transição e grandes transformações dentro do cenário esportivo, principalmente no que se refere aos órgãos administrativos deste campo esportivo que buscava redefinir as suas diretrizes legais.

O discurso presente no início da década de noventa apresenta a necessidade de modernizar e democratizar as instituições esportivas. Fato este que tem seu início com o “ Projeto Zico ”, o qual foi encaminhado para apreciação do Congresso Nacional em 1991 e assinado pelo então presidente da República Itamar Franco em 1993 e pode nos auxiliar para percebermos o que os representantes esportivos entendiam como as necessidades presentes no futebol brasileiro naquele momento. Desta forma podemos extrair deste projeto 5 propostas diferenciadas, mas que tem em comum a preocupação com a arrecadação, fiscalização e administração do dinheiro dos clubes/equipes de futebol:

- 1º) Regulamentar a presença de empresas e as formas de comercialização no futebol profissional;
- 2º) Rever a forma como é distribuído os recursos da Loteria Esportiva;
- 3º) Extinguir a Lei do Passe, estabelecendo uma nova forma para o contrato de trabalho do atleta profissional;

---

<sup>67</sup> KRAWCHINSKI, Danilo. Jantar Beneficente (Jornal da Manhã), dia 04/05/1991. Lei 8.672/93. Brasília, 06 de julho de 1993: Projeto Zico.

- 4º) Redefinir os mecanismos de supervisão e assegurar a autonomia estatutária dos clubes;
- 5º) Buscar mecanismos mais democráticos e transparentes de representação e administração das federações e da CBF.

Podemos minimamente visualizar através destes tópicos que era prioritário estabelecer uma relação mais comercial no futebol profissional brasileiro, sendo para isto necessário fundamentalmente organização e transparência das diversas entidades que o administravam/administram. É o que COIMBRA salienta ao indicar que “[...] o futebol deve ser tratado e administrado de forma profissional, deixando de lado o amadorismo e o paternalismo que existe hoje em dia. Mudando esta estrutura os clubes teriam condições de obter resultados satisfatórios no sentido financeiro ”.

É interessante percebermos que em um momento no qual as equipes brasileiras buscavam meios para atrair grandes patrocinadores, a equipe do OFEC estava realizando jantares beneficentes para conseguir montar a sua equipe. Se olharmos por esta ótica, vemos que a Lei Zico acaba sendo fora da realidade de grande parte das equipes do Brasil, principalmente aquelas do interior dos estados as quais não apresentam condições suficientes para assumir as novas exigências do mercado na qual se baseia a lei; na qual se busca que as equipes transformem-se em empresas sem isenção fiscal e com ampla autonomia para sua manutenção.

Tal fato não ocorre por uma série de problemas que diariamente são discutidos na mídia, no qual um dos pontos mais criticados na atualidade é a organização do calendário do futebol brasileiro no qual uma equipe como o Corinthians Paulista (por exemplo), ou

---

<sup>68</sup> COIMBRA, Arthur Antunes de. Futebol: o desafio dos anos 90. Painel 2. Rio Grande do Sul: UFRS, 1991, p.18.

qualquer outra equipe que venha a apresentar resultados satisfatórios durante um ano inteiro, terá que disputar as seguintes competições: Competições Regionais (Rio- São Paulo, Conesul), Campeonato Estadual, Copa dos Campeões, Campeonato Brasileiro, Copa Libertadores da América, Copa Mercosul e Copa Toyota, jogando aproximadamente uma partida a cada 48 horas.

Enquanto isto equipes do interior, como o OFEC disputa apenas o Campeonato Paranaense no primeiro semestre de cada ano ficando o restante do ano sem ter muitas opções de atuação. Não obstante se verificarmos a história deste clube veremos que isto nem sempre foi assim, pois em alguns momentos ele foi beneficiado politicamente com convites para participar do Campeonato Brasileiro, entretanto estas participações dependiam de critérios que ninguém consegue expressar com muita clareza, quais eram. O que se aponta é que as equipes que participavam desta competição não eram escolhidas por critérios técnicos de pontuação, de resultados ...

Dentro disto as mudanças para escolha dos participantes, bem como o grupo e a divisão em que ele iria participar ocorria de acordo com os interesses da CBF, das federações, e do governo. Como os critérios eram modificados constantemente muitas vezes, criava-se situações bastante complicadas para as equipes que disputavam esta competição. É o que ocorre com o OFEC no campeonato nacional de 1991 quando:

O fantasma foi rebaixado para o brasileiro da série “B” na verdade é a 3º divisão, sem qualquer ajuda de custo da CBF. Resta saber se é interessante para o Operário participar deste certame, que terá trinta e seis clubes [...]. o Diretor de futebol Antônio Luiz Mikulis afirmou que a presença do OFEC, na série “B”, ainda depende de uma análise mais criteriosa das vantagens e desvantagens desta competição [...]. O presidente Carlos Antônio Pelissari já tomou algumas alternativas para ampliar a arrecadação do futebol profissional, mas a continuidade dos sócios- ouro é fundamental para que o alvi- negro continue representando condignamente o futebol princesino .

---

<sup>69</sup> MACHADO, H. I. & CHRESTENZEN, L. M. *Op cit.* P. 319.

<sup>70</sup> JORNAL DA MANHÃ. OFEC na série “B”. Ponta Grossa 19/12/91, Caderno de Esportes.

Para o OFEC participar do campeonato brasileiro era uma grande possibilidade de aumentar os seus rendimentos, tendo em vista que até a segunda divisão a CBF custeava as despesas de transporte e alimentação para os jogos fora de casa e em Ponta Grossa a média de público do OFEC era de 8 mil pessoas , sendo uma das maiores médias de público para as cidades do interior do Brasil. Entretanto neste momento uma equipe que estava disputando o campeonato brasileiro não podia depender da receita obtida em dias de jogos como a sua maior fonte de rendimento para a manutenção de um time que buscava ficar entre os melhores do país, e como tal fato ocorria no OFEC isto gerava inúmeras dificuldades financeiras principalmente na estruturação da equipe, como nos mostra o jornal local:

Com o seu elenco praticamente definido, o OFEC está encontrando muitas dificuldades para saldar seus compromissos financeiros, depois que a CBF adiou para a 2º quinzena de março a abertura do campeonato Brasileiro da Série “B”. O presidente Carlos Pelissari e o diretor de futebol Antônio Luiz MiKulis estão trabalhando no sentido de arrecadar dinheiro para acertar as “luvas” dos novos contratos, a fim de manter o clima de tranquilidade que vem reinando no clube. Ao mesmo tempo, a campanha do “Sócio- Ouro” se intensifica e a renovação dos contratos de publicidade no Estádio Germano Krüger é agilizada. A principal dificuldade para melhorar o caixa do Fantasma é a falta de jogos. Desde dezembro o Operário não atua em Ponta Grossa e a motivação em investir no clube cai sensivelmente [...]. Como a renda é do clube mandante os operários acreditam que a motivação dos torcedores princesinos será maior, proporcionando uma grande arrecadação. O importante é que a série “B” está confirmada, inclusive com os custos de viagens e estadia cobertos pela CBF .

Estes fatos apontam para uma estrutura muito diferente daquela que se busca através do futebol empresa, na qual as equipes não dependeriam da renda dos jogos, pois estas oscilam constantemente, devido principalmente ao pequeno número de jogos das equipes do interior, a falta de infra –estrutura dos estádios frente a possibilidade de assistir o jogo no conforto de casa; a violência presente nos estádios e suas vias de acesso; a mudança dos

---

<sup>71</sup> FEDERAÇÃO PARANAENSE DE FUTEBOL. Relatório anual de 1991, p.163,.

dias e horários de jogos e as decisões de jogos e campeonatos através do tapetão. Não obstante esta era a realidade da maioria das equipes do futebol brasileiro no início da década de 90, criando um cenário que é retratado pelo sociólogo HELAL:

A “crise do futebol brasileiro” é explicada pelo modelo tradicional de organização do futebol, baseado no amadorismo dos dirigentes e na política de troca de favores entre clubes e federações. Este modelo é responsável pela desorganização dos campeonatos, gerando jogos deficitários que acabam contribuindo para a emigração dos craques para o exterior. Este êxodo não somente diminui a qualidade dos jogos, mas gera uma escassez de ídolos, elementos importantes para promover a identificação coletiva. Isto acaba levando a queda do público, que afeta as finanças dos clubes .

Vemos uma situação na qual participar do campeonato brasileiro era algo fundamental para a arrecadação e sobrevivência do OFEC, não importando se esta participação foi obtida por méritos do time, por interesses políticos ou através da troca de favores entre o clube e a federação. O que importa é que participar desta competição era lucro garantido, pois enquanto estava na 2ª divisão a CBF custeava as despesas e quando o jogo era em Ponta Grossa a torcida prestigiava. Entretanto os problemas se agravaram dentro do OFEC, ele estava na 3ª divisão e endividado já no início do ano de 94, o quadro era este:

Para o Operário o ano novo não começou hoje, na verdade tanto esportiva como administrativamente, o ano que hoje estamos iniciando há cerca de 03 semanas está sendo vivido, diuturnamente, em Vila Oficinas e de forma crítica: o elenco, embora praticamente formado, tem a sua maioria de jogadores sem contrato; o preparador físico Milton Fernandes desistiu de permanecer trabalhando no clube (questões de salário) e pediu dispensa; o goleiro Júlio Cesar, titular durante o torneio Seletivo Nacional e praticamente o único porque Carlinhos o reserva está nos primeiros meses de seu contrato profissional, está pedindo uma verdadeira fortuna para voltar a jogar pelo Operário [...].

Estes problemas todos, que se arrastam desde o mês passado, atravessaram o ano antecipando 1994 para o Operário. Se resolve-los, o clube terá tranqüilidade para iniciar o campeonato [...]. Como foi rebaixado para este grupo “B” em 93, como foi desclassificado para disputar em 94 o certame nacional da 2ª divisão, como tem o pior plantel dos últimos anos, sem risco podemos afirmar que o Operário vive seus piores momentos .

---

<sup>72</sup> JORNAL DA MANHÃ. Operário pretende mudar a tabela. Ponta Grossa, 21/02/92. Caderno de Esportes.

<sup>73</sup> HALAL, R. Passe e impasses: futebol e cultura de massa no Brail. São Paulo: Vozes, 1997, p.33.

<sup>74</sup> JORNAL DA MANHÃ. Operário já começou 1994. Ponta Grossa, 01 de janeiro de 1994. Caderno de Esportes.

A situação do OFEC estava tão ruim neste momento que o seu presidente Carlos Roberto Yurk que havia assumido o OFEC em abril de 1993, acompanhado do diretor de futebol do clube Tadeu Shultz vão à Curitiba para fazer empréstimo dos jogadores que não estavam sendo utilizados pelos clubes da capital, para complementar o plantél que representaria o OFEC durante as competições daquele ano. Neste momento nos questionamos, será que não era o momento de parar? Isto pode ser chamado de Futebol Profissional?

Como se não bastasse a falta de arrecadações do clube o que era arrecado acabava tendo outro destino e não o investimento na equipe, pois: “ Grande parte do tempo e do dinheiro do Operário este ano está indo parar em pagamentos judiciais, ações trabalhistas. Foi assim com o caso Joceli, está sendo assim com o Benji (nigeriano) .

Dentro deste contexto acabamos percebendo que nem sempre o que ocorre em uma administração do clube é reflexo daquilo que ela mesmo fez, ou seja, nem sempre as dívidas contraídas por uma administração foram feitas por ela mesmo e isto foi algo fundamental dentro da crise ocorrida no OFEC na década de 90. Entretanto, a crônica esportiva de Ponta Grossa que inúmeras vezes se omitiu sobre qualquer tipo de comentário sobre as diversas irregularidades ocorridas dentro do OFEC, critica fortemente o trabalho da diretoria deste clube por não ter coragem de investir, como apresenta a matéria a seguir:

De uma coisa podemos ter certeza, os atuais dirigentes do futebol profissional em Ponta Grossa aprenderam que no futebol, como em todas as demais atividades econômico-profissional, o investimento na mão de obra especializada é o único sinônimo do sucesso. No futebol principalmente, porque envolve talento, arte e experiência anterior, devidamente comprovados. Agora o Operário sabe que se tivesse organizado um pouco melhor o seu departamento de futebol, na atual gestão, não teria caído de costas e sem poder se levantar por três vezes. Os times que enfrentou e dele tiraram a vaga no grupo “B” relacionou seis jogadores à Diretoria, que foram imediatamente contratados; o Paranaíba foi ao interior de São Paulo e trouxe nove jogadores. O resultado todos sabemos; o Operário desbancou para a última etapa do futebol profissional do Estado, Comercial e Paranaíba permaneceram entre os melhores. Faltou, conseqüentemente e provado assim está, coragem no investimento. Outra

---

<sup>75</sup> Ibid. 03 de março de 1994.

comprovação na quinta – feira o Operário “conseguiu” levar ao Germano Kruger, 79 pagantes da 1º divisão, contra o mesmo Comercial de quem ganhou (3X0) no domingo, o vizinho Iraty levou 1612 pagantes. Tivesse tido pelo menos um pouco mais de arrojo e a sabedoria da necessidade de se investir no talento e sem pseudo-economias, o Operário não estaria à beira da falência futebolística ameaçando sua torcida de tortura os próximos anos .

Provavelmente a paixão clubística tem evitado que os jornalistas locais façam uma análise mais rigorosa da realidade, o que se ocorresse evitaria que eles emitissem julgamentos superficiais e em determinados momentos tendenciosos, tendo em vista que levam em conta apenas as aparências dos fatos e não o que ocorre dentro da estrutura administrativa do clube.

Quando questionado sobre a falta de investimento e a possível falência do OFEC o presidente do clube naquele momento justifica através de uma carta pessoal que foi preparada para ser enviada à crônica esportiva para justificar o desfiliamento do OFEC, este é o único documento que apresenta as causas desta desfiliação tendo em vista que não foi enviado nenhum ofício do clube para a FPF. Esta carta escrita pelo presidente do clube aponta cinco itens como fundamentais para a situação daquele momento, os quais podem ser sintetizados da seguinte maneira :

1º) Os problemas financeiros permanentes, desde 1961 vem se agravando – INSS, FGTS, etc.

2º) Lendo-se as atas de reuniões verifica-se que o assunto principal sempre foi dinheiro, não havendo condições de se planejar ou tratar assuntos tais como: melhorias da sede soci-

---

<sup>76</sup> Ibid. Futebol é investimento o Operário aprendeu . 05 de abril de 1994.

al, conclusão de algumas obras, investimento no parque aquático, etc. que iriam beneficiar o associado;

3º) Não é possível que um clube com 82 anos de existência tenha este problema crônico, inclusive enquanto disputava o profissionalismo o OFEC não tinha dinheiro para pagar luz, água, telefone, etc.

4º) A necessidade de se organizar através deste afastamento do profissionalismo para que se retorne no futuro mais forte e maior, com um quadro associativo maior e que dê sustentação ao clube;

5º) Preservar o nome do clube para que não ocorra o mesmo ocorrido com outros clubes do interior do Estado.

Com base nas situações acima expostas, o OFEC pede licenciamento de suas atividades dentro do futebol profissional paranaense e imediatamente foi lançado em uma das rádios a possibilidade de surgir uma nova agremiação que representasse Ponta Grossa dentro do cenário esportivo, e a resposta dos torcedores não foi muito positiva:

Pegou mal o balão lançado na semana e que visava a mórbida tentativa de comover os principescinos em cederem à mudança de nome do Operário, criando um clube novo que poderia disputar a divisão Intermediária deste ano e voltar já no que vem, à 1ª Divisão, grupo "B". Claro em caso de ser o campeão da Intermediária em 94. Mas uma emissora da cidade, que chegou a lançar a idéia, recuou ante a manifestação contrária dos torcedores. Sabiamente, na Intermediária ou não, a torcida quer manter a tradição alvinegra, resultado de muitos anos de trabalho de muitos operarianos. Mudar de nome, não! Aliás, vide a experiência com a Pontagrossense, essa experiência não dará resultado em Ponta Grossa justamente por isso: ela acabará com o passado de um dos mais tradicionais clubes do futebol profissional do estado. Será matar um clube com passado, para criar uma incerteza .

---

<sup>77</sup>*Ibid.* 06 de abril de 1994.



Não obstante a toda esta pretensa negatividade da torcida frente ao surgimento de uma nova equipe de futebol profissional em substituição ao OFEC, surge o Ponta Grossa Esporte Clube

## **CAPÍTULO II - OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE: a história que não se conta**

Este capítulo foi escrito a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos significativos dentro da história do OFEC, mas especificamente aquelas pessoas que estiveram ligadas ao clube e/ou seus administradores da década de 90, pois este é momento em que está localizado o problema estudado.

Neste capítulo em alguns momentos a análise sai do futebol local e entra nas transformações legais ocorridas durante a década de 90 e que criaram novas exigências para os clubes do futebol brasileiro. Para compreendermos como os administradores do OFEC respondem a este novo quadro que surge, entrevistamos os três presidentes que dirigiram o clube durante a década de 90, um cronista esportivo que acompanha esta equipe desde a década de 70, um preparador físico que trabalhou no OFEC nas décadas de 70, 80 e 90, um jogador que atuou na equipe durante a década de 80 e outro da década de 90.

Grande parte do que está aqui sendo apresentado são discursos inéditos (fatos desconhecidos da imprensa local), os quais nos surpreenderam ao mostrar o que acontece nos bastidores do futebol profissional de uma equipe do interior, que em última análise pode ser considerada um pequeno reflexo do que é o nosso país, ou seja, leis retrógradas, estrutura desorganizada, transações nebulosas e verdadeiras organizações criminosas em busca de dinheiro.

O objetivo deste capítulo foi buscar na fala dos diversos sujeitos referências que nos permitissem compreender as causas do desfilamento do OFEC. Não nos interessava neste momento as histórias que a imprensa levou a público e que até o momento nada ficou ex-

plicado, mas a história daquelas pessoas que estiveram diretamente envolvidas com a equipe e que tinham muitos fatos a relatar.

\* \* \*

A história do futebol brasileiro é marcada por uma série de fatos significativos que possibilitam inúmeros recortes temporais desta temática, entretanto os clubes de futebol e mais especificamente os dirigentes destas entidades tiveram momentos marcantes e que proporcionaram profundas transformações, principalmente com a profissionalização do jogador de futebol na década de 30, o início das transmissões dos jogos ao vivo (via-satélite) e o início do campeonato nacional inter - clubes na década de 70, a espetacularização do futebol brasileiro a partir das transformações da lei nacional que possibilitou a entrada de patrocinadores/parceiros das equipes, os quais no início da década de 90 passaram a investir milhões nos times de futebol para que pudessem divulgar a sua marca e já em meados desta mesma década devido as alterações da legislação brasileira passaram ter como objetivo o retorno financeiro através de seus investimentos no futebol.

Todas estas situações impuseram grandes transformações no setor administrativo do futebol contemporâneo, onde as equipes que não se adequaram a estas novas exigências acabaram ficando no anonimato ou desaparecendo do futebol profissional. Desta forma inúmeros autores que abordam a história do futebol brasileiro mostram que até a década de 30 normalmente quem administrava as equipes eram pessoas apaixonadas que levavam todo o material em dias de jogos e treinos, porém sem nenhum tipo de conhecimento técni-

---

Sobre este assunto Cf. CALDAS, W. O pontapé inicial: memórias do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Ibrasa, 1990. DOCUMENTAÇÃO BRASILEIRA. História Ilustrada do futebol brasileiro. São Paulo:

co - científico. A medida que este campo esportivo vai sendo consolidado enquanto uma atividade de massa, as exigências para administrar estas equipes foram aumentando.

Não obstante ranços ainda permanecem de tempos passados, nos quais ser presidente de um clube de futebol era/é algo que possibilita muito prestígio junto a torcida desta agremiação. Fato este que possibilita a inserção deste indivíduo (presidente do clube) no setor político, ou então, a entrada de políticos como presidentes de clube, não pelo seu entendimento ou preocupação com o clube do seu coração ou quem sabe pelo seu amor ao futebol, mas fundamentalmente pelo curral eleitoral que ali se encontra. Este fato fica bastante acentuado na trajetória do OFEC, pois esta situação até hoje está presente nos clubes do interior dos diferentes Estados brasileiros.

Se observarmos o quadro dos 19 presidentes que o OFEC teve até hoje em seus 88 anos de existência, 09 deles ocuparam cargos dentro da política local e muitas vezes utilizaram-se dos seus feitos dentro do clube como forma de sensibilizar o eleitor para a captação de votos. É o que apresenta a proposta de um dos ex-presidentes do clube que tentava a reeleição como vereador da cidade e envia uma carta aos sócios do clube e freqüentadores do Estádio Germano Krüger, a qual apresenta o seguinte teor:

Tenho certeza que você conhece o meu trabalho e o meu jeito de ser. Intransigente, para alguns quando luto pelos interesses de uma coletividade, mas sempre aberto e receptivo às idéias de justiça e principalmente preocupado com o bem-estar de todos. Minha luta nos últimos anos tem sido não deixar **perecer o futebol profissional** em nossa Cidade. Como você sabe, tenho dedicado grande parte do meu tempo para montar equipes que representem condignamente o nome da nossa Cidade. Foi assim no **Operário Ferroviário**, o querido “Fantasma da Vila”, conseguimos com o seu apoio ao término do nosso mandato como Presidente, deixá-lo na 2ª Divisão do Futebol Brasileiro e classificado na série “A” – Grupo de Elite – do Estado. Infelizmente o glorioso Alvi-Negro não conseguiu manter-se nas posições alcançadas. Surgiu então o **Ponta Grossa Esporte Clube**, para suprir a lacuna do futebol profissional em nossa cidade. A história alvi-celeste, está sendo escrita com muita dedicação e competência. Já estamos classificados no Grupo “B” do Campeonato Paranaense com apenas 02 anos de vida e fomos convidados em duas oportunidades para participar da Série “C” do Campeonato Brasileiro. Como você tem conhecimento, quando nós abraçamos uma causa redrobramos a

nossa dedicação e procuramos obter resultados que atendam o bem comum. Para continuarmos a trabalhar com o esporte profissional precisamos novamente de sua ajuda, de seu apoio e de seu **voto de confiança** em 03 de outubro. A retribuição do seu voto será através de muito trabalho, idéias novas e progressistas para o esporte de nossa cidade. **VOTE EM QUEM JÁ MOSTROU QUE FAZ**

Estas declarações acima apresentadas demonstram a estreita ligação entre o mundo dos esportes e o mundo da política, onde ser dirigente de futebol pode levar a ser representante na política local ou no congresso nacional. Como no Brasil não existe uma formação científica específica para ser dirigente de futebol, a pessoa que ocupa este cargo realiza suas funções a partir de um conhecimento de vida, o que inúmeras vezes faz com que ela não leve em consideração as particularidades que este campo esportivo possui. Neste sentido BARROS, apresenta o seguinte perfil ao tratar dos dirigentes de futebol no Brasil:

[...] no Brasil, os dirigentes eram aquelas pessoas que dispunham de algum tempo, muito dinheiro e, o mais importante, um grande amor pelo futebol.

Eram uns abnegados. Deixavam a família relegada a segundo plano e saíam para buscar os jogadores em casa para treinar ou jogar. Pagavam seus salários, davam adiantamentos, pagavam contas que faziam indevidamente. Na hora de entrar em campo os jogadores os pressionavam exigindo mais dinheiro. Estes abnegados brigavam pelo seu time e pelo seu clube. Apanhavam e batiam por amor ao futebol. [...] Eram supersticiosos, faziam qualquer sacrifício para que seus times saíssem vencedores do campo. E sabiam que não teriam qualquer recompensa pelo desgaste do seu relacionamento com a família, retorno do dinheiro ou o que fosse. Ainda assim continuavam fiéis ao clube. Tinham o futebol no sangue. Para eles tudo valia a pena.

[...] a evolução, o desenvolvimento do mundo penetrou em todos os setores e como não poderia deixar de ser apresentou-se ao futebol. Mas os dirigentes não perceberam isso. Pelo contrário, uns estacionaram e outros até regrediram. Regredir... Não sei se é bem o termo... Não, não é. Acho que na verdade tentaram se aproveitar do início da comercialização no futebol .

As palavras expressas por este ex-jogador e dirigente de futebol, historiciza em certa medida o quadro dos administradores de futebol, os quais anteriormente entravam neste ramo por amor, mas com o passar dos tempos o amor foi sendo substituído pelo interesse financeiro cada vez mais crescente e que é facilitado pela falta de transparência das negociações realizadas dentro dos clubes. No OFEC por exemplo, na década de 90 era uma mes-

ma pessoa que indicava o jogador, fazia a contratação e acertava o salário, desta forma o poder de decisão estava concentrado em um único indivíduo que controlava toda a estrutura do clube.

A partir deste contexto vamos neste momento identificarmos qual era o perfil das pessoas que administravam o OFEC na década de 90, momento em que esta equipe teve a sua última queda no futebol profissional e não conseguiu recuperar-se. Para isso vamos utilizar a entrevista concedida pelos próprios presidentes e pessoas diretamente ligadas a equipe do OFEC naquele momento.

O primeiro presidente é Antônio Luís Mikulis, pessoa bastante polêmica dentro da administração esportiva na cidade de Ponta Grossa, principalmente por suas atitudes autoritárias e seus investimentos arrojados, seja na contratação de atletas, nas diversas promoções feitas para arrecadar dinheiro ou na construção de obras dentro do Estádio Germano Krüger.

Mikulis é formado em Administração de Empresas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e possui um restaurante, o qual é considerado um dos melhores da cidade. A sua experiência com o esporte/futebol antes do Operário, teve início no ano de 73 onde ele trabalhava com o futebol amador de Ponta Grossa. Sendo inicialmente diretor de futebol amador do Guarani entre os anos de 73 a 75. Considera-se um grande incentivador do futebol amador, onde disputou a Copa Arizona (competição realizada na capital paranaense que durante as décadas de 50, 60 e 70 reunia as melhores equipes amadoras do Estado), e nesta competição sob a sua coordenação o Guarani foi campeão estadual e chegou a final nas outras duas oportunidades.

Ainda dentro do setor administrativo do esporte, Mikulis montou uma estrutura que possibilitou que a equipe de Futebol de Salão da Companhia Paranaense de Telecomunicações (CPT) , fosse Campeã Sul Brasileira desta modalidade nos Jogos do Servidores das Indústrias.

Estes resultados colaboraram fortemente para que ao retornar do Rio Grande do Sul, local onde ocorreu a etapa final desta competição, ele acabasse formalizando a sua candidatura a presidência do Operário Ferroviário Esporte Clube. Em outubro de 78 ele assume e tem a sua primeira experiência como presidente deste clube, situação que se repete nos anos seguintes 79, 80, 81, 82 .Em 83 ele sai e retorna em 85, ficando 2 anos como presidente do Conselho, mais 2 anos como membro do Conselho Diretor e finalmente voltando a presidência do clube em 89, ficando como presidente durante os anos de 89, 90. 91, 92. Em 1993 sai da presidência do clube e no ano seguinte funda o Ponta Grossa Esporte Clube. Mikulis orgulha-se pelo que fez e lamenta que sem a sua presença à frente o OFEC não consegue ter bons resultados, como ele mesmo demonstra “Em 93 eu saí e entreguei a diretoria para essa atual diretoria do Operário que caiu as três divisões, porque quando eu entreguei em 93 nós estávamos no grupo “B” do Nacional e o 3º do Paraná, nós estávamos no grupo de elite do futebol do Paraná, daí entregamos. Eles num ano conseguiram cair todas as divisões inclusive saindo do futebol profissional”.

Durante o início da década de 90 a equipe do OFEC teve resultados bastante significativos, foi neste momento que a equipe fica em 4º lugar no Campeonato Brasileiro da série B, durante três anos seguidos 90, 91, 92.

Em 90 a equipe não sobe a divisão principal do futebol brasileiro por um ponto, ficando em quarto lugar, nesta competição classificam-se os três primeiros para a divisão de acesso (classificaram-se naquele ano para a 1ª divisão do Campeonato Nacional: Atlético

Paranaense, Esporte de Recife, Guarani de Campinas), mesmo no seu último jogo o OFEC vencendo o Atlético Paranaense ele acaba ficando um ponto atrás do Esporte de Recife. A crônica esportiva indica que a classificação foi desperdiçada quando o OFEC em casa inexplicavelmente perde para a equipe da Catuense da Bahia. Esta é uma situação bastante presente em determinados momentos na trajetória do OFEC, onde nos jogos decisivos fatos estranhos acabavam ocorrendo dentro de campo e a equipe ficava sempre muito perto mais não ganhava.

O segundo presidente que administrou o OFEC durante a década de 90 e que vai levar junto consigo a “culpa” de ter extinguido esta equipe do futebol profissional chama-se Carlos Roberto Iurk.

Iurk é despachante oficial do DETRAN do Estado do Paraná e também tem uma pequena empresa de transportes de cargas, dividindo com seus familiares estas duas funções.

Antes de entrar como presidente do Operário Ferroviário teve uma experiência a nível de diretoria como presidente do Clube Princesa dos Campos de 1987 a 1989 e também como presidente do Clube Homens do Trabalho de 1990 a 1992 (ambos clubes sociais de Ponta Grossa, os quais não são voltados para o esporte de rendimento).

Nasceu no Bairro de Vila Oficinas, próximo ao campo do OFEC seus tios jogavam no Operário, e daí nasceu o seu amor pelo clube. Ele gostava de futebol desde de pequeno e jogou nas categorias de base do Operário, só não foi profissional por uma questão de época, onde ser profissional naquele momento não proporcionava renda suficiente que permitisse a um jovem de classe média não trabalhar.

Sempre teve um desejo de ajudar o OFEC, tanto é que antes de ser presidente do Operário, participou de outras diretorias principalmente da era Mikulis, onde foi membro e



diretor do Conselho Deliberativo. Desta forma teve algo relacionado com o Operário desde pequeno.

Em 1992 surgiu a oportunidade de concorrer a presidência do OFEC, pois segundo ele o ex-presidente Mikulis estava abrindo espaço para que um novo grupo viesse a ocupar a diretoria do Operário, “ foi aonde eu conversando com alguns colegas, então nos encorajamos e enfrentamos uma eleição e fomos vitoriosos naquela oportunidade”.

O terceiro e último presidente do OFEC durante a década de 90, chama-se Silvio Roger Goubert. É motorista de taxi a aproximadamente 07 anos e paralelamente tem uma granja de uvas e uma chácara com gado leiteiro na cidade de Teixeira Soares (região localizada a aproximadamente 40 KM de Ponta Grossa).

Começou a ter ligação com o futebol através da sua participação em alguns campeonatos em termos de liga em Ponta Grossa (sempre de futebol), no time do bairro onde morava (São José), disputou vários campeonatos em termos de clubes, futebol suíço pelo Clube Verde (clube das pessoas de classe média - alta de Ponta Grossa).

Em termos de Operário nunca havia tido nenhuma atividade esportiva dentro do clube, nunca havia pensado em trabalhar em termos de profissionalismo em alguma área esportiva, entretanto, sempre jogou e gostou de futebol. Teve seus primeiros contatos com o clube através de amigos, logo se interessou em estudar a história do clube (prática que exerce a aproximadamente 10 anos), trabalhou na diretoria do clube na administração Yurk, do qual ele se considera seguidor.

A quarta pessoa que teve e tem influência direta na estruturação do futebol profissional de Ponta Grossa e do Paraná é o presidente da Federação Paranaense de Futebol, o senhor Onaireves Rolim de Moura. O qual ficou conhecido nacionalmente pelo escândalo da sua prisão no mês de Julho (2000) devido a falta de pagamento de INSS e FGTS do ór-

ção o qual ele administra, entretanto esta história não está bem esclarecida “inúmeros clubes brasileiros possuem dívida deste caráter e em quantia muito maiores e nunca ninguém foi preso ”. Como este não é o objetivo do nosso trabalho não nos aprofundaremos nesta questão.

Não obstante, sobre a questão da administração ilícita dentro do futebol profissional paranaense, CALLUF que durante muito tempo administrou equipes da capital e posteriormente foi cronista esportivo, indica um cenário bastante interessante ao escrever um texto intitulado “Máfia em Ação”:

Se hoje fosse obrigado a voltar à simples condição de torcedor, não voltaria. Para isso tenho fortes razões, adquiridas durante o período em que participei do futebol como dirigente. Hoje quando dirijo-me à cabine de rádio, ou de televisão, para trabalhar na transmissão de um jogo, fico de vez em quando observando o comportamento da torcida. O rádio colocado no ouvido esperando pela boa notícia de que seu craque vai jogar; as unhas roídas pelos nervos; a tensão; o desespero, tudo enfim que caracteriza o homem da arquibancada. Sinto pena! Talvez o torcedor não imagine que, nos bastidores, está se tramando um gol, um pênalti, uma vitória ou então o próprio título. [...] O dirigente, talvez, por mais idealista que seja e acima de tudo honesto, chega um momento em que é obrigado a dela participar. Aliás, tem só duas opções: Ou sai do futebol esquecendo os sonhos que experimentava quando garoto, ou então aceita a ordem natural das coisas, integrando-se a Máfia do Futebol.

Os fatos acima apresentados são bastante fortes, pois por mais que imaginemos que isto ocorra dificilmente alguém que vivenciou este campo tem coragem de retratar esta situação. A leitura deste texto nos levou a questionarmos os nossos entrevistados sobre uma possível venda dos jogos, ou algum tipo de armação dentro do OFEC e as respostas foram bastante interessantes, pois ao ser questionado sobre este fato um cronista esportivo que sempre acompanhou o OFEC em todas as competições que ele disputava nos forneceu as primeiras indicações:

O Operário tem duas desgraças neste sentido, agora se vendeu ou se não vendeu é a polícia que vai ter que apurar eu não sou a pessoa indicada. Um jogo em Ponta Grossa, Operário X Pinheiros – o Operário “entregou o jogo”, eu não estou acusando, estou contando o que

---

GAZETA DO POVO. (Jornal). Curitiba 26 agosto de 2000. Caderno de Esportes.

<sup>78</sup> CALLUF, Munir. A Máfia em Ação (I). In: Revista História e Estórias do Futebol Paranaense.

se comenta, a ponto do locutor de rádio chamado Roberto Busato no microfone abandonar a carreira por acreditar que o jogo foi negociado, este foi o primeiro episódio que foi 4 X 1 para o Pinheiros, e o segundo foi o jogo do Atlético aqui em Curitiba, no Pinheirão em que a bola era dominada pelo zagueiro e realmente houve uma falha do cara, realmente uma falha muito infantil e aí aconteceu que o Operário ficou de fora, se eu não estou enganado era octogonal ou era quadrângular e se ele empatasse iria para a semi – final. Isso é a voz do povo, não sou eu que estou dizendo que estou acusando esta é a voz do que o povo dizia. Este do Pinheiros foi vergonhoso, no Sábado a tarde no campo do Operário, o Roberto Busato simplesmente abandonou a crônica esportiva revoltado com o goleiro Dicá que tomou 3 frangos e na ocasião ele disse tá acertado e a torcida saiu gritando – vendido, vendido, vendido! O Operário tem estas duas marcas fortes sobre este assunto, mas não sou eu quem estou dizendo que o Operário vendeu o jogo, ou que o goleiro vendeu o jogo, ou que alguém vendeu o jogo, houveram momentos em que o torcedor colocou isto. (ENTREVISTADO 05)

Vemos claramente a preocupação do entrevistado em não se comprometer com a situação, ou melhor, em se comprometer ao acusar alguém sobre algo que milhares de pessoas viram mas ninguém pode provar. Nesta mesma linha de argumentação encontramos novos indicativos ao realizarmos uma entrevista com o preparador físico que acompanhava a equipe em um dos campeonatos da década de 90. Ele confirma o exposto anteriormente ao falar que “nós precisávamos de 1 ponto, jogando em um determinado estádio (só os milagres, os santos não vou contar), jogando neste determinado estádio, saída de bola do meu time, saiu a bola e meu ponta direita fez o pênalti a 15 ou 20 segundos de jogo (**o entrevistado fica momentaneamente em silêncio**), Aí é uma coisa estranhíssima, concorda comigo? É ruim né?”

O que fica bastante marcada nesta fala, é a tristeza deste profissional ao tratar destes fatos, e no mínimo é intrigante que a imprensa pontagrossense tratou o lance do pênalti e expulsão do jogador pontagrossense como um ato de inexperiência, isto é difícil de ser aceito pois o mesmo jogador já atuava como profissional a mais de cinco anos e atuava a mais de 8 meses no OFEC.

Podemos acreditar que um dos problemas que podem colaborar para que este tipo de situação venha a ocorrer é que estes jogadores são contratados para jogar apenas uma tem-

porada, desta forma não criam vínculo nenhum com a cidade, com a equipe ou com a torcida local, pois eles vem, jogam e quando termina o campeonato perdendo ou ganhando eles retornam para as suas cidades e o processo recomeça no ano seguinte, sempre às vésperas do início do campeonato, desta forma ganhar ou perder para o jogador não faz muita diferença.

Entretanto, este não foi o único fato que ocorre na década de noventa que acaba mal explicado e deixa a torcida operariana revoltada. O outro fato ocorre no jogo OFEC X Atlético Paranaense, que é relatado pelo entrevistado da seguinte maneira:

Nós estávamos jogando na capital do Estado, (este aí me corta o coração, eu falo até com emoção e com raiva), na hora da gente decidir o título contra o Coritiba, bola do meu time o melhor jogador meu aos 44 e 30 do segundo tempo atrasa a bola para o goleiro e faz penalti, nós perdemos o jogo para o Atlético por 1X0 (**neste momento o entrevistado se emociona e chora, fica em silêncio por alguns instantes**).

Com medo de que ele não conseguisse continuar a entrevista, procuro estimulá-lo falando: - além de todos os problemas estruturais existentes na equipe ainda é preciso enfrentar a falta de ética do jogador profissional de futebol? Ele responde:

O jogador não, o jogador é um “coitado”. Só quem convive com ele sabe do sacrifício, tristeza, falta de segurança, falta de tudo. Então muitas vezes eles são coagidos a fazer coisas que não gostariam de fazer. (**a resposta até aqui vem em tom de tristeza e melancolia**) As coisas acontecem, mas só que entra ano e sai ano; o ano que vem tem mais, o ano que vem a gente joga de novo. Eu sei que você deve estar se perguntando : Mas você sabe tudo isso, você viveu tudo isso e você não vai (**pausa do entrevistado**). Mas vou fazer o que? Vou falar o que? Eu não tenho força nenhuma, não tenho força política. Eu sou um profissional e se eu falar demais amanhã não trabalho nem em time de nona divisão, porque coisas boas dificilmente são publicadas, mas coisas ruins que você sabe e tem coragem de falar, isto aí as pessoas que querem te prejudicar usam super rápido. Não adianta, enquanto existir esta estrutura viciada principalmente aqui em Ponta Grossa, nós nunca vamos chegar a lugar nenhum. Eu acho que as pessoas foram importantes, tiveram a sua importância e o seu espaço, tiveram o seu momento, mas agora não. São outros tempos, agora é a era da internet, era da maior seriedade possível, da maior transparência e sem isto daí não adianta não se resolve nada, só vão ficar enganando uma cidade inteira por mais vinte anos, como já fazem a duas décadas e vão continuar por mais duas décadas desta maneira.

Durante a realização das entrevistas foi constante a preocupação de como iriam ser utilizadas as informações que estavam sendo passadas, pois elas poderiam atrapalhar a carreira destes profissionais, tendo em vista que alguns continuam atuando na área e mesmo aqueles que trabalham em outras áreas tem medo de serem prejudicados pelos poderosos dirigentes do OFEC, que são pessoas de bastante influência dentro da cidade e podem prejudicá-los. Foi a partir da percepção que os fatos mais importantes estavam permanecendo no anonimato, que eu resolvi alterar a proposta e me comprometi em preservar o nome do entrevistado.

Se temos indícios de negligências que vinham de fora do campo de jogo, haviam também sérios problemas que podem ser identificados dentro do campo, os quais prejudicavam o rendimento da equipe, principalmente quando os salários dos jogadores não era pago conforme o combinado:

Olha, como eu já te falei nós Prata da Casa sabíamos das coisas só depois que elas aconteciam, agora se realmente houve eu não posso te falar com precisão, havia depois do jogo alguns bochichos que a gente ouvia. Havia também alguns fatos estranhos, um deles ocorreu no início da minha carreira em um determinado jogo, onde eu estava jogando de lateral, como meu forte sempre foi chutar bem, naquele jogo estavam dando espaço então eu comecei a descer pela lateral com toda a minha juventude e soltar o pé para o gol. Alguns jogadores mais veteranos me chamaram, me deram uma dura – o moleque vê se você não passa mais do meio-de-campo e não chute a bola para o gol, eu fiquei sem entender aquilo mas obedeci. [...] E havia um outro problema, quando o pagamento atrasava os jogadores de fora complicavam dentro do campo, a bola vinha quadrada e forte, eles não dividiam, jogavam a culpa em você toda hora e faziam corpo mole. (Entrevistado 07)

Estas entrevistas nos permitem percebermos alguns indicativos (causas) que podem ter influenciado na falta de títulos da equipe do OFEC, os quais podemos enumerá-los da seguinte maneira:

- problemas financeiros constantes;
- falta de trabalho de base;

- pagamentos atrasados o que fazia com que os jogadores não se dedicassem o suficiente dentro de campo;
- contratação de jogadores para disputar uma única temporada, fato que não possibilitava a criação de laços entre jogador, equipe e torcida.

Certamente estes problemas que neste estudo são considerados periféricos, contribuem veemente para que possamos entender a nossa problemática que se refere ao impacto do setor administrativo para desfiliação do OFEC do Futebol Profissional Paranaense. Principalmente se pensarmos que estes problemas existem e ocorrem no clube a mais duas décadas; não obstante temos consciência que são problemas complexos, os quais para serem resolvidos exigem muito tempo e dedicação por parte dos administradores e dentro da atual proposta de trabalho não remunerado para os diretores de clube de futebol, cria uma possibilidade de um trabalho administrativo realizado apenas no momento ocioso do dirigente, no qual ele acaba indo para o clube apenas nos seus momentos de folga do seu trabalho real, aquele que o mantém e gera o sustento seu e de seus familiares. Somado a este fato está a situação de que os dirigentes administram o clube praticamente sozinhos, e desta forma carecendo de tempo para resolver estes problemas.

Para não ficarmos em uma exposição hipotética buscamos compreender através da fala dos presidentes do clube, qual era o tempo que eles dedicavam para esta atividade e como conseguiam dividir o seu tempo de trabalho com o tempo necessário para administrar o OFEC. Obtivemos por parte destes administradores as seguintes respostas:

Olha, quando assumimos o OFEC nós não tínhamos uma idéia da responsabilidade de ser presidente de um clube de futebol profissional, na verdade quando nós entramos, nós entramos com um grupo muito forte a nível de número de companheiros, mas todos trabalhadores. Todos, digamos assim, sem poder financeiro muito forte mas com bastante vontade. Mas o dia – a – dia foi mostrando que a realidade de um time profissional realmente é uma coisa muito séria e muito difícil, e foi acabando sobrando só para mim e para o Tadeu

Shultz, que foi meu diretor de futebol na época. As coisas realmente foram muito difíceis, eu tive que abrir mão de muitas coisas do meu escritório, me dedicar quase que exclusivamente no período da tarde totalmente para o clube, inclusive me prejudiquei profissionalmente muito. Mas consegui levar a termo a nossa responsabilidade e o nosso compromisso como presidente do Operário. Mas, foi um período muito difícil aonde eu ficava praticamente toda tarde fazendo expediente no Operário. (Entrevistado 01)

É interessante destacarmos nesta passagem a diferença que existe em administrar um clube social e um clube esportivo profissional. Principalmente porque o clube social possui um maior controle quanto as suas receitas e despesas, já o clube esportivo tem o seu setor financeiro instável dependendo de patrocínios, que por sua vez dependem dos resultados da equipe, do campeonato em que irá disputar, do seu departamento de marketing... Não obstante, ser presidente de clube social não é suficiente para ser presidente de um clube esportivo. É preciso ter vivenciado este campo, ou no mínimo estar com uma ótima equipe de trabalho que lhe possibilite uma boa retaguarda em diversos setores que são fundamentais para o funcionamento desta administração.

BRUNORO, ao tratar desta questão identifica alguns problemas que normalmente surgem na administração do futebol brasileiro :

[...] O responsável por grupo de pessoas que busca atingir um objetivo de sucesso deve ter, como norma pessoal, o uso de princípios éticos e profissionais, seja para solucionar conflitos, seja para auxiliá-los no processo de decisão.

[...] O profissional que nunca teve contato com o esporte, nem vivenciou o dia-a-dia de uma equipe, com os problemas que ali predominam, levará algum tempo para se adaptar devido as necessidades do novo trabalho. Por outro lado, os ex-jogadores (que não se especializaram nesta área) que pretendem desempenhar tal função precisam contar com o apoio de uma bagagem teórica e prática de administração. Esse é o fato do futebol brasileiro ainda não contar com muitos profissionais dessa área .

O dirigente do clube do interior administra um clube que depende da renda para contratar e para se manter, desta forma quando a equipe está bem o campo lota e o dinheiro

---

<sup>79</sup> BRUNORO, José Carlos & AFIF, Antonio. *Op cit.* P. 47-48.

aparece logo ao final do jogo, mas quando a equipe não está bem as dívidas aumentam e no OFEC a situação encontrada foi deixar estas dívidas para a próxima gestão, ou seja, administrador até onde conseguir mesmo em situação de déficit, quando não tiver mais jeito eu passo a direção do clube para outra pessoa e como as contas são feitas para 90, 120 e/ou 180 dias elas vão estourar na administração seguinte caso esta administração seja composta pela oposição, caso contrário as dívidas vão rolando.

O segundo presidente entrevistado, também relata que dedicava grande parte do seu tempo ao OFEC:

Olha eu acho que das 24 horas, dedico 12 horas para o clube porque eu estou bem lembrado inclusive não é de mérito, porque eu sempre falo que todos os presidentes que passaram pelo Operário que eles sempre tiveram algum mérito, alguma coisa eles fizeram. Eu não acho correto você criticar nenhum presidente da forma que ele tocou do que ele fez. Eu tenho uma experiência que março de 83 eu saí do Operário e daí veio aquela velha história : nós precisamos colocar um operariano de 4 costado. Porque eu nasci Guarani, se fosse trabalhar em termos de cores eu não podia estar tocando o Operário.

Em 83 fizeram um movimento para entrar um grupo de operarianos daí entrou o Mongruel, o Tutu Mongruel. Mas o Tutu foi tão, tão azarado que eu entreguei para ele, inclusive eu lembro até hoje que nós disputamos o quadrangular que de 4 quadrangular que nós tivemos em 82 eu disputei três ficando numa posição privilegiada no campeonato paranaense como nome, nós tínhamos realmente o Operário saiu até no placar a média de público do Operário era de 6 mil pessoas na época em que eu estava trabalhando. Daí saiu entrou os operarianos, tradicionais operarianos, não demérito mas pela história dos futebol como tem os coxa, tem os atleticanos daí entrou o Tutu e infelizmente o Tutu caiu para a Segunda divisão ele montou um time mas ele não comparecia no clube ele tocava o clube por telefone, porque ele é contador e o contador não pode dispender de um tempo que eu fui privilegiado na minha profissão em ter restaurante, e eu dedicar a parte da manhã e a parte da tarde praticamente para o futebol que é o horário que mais precisa e eu tenho uma parte também nesta história que quando 85 eu voltei para o Operário eu ainda era presidente do Guarani.

Então eu voltei para o Operário e fiquei presidente do Operário e do Guarani, é que nem fosse hoje para dizer uma história assim o Envangelino da Costa Neves sendo presidente do Curitiba e Presidente do Atlético e eu na época, consegui ficar um ano até terminar o meu mandato no Guarani que daí eu fiquei no Operário, então fiquei presidente dos dois clubes então são coisas acontece e todos os presidentes, o próprio Iurk com a diretoria dele que entrou é ele também lembro até hoje que em 92 eu estava saindo não queria mais ficar na administração do clube aí o Iurk me perguntou se eu o apoiaria e eu apoio você tua chapa não tem problema nenhum mas como o Iurk estava assumindo e nós estávamos vindo de campanhas de 90, 91, 92, 91 belas campanhas eu disse Iurk vocês são novatos no negócio, se vocês quiserem este grupo que está aí comigo que era o Pelissari, o Percy, era o Durango são pessoas que sempre estão trabalhando comigo se propuseram a ficar com ele no Conselho Deliberativo do Operário, daí eu lembro até hoje que o Iurk falou não, nós queremos operarianos de 4 costado. Se todo este tempo que eu dediquei no Operário, tudo que está lá



hoje na grande verdade fui eu na nossa administração na diretoria que nós tínhamos competente que nós fizemos piscina, campo de suíço, iluminamos o Estádio fizemos o que tem lá hoje no Operário graças a Deus eles estão mantendo, apesar que com dificuldades porque hoje não tem associados e todos os clubes sociais hoje passam por dificuldades e o Operário não vai fugir a regra e está passando também por dificuldades. Então são estas histórias do futebol que as vezes me julgavam como ditador, mas você se torna ditador pelo tempo que você trabalha dentro do clube se você não trabalha no clube e tem uma diretoria que também não trabalha você se torna isento mas quando você frequenta muito mais o clube você passa praticamente a ser um administrador do clube, um presidente mas também administrador e eu fui diretor de futebol, diretor administrativo eu já tive quase todos os cargos dentro do clube quando o Pelissari era presidente do clube também.

Eu atualmente sou presidente da agência de fomento Ponta Grossa a FEAPON, que cuida praticamente de toda a pavimentação asfáltica ou poliética de Ponta Grossa. Tenho o restaurante La Gôndola há 26 anos o qual pertence a minha família. Eu que fundei o restaurante há 26 anos e me dedico também ao futebol, grande parte do meu tempo hoje praticamente eu atendo a parte do futebol de Ponta Grossa.

Alguns fatos merecem ser destacados no texto acima citado. O primeiro deles diz respeito quanto a possibilidade de um mesmo presidente administrar dois clubes “arquivais” da mesma cidade. Mesmo deixando a questão da rivalidade de lado pois o Guarani já não praticava mais o futebol profissional, mas pelo que temos visto até agora questiono: É possível realizar uma administração de qualidade em dois clubes (um social e da classe alta de Ponta Grossa e o outro social mas com sua ênfase no futebol profissional, tendo como clientela um público diversificado mas preponderantemente pessoas de classe média), com características totalmente diferentes?

Se pensarmos dentro de princípios administrativos de qualquer empresa de médio porte, com facilidade responderíamos que não, mas dentro da administração clubística vimos que isto foi possível, mas qual foi o resultado desta administração para os clubes?

Gostaria de começar mostrando que nem sempre o aparente demonstra a realidade, ou seja, dentro do futebol clubístico nem sempre o presidente que consegue montar um

time vencedor é o melhor administrador para o clube. Talvez alguém esteja se indagando: No futebol o que vale não é os resultados? Não é ser uma equipe vencedora?

Certamente, entretanto o futebol moderno exige do administrador mais do que montar uma boa equipe, ele precisa ter estrutura para vender a imagem desta boa equipe e desta maneira conseguir atrair pessoas que acreditem que vale a pena investir neste clube, pois caso contrário serão obtidos bons resultados mas a situação financeira do clube será sempre precária, o que já foi demonstrado na trajetória do OFEC.

Um bom exemplo sobre a venda da imagem do clube e do jogador está sendo realizado pela equipe do Clube Atlético Paranaense. Com um Projeto chamado Atlético Total, o qual foi iniciado no ano de 1995 e tem por objetivo projetar o nome do clube nacional e internacionalmente, através da presença de atletas deste clube na seleção nacional (fato este que já vem ocorrendo com Lucas e Adriano na seleção olímpica brasileira), ainda dentro dos objetivos deste projeto está presente o interesse de fazer com que a equipe atleticana circule entre as melhores do país, o que também tornou-se realidade. Mas como isto foi possível?

Em recente artigo apresentado pela Revista Placar temos indicativos para percebermos qual foi a estrutura montada por este clube, o que pode ser feito através do acompanhamento do trabalho realizado com os dois atletas que foram destaque desta equipe no ano de 1999. O primeiro deles chama-se Adriano, este atleta chegou ao CT do Atlético em janeiro de 1998 e apresentava o seguinte quadro:

- traços de desnutrição, verminose e incapacidade para suportar a carga de treinamento exigida de um atleta profissional. Segundo o preparador físico da equipe “ele tinha ta-
-

lento, mas não tinha saúde”. Para resolver estes problemas Adriano passou quase todo o semestre freqüentando dentistas, médicos, nutricionistas e fisioterapeutas, para só depois disso ser entregue a um programa especial de preparação física. O resultado deste trabalho multi-disciplinar ocorreu em um curto espaço de tempo, pois em julho daquele ano este atleta havia ganho 5 quilos de massa muscular e ganho 5 centímetros.

Entretanto, a preocupação do clube não foi apenas com o lado biológico do atleta, o trabalho realizado envolveu também o seu lado social. O Atlético providenciou o seu divórcio, tendo em vista que ele estava separado informalmente e brigas eram constantes com sua “ex-mulher”, além disso contratou um fonoaudiólogo e uma professora de português para que ele aprendesse articular as idéias. Quando este atleta chegou ao clube, a diretoria havia pago 300 mil reais para comprar o seu passe junto ao CSA, investiu mais 100 mil reais para transformá-lo em um jogador de destaque e hoje o seu passe é estimado em 10 milhões de dólares.

No futebol moderno necessita-se de administradores que estejam acompanhando as novidades do mercado e suas novas exigências, dentre as quais podemos destacar a necessidade de valorizar a imagem do clube e do jogador, pois só desta maneira é possível atrair um parceiro. Dentro deste contexto torna-se no mínimo muito difícil alguém conseguir administrar a sua vida particular e dois clubes sociais ao mesmo tempo e quando isto ocorre uma das estruturas acaba saindo prejudicada.

Para tentar perceber qual era a compreensão dos administradores do OFEC sobre o que estava acontecendo no futebol brasileiro da década de 90, nós perguntamos a eles o que

---

<sup>80</sup> As informações sobre a nova estrutura do Clube Atlético Paranaense, podem ser conferidas na Revista Placar, Março de 2000, p.66-67.

eles achavam sobre o futebol empresa, e tivemos dois posicionamentos bastantes distintos e interessantes:

Sem sombras de dúvidas, a equipe não partir para este caminho, não vai ter condições de sobreviver e os exemplos estão aí a nível nacional. As equipes grandes do Brasil a maioria o futebol não é mais do clube e sim de empresários ou empresas que chegam e compram este futebol por determinado período, o que é uma coisa natural hoje. Tem que ser feito desta maneira, hoje o diretor não pode mais deixar os seus afazeres particulares, principalmente no momento em que nós estamos vivendo hoje (difícil), e ficar se dedicando graciosamente ao clube de futebol ou ao clube social mesmo. Então a coisa deve ser encarada com muito profissionalismo e com muita seriedade, hoje o clube que não encarar desta forma, fatalmente não vai ter sucesso nenhum. (Entrevistado 01)

Vemos aqui que não há um bom entendimento sobre o que venha ser o futebol empresa, pois nas palavras apresentadas por este administrador o futebol do clube seria vendido por um certo tempo (seja conhecidência ou não, veremos a frente que isto acaba ocorrendo posteriormente no OFEC) e que tal atitude é algo natural no futebol brasileiro, quando vemos que dentro do mesmo futebol que ele se refere apenas as equipes dos grandes centros futebolísticos tem parceiros de grande porte.

O segundo entrevistado (ex-presidente do OFEC), ao falar sobre o futebol empresa indica que:

O futebol empresa é utopia dentro da realidade brasileira, quem vai querer investir nos clubes brasileiros todos eles individualizados. Nem o Corinthians, nem o Flamengo tem parceiros imagine se alguém vai querer ser parceiro do Operário. O que nós temos para oferecer em troca para o parceiro. Não isto não é para o Brasil, somos muito pobres para este tipo de coisa, isto talvez só de certo na Europa. (Entrevistado 02)

Este posicionamento é bastante conflitante, tendo em vista que durante a década de 90 foi um período no qual iniciou-se uma grande mudança no modelo administrativo dos clubes. Estas mudanças foram (estão) sendo lentas principalmente pelas barreiras impostas pelas diretrizes legais do esporte brasileiro e dos próprios clubes de futebol. Como demons-

tram BRUNORO ao tratar das dificuldades encontradas no momento em que se tentava fazer uma parceira entre o clube e uma determinada empresa:

[...]o estatuto do clube. Era difícil mexer no estatuto do clube para ter uma participação dentro do clube. Não existia lei na época, que nos protegesse em estarmos presentes em um clube. Talvez alterássemos muito vigorosamente os rótulos em vigor no futebol brasileiro. O que encontramos de solução foi o que chamamos de Projeto de Co-gestão; estudamos, fiz uma análise melhor do que poderíamos fazer e chegamos a conclusão de que poderia acontecer um projeto de co-gestão [...] . O projeto definitivo começou em abril (1992), quando eu fiz um estágio na Itália para entender um pouco como funcionava a estrutura no Parma e no próprio futebol italiano . E eu cheguei aqui no Brasil com a conclusão de que não poderia fazer absolutamente nada do que se fazia lá. <sup>1</sup>

Podemos perceber que a questão legal foi/é uma barreira bastante forte para a transformação estrutural do futebol brasileiro, onde encontramos uma padronização nos estatutos dos clubes, que em seu artigo 2º , normalmente consta o seguinte teor:

- O (por exemplo, Operário ferroviário Esporte Clube), é uma sociedade esportiva, educativa e recreativa, **sem fins lucrativo** e tem por finalidade [...]

Neste sentido, a Lei Zico apresentou possibilidades legais para a transformação deste quadro, entretanto ela não teve forças para modificar a situação, principalmente por ter sido bastante modificada no Congresso, graças a força política que possuem os dirigentes do futebol brasileiro. Contudo, ela foi fundamental para colocar em discussão a necessidade de transformações no modelo administrativo do futebol, assunto que volta a ser tratado com mais força em 1996, quando o então secretário extraordinário dos esportes, o Sr. Edson Arantes do Nascimento (Pelé), apresenta para o Congresso Nacional uma nova lei sobre a reestruturação do esporte brasileiro e que trata de alguns pontos fundamentais para o futebol brasileiro.

Diante de toda a discussão ocorrida em torno da transformação do futebol brasileiro, e da luta por parte dos dirigentes para que a estrutura permanecesse inalterada, pois desta

maneira eles continuariam a receber as suas porcentagens na transferência dos jogadores, bem como realizando transações bastante nebulosas, que acabam colocando em xeque a sua credibilidade e por conseqüência do nosso futebol .

O Brasil historicamente foi formado por antagonismos sociais, os quais favorecem para que ocorra um divisão no país, onde um lado temos uma minoria privilegiada e do outro uma grande maioria que busca ser absorvido por um determinado campo. O jornalista SUZUKI JR, explicita esta situação:

O futebol brasileiro vive um momento decisivo. Como existem dois Brasis, o pobre e o rico, também temos dois países do futebol. Um círculo da elite dos jogadores que ganham salários milionários e a chegada para poucos times de patrocínios de grandes empresas, fornecem a ilusão de que o futebol profissional, no único país que conquistou quatro Copas do Mundo, vive uma fase pujante. Por outro lado, a grande maioria dos times, dos campeonatos e dos jogadores vive noutro país do futebol: o dos balanços deficitários, dos jogos e torneios que dão prejuízos, dos baixos salários, do desemprego e da evasão profissional. Pior ainda, o fosso entre o país do futebol rico e o país do futebol pobre vem aumentando. [...] O futebol rico sabe que sem mudanças estruturais, ele não poderá sobreviver a longo prazo. E cada vez menor o elenco de times que participam, de seu banquete, já o futebol pobre, não tem como ficar mais pobre. Enquanto o futebol cresce em todo o mundo, inclusive em locais sem tradição alguma no esporte, enquanto países europeus descobrem novas maneiras de obter faturamento explorando esse espetáculo, a modalidade perde no Brasil cada vez mais o seu principal cliente: o torcedor. O modelo do futebol brasileiro esta exaurido.

O novo modelo que apresenta, tendo como base a realidade européia, ainda não teve forças para derrubar o modelo tradicional, onde umas das principais causas é a representatividade de algumas equipes de futebol no congresso o que de certa forma facilita para a manutenção do modelo tradicional, que é pautado principalmente pela falta de visibilidade das negociações realizadas nos clubes de futebol.

---

<sup>81</sup> BRUNORO, J. C. “Case Parmalat/Palmeiras”, in: *Anais do Seminário INDESP de Marketing Esportivo*. Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996, pp. 85-6.

<sup>82</sup> Houve recentemente em Julho de 2000, um caso envolvendo questões de diferença no valor do passe de um jogador formado em Ponta Grossa e vendido para o Curitiba Futebol Clube. Uma das figuras centrais deste caso foi um ex-presidente do OFEC. A esse respeito cf. o Jornal Tribuna do Paraná, dos dias 25,26 e 27 de agosto de 2000.

Não obstante o modelo tradicional está entrando em crise pois já não mais atende aos interesses comerciais do futebol, que acabou se tornando um dos investimentos mais rentáveis dos últimos tempos, principalmente com a valorização dos passes dos atletas brasileiros após a conquista do tetra - campeonato mundial e do impacto que o futebol consegue provocar nos torcedores, seja nos campos ou na televisão onde este momento é bastante promissor devido ao aumento dos canais fechados.

Não obstante, após vermos a estrutura do OFEC perguntamos: O que fazer com as equipes de futebol profissional que não possuem estrutura para serem inseridas no novo modelo?

Esta questão se torna bastante delicada se levarmos em conta que estas equipes representam a grande maioria das equipes presentes no futebol brasileiro (segundo dados da CBF, em 1996 haviam no Brasil 501 equipes de futebol profissional, das quais 80% não possuíam condições financeiras para disputar uma das 3 divisões do campeonato brasileiro), mas por outro lado, estas equipes proporcionaram milhares de “empregos”, sendo desta maneira fundamentais para a existência deste campo.

Vimos até aqui que a mercantilização do futebol impôs severas diferenças no nível das equipes, onde podemos encontrar os famosos e grandes times e os times pequenos. Entretanto, independente do tamanho da equipe a lógica do mercado aponta que aquelas que não acompanharem/acompanharam e buscarem/buscarão se adequar as novas exigências do futebol moderno, sofreram fortes conseqüências.

Principalmente aquelas que mantiveram uma gestão amadora, baseada em um conceito associativista, no qual a base administrativa era pautada pela filantropia, na qual eram responsáveis pelo gerenciamento da equipe homens de negócio da própria localidade os quais na maioria das vezes vêem o futebol como uma ótima oportunidade de entretenimen-

to popular e uma forma de ganharem notoriedade, chegam a cargos públicos... Sintetizando, vemos um futebol composto por atletas profissionais e dirigentes amadores, os quais administram o espetáculo esportivo para um clube que não tem fins lucrativos.

O que não perceberam estes administradores e estas equipes é que o modelo administrativo do futebol brasileiro mudou. Está surgindo um novo mercado, com clubes transformando-se em empresas e contratando empresas profissionais para administrar a sua marca, a qual passou a ter parceria com grandes corporações multi - nacionais. Alguns clubes saíram na frente, pois passaram a trabalhar com o futebol dentro daquilo que a legislação permitia e as exigências de um mercado livre impunham. Desta forma conseguiram atrair grandes grupos empresariais que passaram a investir no futebol como um produto rentável, administrado a partir de um planejamento baseado no comportamento do mercado, no nível de concorrência, nos resultados financeiros, nas taxas de retorno...

As grandes empresas estrangeiras perceberam o tamanho do mercado inexplorado existente dentro do futebol brasileiro. A partir das possibilidades abertas com a Lei Pelé, mudou-se completamente a relação patrocínio – equipe. Anteriormente o interessante para a empresa patrocinadora era apenas veicular a sua marca através de uma equipe (preferencialmente vencedora), o contrato firmado entre o Palmeiras e a Parmalat já apresentava um novo perfil, porém as transformações estavam apenas começando, pois o interesse da Parmalat era criar uma boa imagem dentro de um mercado consumidor.

Hoje isto mudou claramente. As empresas multi – nacionais não querem somente patrocinar, querem investir e ganhar dinheiro com o futebol, para isto as suas fontes de receitas serão a exploração da marca, os direitos de transmissão, a arrecadação de jogos, a transação de jogadores. E como estas empresas são internacionais a tendência é que o futebol clubístico brasileiro passe a ter maior circulação e reconhecimento em um mercado



globalizado. Quem acha que isto é uma proposta futurista e que só poderia dar certo na Europa, basta acompanhar o investimento feito pelo HMTF (Hicks, Muse, Tate & Furst) fundo de investimentos norte – americano na equipe do Sport Club Corinthians Paulista:

Inicialmente pagou 7 milhões de reais, depois outra tranche de 14 milhões de reais. Além disso se comprometeu a bancar pelos próximos dez anos todo o custo do departamento de futebol, incluindo as divisões inferiores, em um desembolso de 2,5 milhões de reais mensais. Entre as demais propostas da HMTF está a construção de um estádio multiuso para 40 mil pessoas, comportando de jogos de futebol a bailes, que ao final do contrato será doado ao clube. Essa tendência praticamente está levando a desativação dos grandes estádios, tipo Morumbi ou Maracanã, que ficaram inviáveis com o advento da televisão.[...] No seu primeiro lance, o grupo americano investiu R\$ 45 milhões na compra ou aluguel de novos jogadores (mais do que todos os clubes paulistas juntos). Para conferir estabilidade ao negócio, a única exigência do fundo foi a indicação do diretor de futebol, para livrar o negócio em si de injunções políticas. [...] O primeiro exemplo do estilo HMTF se deu nos direitos de televisionamento com Skynet (canal pago da Rede Globo). Enquanto os demais clubes negociavam em bloco, aceitando luvas fixas, os americanos pularam fora e passaram a negociar separado. No caso do pay-per-view não aceitam mais luvas genéricas, mas exigem percentuais sobre a venda para cada telespectador.

É evidente quem nem todas as equipes conseguirão uma parceria deste porte, mas o que se chama a atenção é que quem não conseguir acompanhar esta modernização do futebol, está sujeito a aparecer apenas enquanto uma equipe necessária/complementar para a realização do campeonato estadual, ou seja, quem não conseguir atrair investimentos dos grandes grupos está fadado sobreviver de migalhas ou então a retornar para o amadorismo.

Inúmeras pessoas tentam apontar caminhos alternativos para que as equipes possam continuar existindo. O Jornalista Juca Kfoury ao discutir a situação atual do futebol brasileiro, apresenta uma alternativa bastante interessante, principalmente para os pequenos clubes, onde utiliza como exemplo um clube do interior de São Paulo. Vejamos como ele trata este assunto:

[...] na hora em que o presidente do Noroeste de Bauru, souber que o futebol brasileiro tem um calendário de 5 anos, e que o seu time foi convidado para disputar a 3ª Divisão Brasilei-

---

<sup>83</sup> NASSIF, Luis F. Uma revolução no futebol. **(preciso completar a fonte, foi você que me passou este e.mail)**

ra, ele faz o seguinte, que é o raciocínio óbvio: 3ª Divisão é uma coisa menor, pouco público, pouca grana, eu vou montar o meu time aqui, com o pessoal da minha cidade [...]. E vou fazer o meu planejamento. Eu tenho por objetivo subir daqui a 5 anos para a 2ª divisão, para tanto vou montar esse meu time aqui de moleques de 17/18 anos, vão perder muito no primeiro ano, no segundo ano vão equilibrar, no terceiro ano vão ficar ali entre os oito primeiros, no quinto eu quero ganhar. Disputo a 2ª Divisão, com caras que eu formei ali na minha cidade, esses caras já estão com 23, 24 anos. Vou para a 2ª Divisão e vou passar 3 anos nesta merda. Já é melhor, caiu o Vasco esse ano, ele vem aqui a Bauru jogar.

Os posicionamentos de Kfourri são bastante pertinentes para pensarmos na realidade em que vive hoje a maioria das equipes do interior (exceção feita para grande maioria das equipes do interior de São Paulo que vivem em uma outra realidade sócio – econômica), as quais ainda parecem não ter percebido a mudança dos tempos e as novas exigências do mercado. Neste sentido, a saída mais sensata para estas equipes é voltar o seu trabalho para as categorias de base, buscando os resultados em forma de processo, pois este período servirá também para que a equipe passe a ter identificação com a cidade e hoje com o fortalecimento dos campeonatos regionais, através da entrada da mídia a situação parece estar melhorando, entretanto as equipes precisam buscar parceiros pois cada vez mais a renda proporcionada pelo torcedor torna-se “insignificante”. O futebol tornou-se um espetáculo esportivo e o campo um estúdio, a torcida faz parte deste cenário para que ele fique mais bonito, entretanto o mais importante passou a ser a quantidade de emissoras que pagam para transmitir este espetáculo.

Com base nas novas exigências impostas no futebol brasileiro, ser presidente de um clube de futebol profissional é algo bastante complexo, que exige no mínimo tempo disponível e conhecimento sobre administração e sobre a realidade do clube de futebol. O que

---

<sup>84</sup> KFOURI, Juca. Juca Kfourri chuta o balde. Entrevista para a revista Caros Amigos. Ano 1, nº 1, abril de 1997.

não foi o caso do presidente do OFEC que estava acostumado a administrar apenas clubes sociais, como ele mesmo relata:

Olha, nós não tínhamos uma idéia da responsabilidade de ser presidente de um clube de futebol profissional, na verdade quando nós entramos com um grupo forte a nível de companheiros, todos trabalhadores. Todos, digamos assim, sem poder financeiro muito forte, mas com bastante vontade. Mas o dia-a-dia foi nos mostrando que realidade de um time profissional, realmente é uma coisa muito séria e muito difícil e foi acabando sobrando só para mim e para o Tadeu Shultz que foi meu diretor de futebol na época, e as coisas realmente foram muito difíceis, eu tive que abrir mão de muitas coisas no meu escritório, me dedicar no período da tarde quase que totalmente para o clube, inclusive me prejudiquei muito profissionalmente. Mas consegui levar a termo a nossa responsabilidade e o nosso trabalho como presidente do Operário. Mas foi um período muito difícil aonde eu estava praticamente toda à tarde fazendo expediente no Operário. (Entrevistado 01)

Até o ano de 2000, o estatuto do OFEC em vigor indicava que para ser presidente do clube era necessário formar uma chapa composta pelo presidente, vice-presidente, mais 3 conselheiros fiscais efetivos e 3 suplentes, além de outras funções de confiança. Não existe nenhuma carência entre a admissão de um novo sócio e sua candidatura a presidente do clube, o que se exige é que a pessoa tenha no mínimo 25 anos de idade e possua um título patrimonial quitado com a secretaria do clube.

O estatuto indica que o novo presidente seja eleito sempre na segunda quinzena de Março dos anos ímpares (a cada dois anos), momento em que ele será escolhido pelo Conselho Deliberativo que é eleito um mês antes, ou seja primeiro elege-se o Conselho Deliberativo no mês de Fevereiro e aí este órgão é responsável em eleger o presidente do clube .

Existe neste caso uma deficiência no estatuto que possibilita a qualquer pessoa que não conhece nem a estrutura do clube, candidatar-se e eleger-se presidente do mesmo. A falta de profissionais na área da administração esportiva/futebol, mostra ainda hoje que mesmo o futebol tendo se tornado uma atividade espetacularizada e amplamente valorizada,

no Brasil a grande maioria das equipes foram e continuam sendo administradas como clubes sociais “sem fins lucrativos” e desta forma estas instituições são administradas por pessoas que justificam a sua permanência a frente da diretoria do clube através da paixão que eles dizem ter por este esporte. Não obstante, as matérias apresentadas nos jornais de todo o país quase diariamente apontam para outros motivos onde fundamentalmente o interesse individual do presidente, na maioria das vezes prevalece sobre o benefício que poderia ocorrer para o grupo ou para o clube ao qual ele representa.

O sociólogo GARCIA FERRANDO caminha nesta linha argumentação e explicita com muita propriedade a transformação ocorrida com o esporte espanhol:

Até poucos anos atrás, o esporte profissional [...] se contemplava como uma atividade contraposta às esferas do mercado e da conduta orientada pela busca do lucro [...] a racionalidade econômica, as leis do mercado e a mercantilização do esporte estavam fora do alcance da dita concepção do esporte. Trabalho não remunerado, idealismo, financiamento através das mensalidades dos sócios e de subsídios governamentais, eram os elementos em que se baseavam os clubes esportivos. Porém, a crescente espetacularidade de alguns esportes, sua íntima dependência dos interesses comerciais e publicitários, a custosa construção ou remodelação das instituições esportivas, os passes cada vez mais caros de jogadores excepcionais, e uma gestão empresarial baseada mais em critérios tradicionais do esporte amador que em concepções modernas do esporte espetáculo, conduziram na Espanha a que os clubes de futebol profissional adquirissem uma dívida estimada em vários milhões de pesetas, que ao final dos anos oitenta não se sabia bem quem iria financiar. A proposta do governo socialista foi como se tem dito – converter os clubes de futebol em sociedades anônimas, com a finalidade de clarificar as responsabilidades econômicas.

No futebol brasileiro esta ainda é a realidade da grande maioria das equipes de futebol, principalmente aquelas localizadas no interior das cidades onde o tradicionalismo e o amadorismo perpetuam sobre a mercantilização e o profissionalismo. No início da década de noventa ocorreram as primeiras tentativas de transformar esta situação, através da modernização da legislação do futebol brasileiro o qual tinha como ponto de partida um novo

contexto social que o país vivia naquele momento, onde o Governo Federal buscava implantar um modelo administrativo de eficiência nos serviços prestados à sociedade .

Dentro deste novo quadro que se configurava tornou-se necessário redefinir a política do sistema desportivo nacional, o qual era regido por leis retrógradas criadas em um momento ditatorial, necessitando desta forma de revisões e/ou substituições que atendessem as necessidades do contexto atual. Somado a este fato estava a extinção do CND (Conselho Nacional de Desportos), órgão que esteve a frente do esporte brasileiro durante muito tempo, tendo sua fase mais promissora durante o período regime militar e que havia sido extinto no ano de 1993.

Como a Lei Zico enviada ao Congresso Nacional foi mutilada através de emendas e alterações, e desta forma ela não teve forças para alterar o quadro que se apresentava. Uma nova lei foi enviada ao Congresso Nacional através do Ministério Extraordinário dos Esportes, na pessoa de Edson Arantes do Nascimento (Pelé), o qual cria uma comissão com representantes da Educação Física, clubes de futebol, iniciativa privada e pessoas envolvidas com o esporte, para que se pudesse discutir novas possibilidades para o Esporte Nacional.

Novamente a situação se repete e o projeto não consegue alterações profundas, principalmente no que se refere aos clubes de futebol, os quais contam com uma representatividade bastante forte dentro da política nacional nas mais diferentes instâncias. Dentro deste contexto os clubes ainda permanecem como instituições sem fins lucrativos e administrados dentro dos princípios do amadorismo, no qual o dirigente aparece no clube quando sobra tempo, deixando para resolver todos os problemas nestes momentos de não trabalho, situa-

---

<sup>85</sup> GARCIA FERRANDO, Manuel. Aspectos Sociales del Desporte: una reflexion sociológica. Alianza Editorial, 1990, cap. 7, p.197.

<sup>86</sup> Para uma leitura mais detalhada sobre esta temática cf. MEZADDRI, Fernando Marinho. **COMPLETAR**

ção que se agrava pelo presidente concentrar os diferentes cargos do clube e da equipe de futebol.

As conseqüências imediatas do acúmulo de cargos dentro do clube somado ao trabalho profissional do presidente traz algumas conseqüências imediatas que prejudicam a estrutura do clube, principalmente nas diferentes possibilidades de buscar recursos para a equipe onde é fundamental conhecer estratégias de marketing e possuir uma equipe especializada neste tipo de trabalho. Dentro da história do OFEC pudemos perceber que ele sempre teve muitas dificuldades em encontrar patrocinadores, mesmo existindo inúmeras empresas dentro da cidade ou em sua proximidade, entre as quais podemos destacar: Sadia, Tetra – Park, Kurashik, Kaiser, Batavo, Coca-Cola...

Foi a partir desta observação sobre as dificuldades de patrocínio que os entrevistados foram indagados sobre os possíveis motivos da falta de interesse em investir no OFEC. Foram apresentados diferentes posicionamentos para esta problemática:

Na verdade não tinha patrocinador, não tinha basicamente recurso nenhum. Se vivia em termos de que vamos arrecadar de venda de Sócio - Ouro, verbas que possivelmente a Prefeitura ia fornecendo no exercício seguinte e a procura de companheiros de empresas. Algumas empresas que colaboravam com o Operário em épocas anteriores, então foi nos deixado uma relação destas empresas que contribuía, digamos assim nem patrocinavam, contribuía com um certo valor mensalmente com o Operário. Com estas verbas da Prefeitura e com a possível venda deste chamado Sócio – Ouro e logicamente a receita da bilheteria do dia de jogos e mais nada. Esta bilheteria você dependia de resultado de campo, ou seja, vitória dentro de campo para que sempre no dia seguinte a bilheteria rendesse cada vez mais. (Entrevistado 01)

Neste contexto o presidente administrava algo que era incerto, pois para você montar e manter uma boa equipe você precisa ter dinheiro e para o OFEC ter dinheiro precisava vencer (ter uma boa equipe) o que criava um paradoxo no setor administrativo, onde a saída encontrada era recorrer ao auxílio público através de uma verba doada pela prefeitura da

cidade, o que nós não concordamos pois isto não é função de um órgão público, não obstante este trabalho não se propõe a discutir tal questão. Desta forma o que nos interessa mostrar é que durante grande parte da história do OFEC um dos seus maiores patrocinadores foi a Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, a qual aparentemente nada levava em troca.

O segundo entrevistado mostra que:

Eu era o procurador era o diretor de Marketing, nós tivemos alguns patrocinadores nós tivemos a Batavo que na época nos deu ajuda, o Machuca a auto nacional. Davam um patrocínio de camisa, mas o patrocínio na camisa quando você fala hoje você a Parmalat, quando você o nome da Parmalat na camisa ela investe milhões naquilo e os patrocinadores nosso era uma quirera o pessoal punha o nome na camisa e vamos dizer no dia de hoje punha a camisa e dava dois mil reais por mês, três mil reais por mês é um valor que não atingia nem 10% da folha dava para pagar dois jogadores, um jogador se desse então sempre alguém do comércio a Maxitango, a casa Ipê o Luís Motti por exemplo foi um, a casa Ipê nos ajudou em uma época aí que nós conseguimos o patrocínio da Adidas material esportivo, só material então fornecia todo o material isso foi na década de 80 que nós tivemos uma quantidade de material imensa e daí quando eu saí do clube em 83 que assumiu o Tutu nós perdemos este patrocínio e o Tutu deixou abandonado na mão de um supervisor e o caro vendeu todo este material, acabou com todo este material. Então nós sempre conseguimos alguns algumas ajudas, a Continental Pneus por último no Ponta Grossa a Veja Sopave que nos ajudou razoavelmente bem com um valor acessível em torno de 10 mil 15 mil por mês, são valores que já ajudam um pouco, mas um grande patrocínio nós nunca tivemos sempre foi você corre pedir ajuda para todo mundo corre vender placa de estádio, placa de mureta lá e fazer sempre uma tentativa, fazendo sócio ouro pagando meio ingresso e tendo mais condições. (Entrevistado 02)

Através das palavras deste ex-presidente do clube é notório o acúmulo de funções dentro do clube, onde o presidente não só administra mais acaba ocupando todas as funções de venda dos espaços, de marketing... Um dos problemas das pessoas que administram o clube sem ter formação ou conhecimentos para tal é que elas encontram de saída um grande problema – o preço do seu serviço, ou seja, quanto vale o investimento de um parceiro em sua equipe e devido a falta de conhecimento acaba-se utilizando o preço de mercado (dos grandes times) o que foge da realidade da cidade do interior e afasta o patrocinador e possível parceiro. O que deve ser feito para resolver tal questão é elaborar um projeto no qual se visualize quais são os objetivos do clube para aquela temporada e para as próximas, a partir

de estabelecidas as metas torna-se mais fácil criar uma planilha de custos na qual se possa visualizar todos os gastos com a equipe e a partir daí descobrir o valor a ser proposto para o parceiro.

Não obstante a falta de experiência na administração do clube de futebol pode ocasionar problemas inesperados, como o relatado por este ex-presidente do OFEC:

Na verdade nós assumimos com uma prestação de contas, aonde foi apresentado vários compromissos com o comércio e que nós tivemos que assumir. Com os jogadores também e o próprio treinador que na época era até o Julinho. Mas assumimos conscientes que se houvesse realmente uma entrada de recursos, como havia sido comentado pela diretoria anterior nós cobriríamos tranqüilamente as despesas. Mas as coisas foram se complicando – futebol é difícil – você começa a montar uma equipe sem patrocinador, sem caixa nenhum, é uma coisa meio esquisita, porque você começa a contratar simplesmente com um talão de cheques ou um bloco de notas promissórias, onde começa a contratar o jogador jogando nele ou o cheque para frente, com prazo para frente ou a nota promissória para ele receber futuramente. Se tiver mesmo numa situação difícil que as vezes depois você não possa cumprir e vai se acumulando, isto aí vai se acumulando cada vez mais e as coisas se tornam difíceis dentro do próprio cotidiano do clube. A situação mais complicada sempre foi as dívidas do clube que vieram rolando, rolando, rolando. Coisas antigas, que nós tivemos problemas com I.S.S. com fundo de garantia e lendo as atas do clube em épocas anteriores nada tinha mudado desde 1960 até a época que nós assumimos em 1992, o Operário sempre mendigando com o comércio, sempre procurando parceiros que prometiam mas que às vezes não apareciam e sempre dependendo desta verba que era prometida pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, enfim o Operário sempre esteve em situação difícil principalmente na montagem da equipe de futebol profissional. (Entrevistado 01)

A falta de experiência dentro da administração futebolística fez com que este presidente achasse que a contabilidade do OFEC que não estava em dia poderia ser facilmente resolvida, devido as previsões de entrada de dinheiro em caixa. Entretanto, a medida em que os dias foram passando o dinheiro que entrava dava para cobrir os gastos previstos, mas haviam os cheques pré-datados e as notas promissórias que foram emitidas pela gestão anterior e que não apareciam na prestação de contas de uma diretoria para outra, o que aumentou o déficit do OFEC. Este tipo de situação poderia ser evitada se dentro da diretoria houvessem profissionais de diferentes ramos de atuação, os quais poderiam identificar esta situação antes da posse dos novos diretores.



Um outro depoimento apresenta fatos interessantes quanto ao recebimento e possível desaparecimento de verbas destinadas ao OFEC:

Se você for hoje no Estádio você vai ver inúmeras placas no Estádio, nós tínhamos propaganda na camisa, tinha bonezinho para jogar para a torcida, tinha faixa, tinha aquela ajuda da Prefeitura que comentamos, tinha verba da Loteria Esportiva que vinha também, quando o clube participava e tinha uma boa representatividade dentro do cenário paranaense, então estas eram as fontes de rendas. Como eu já falei, quando o jogador era vendido todo mundo era dono e se você procurar não existe dinheiro que entrou em caixa, da venda do jogador. Alguém já falou isto para você? Então se ninguém falou nada, aí que você vê a seriedade do clube de futebol. Veja bem, tudo depende. Tudo funciona e você vai ter sucesso na tua profissão, eu vou ter sucesso na minha profissão, porque nós temos credibilidade junto aquela coletividade a qual a gente pertence. Porque a partir do momento em que você perder esta credibilidade, mude de cidade, mude de Estado, mude de país. Enquanto existia a credibilidade, existiam os patrocínios e existiam as doações, mas a partir do momento em que se perdeu a credibilidade ninguém mais investiu. (Entrevistado 04 )

Estas colocações são pertinentes e caminham no mesmo sentido de algo que encontramos durante todo o desenvolvimento do nosso trabalho, o qual se refere ao posicionamento dos meios de comunicação da cidade de Ponta Grossa quantos aos fatos ocorridos no OFEC. Os jornais da cidade compactuam com toda a situação ocorrida, as críticas existentes são apenas voltadas para o técnico da equipe ou determinados comportamentos dos jogadores, mas nenhum tipo de crítica reflexiva sobre a situação em que se encontrava o clube e a maneira como ele estava sendo administrado.

Provavelmente esta é uma característica do jornalismo contemporâneo, o qual segundo CALLIGARIS ao escrever para o Jornal Folha de São Paulo mostra que desde os anos 50 e 60, as verdadeiras notícias frutos do trabalho de reportagem e investigação perderam o seu espaço e valor. Hoje os jornais estão repletas de manchetes sem relevância e quando os jornalistas tentam fazer uma análise, na maioria das vezes são tendenciosos e superficiais, colaborando desta forma para a manutenção da situação existente.

---

<sup>88</sup> CALLIGARIS, Contardo. O vazio da informação: o jornalismo deixou de ser investigativo e se tornou crítica de costumes. Jornal Folha de São Paulo, 12 de julho de 1998.

Além dos fatores apresentados anteriormente um novo elemento veio a tona, para justificar a falta de interesse dos patrocinadores pelo OFEC, vejamos:

Para apresentar projetos os nossos dirigentes são incompetentes, eles querem conseguir tudo na base do me dá aqui um pouquinho que eu te dou de retorno nada, mas você me dá um pouquinho. Eu vou te dar como exemplo o Carlos Roberto Ferreira que foi secretário de esportes do município, este rapaz conseguiu com o esporte o que ninguém conseguiu na cidade, porque ele levava o projeto, ele apresentava alguma coisa para aquele que seria o patrocinador, ele executava, então ele conseguia. Você pode falar que é porque ele era secretário então ele conseguia, é lógico que o cargo dele ajudava mas o mérito é dele, pois ele conquistou através da coisa escrita, planejada, planificada, dirigida. Teve uma ocasião em que teve um jantar em Ponta Grossa para o Batavo, a Batavo era patrocinadora do Basquetebol. Nós fomos no jantar e chegamos com alguns companheiros da imprensa e dali a pouco chegou a direção da Batavo e o cidadão que organizou o jantar não apareceu. Veja, o projeto Batavo morreu naquele jantar e nós ficamos conversando com os diretores da Batavo sem o cara aparecer, sem dar a mínima satisfação, então o Operário nunca teve patrocinador porque ele nunca teve projeto de patrocínio. O Operário tem um patrimônio enorme e eu pergunto para você o que ele tem na categoria infantil, na categoria juvenil, na escolinha, no juniores, no dente de leite? O que o Operário fez até hoje, mandava o time Estadual de juniores aqui para Curitiba, vinham em duas Kombes velhas, caindo aos pedaços e os cara comendo sanduíche, quando comiam sanduíche, ou quando saíam alimentados de casa. Não se consegue patrocínio porque não se organiza, porque o futebol fica normalmente na mão de 1 ou 2, você reconhece o esforço desta pessoa que está lá, ou dos dois que estão lá a tanto tempo, mas não se organizam, então pecam, não tem patrocinador porque não tem projeto.

Houveram duas ocasiões em que tiveram patrocínios uma da Batavo e acabaram passando a Batavo para trás e perderam o patrocínio. A Batavo colocou painéis dentro do estádio e na camisa saiu um outro patrocinador junto com a Batavo e sem ela saber, do tipo posso até errar, mas eles colocaram Vereda Veículos/Batavo sem consultar a Batavo, então dentro disto eu destaco a desorganização e a ausência de projetos, por isso não atrai patrocinador. (Entrevistado- 05 )

Quando falamos em Marketing esportivo com os presidentes do OFEC e suas possibilidades para auxiliar na fomentação do clube, vimos que estes administradores apresentam uma certa dificuldade de visualizar o futebol através da ótica administrativa do mercado contemporâneo, onde o clube social/futebol é entendido como um centro de prestação de serviços. Isto porque um grande número de serviços podem ser (em alguns casos são) colocados à venda e podem ser consumidos diariamente. O atleta ao entrar em campo no seu dia - a - dia é um “entregador” do serviço que foi comprado antecipadamente pelo patrocinador, pelo associado do clube ou pelo próprio torcedor. Hoje a tendência é que o estádios

sejam um lugar agradável, com lanchonetes de boa qualidade, possibilidades de entretenimento, museu do clube...

Quando os presidentes conseguirem visualizar o clube de futebol por este ângulo, poderão aplicar melhor os princípios do marketing esportivo e dele tirar muitos proveitos em benefício do clube e dos seus parceiros. Só que para isto não se pode começar a montar a equipe na véspera da competição e da mesma forma acabar com toda a equipe logo após acabar a competição, o trabalho deve ser sistemático e planejado. Mas será que isto é interessante para os administradores do clube, pois um clube organizado prejudica as pessoas que estão mal intencionadas.

Após verificarmos as questões mais específicas da administração do OFEC, pedimos –aos nossos entrevistados para que eles falassem sobre a administração Mikulis e a administração Yurk, tendo em vista que estes foram os dois últimos presidentes que estiveram no controle do OFEC durante a década de 90, antes que este clube se desfiliasse do futebol paranaense profissional. Os posicionamentos trouxeram novas informações e contribuíram para que compreendêssemos fatos até então obscuros. Inicialmente vamos apresentar os posicionamentos relativos a Luís Antônio Mikulis, para tentarmos entender qual é o conceito que as pessoas que vivenciaram o clube ao seu lado tem da sua forma de administrá-lo, para trabalhar com o perfil dos dois presidentes buscamos retirar da fala das pessoas os seus comentários mais significativos, os quais permitissem afirmar ou negar algo apresentado, sendo que para ser considerado significativo a idéia exposta deveria aparecer pelo menos em duas entrevistas.

O primeiro fato de bastante destaque e algo que é inegável dentro do futebol pontagrossense é a capacidade que A. L. MIKULIS tem para montar e manter as equipes:

Eu admiro bastante, tanto é que fui diretor com o Mikulis sempre apoiei o Mikulis na era dele e foi realmente um homem que soube montar times. (Entrevistado 01)

O Antônio Luís Mikulis foi um bom presidente, a gente não pode negar as coisas positivas que ele fez com as equipes que montou, [...]. Ele fez bons times mas nunca se preocupou com a estrutura do futuro do Operário, é o que aconteceu – ele pegou e fez N dívidas (Entrevistado 03)

O Mikulis sempre fez boas equipes, sempre chegava para decidir os títulos, só que de repente no meio do caminho aconteciam fatos estranhos, onde a equipe perdia um ou outro jogo importante, e aí não tem como. A gente não sabia o que acontecia, mas coisas estranhas aconteceram. (Entrevistado 04)

Os fatos apresentados acima foram indicados dentro do texto e a partir destes posicionamentos temos subsídios para falar que este presidente foi o mais arrojado dentro da história do OFEC e nas últimas décadas a equipe só rendeu enquanto ele estava a frente. Isto nos leva a indagar sobre os fatores que prejudicavam a administração do presidente que assumia após a sua gestão. Será que só ele foi competente? É possível encontrar fatores que contribuíam decisivamente para uma administração frustrada dos presidentes eleitos após a gestão MIKULIS?

A entrevista de um dos personagens que trabalhou junto com estes dois presidentes auxiliou para compreendermos o que ocorreu nos dois momentos administrativos:

Eu lamento muito, muito, muito. Porque hoje, como eu falei não que o Mikulis seja o bandido da história, mas ele afasta as pessoas que provavelmente poderiam substituí-lo. Quando ele assumia o clube sem dívida, sem nada, bonitinho ele montava uns times sensacionais, eram dois anos de quase campeão, mas quase. Ohh! Este ano não deu. Ohh! O juiz. Ohh! Se, se, se... Na seqüência ele se afastava e quem entrava ficava para pagar as contas que ele deixou (não sei se alguém já tinha te falado isto?), e a partir do momento em que você tem que pagar conta e montar um novo time, o que acontece – não dá, não dá, não tem jeito, vai cair para a segunda divisão. Aquele dinheiro que você está pagando o jogador que já passou por aqui, você entra em detrimento em pagar aquele que já está aqui, e foi assim algumas vezes, algumas vezes. (Entrevistado 04)

Não obstante a esta situação de deixar a conta para administração seguinte este presidente sempre esteve a frente da presidência do clube nos momentos em que ele podia con-

tar com o apoio político local, o qual durante muito tempo foi o principal patrocinador da equipe. Este presidente ficou a frente do clube por aproximadamente duas décadas e os seus momentos de desligamento da presidência do OFEC ocorreram simultaneamente a mudança de prefeito da cidade, de onde é possível identificar uma estreita ligação entre o OFEC e o Poder Público local, como indicam os entrevistados:

Sempre teve grandes parceiros. O Mikulis para você ter uma idéia e talvez seja do teu conhecimento, quando ele começou o futebol profissional de Ponta Grossa, o prefeito era o Luís Carlos Zuck que deu a maior força para ele, tanto na parte patrimonial do clube, como na parte de verbas para o futebol profissional. Depois veio o Otto Cunha, o prefeito Otto Cunha também colaborou bastante com ele no futebol profissional. Então, teve aí uma grande influência inclusive na regularização dos próprios terrenos aqui do Estádio, na gestão do prefeito Otto Cunha a parte financeira também se apoiou. Melhorando ainda mais para a gente, veio o prefeito Wosgrau. Pedro Wosgrau Filho que ajudou também, nesta época o Mikulis já era vereador e fez uma grande parceria com a Prefeitura, também foi bastante feliz, podendo realizar coisas do futebol profissional, onde eu acho que foi o auge que o Mikulis atingiu em termos de futebol profissional, foi aonde ele montou os melhores times de futebol profissional aqui de Ponta Grossa. Aí encerrou a gestão do Pedro Wosgrau e encerrou a gestão do Mikulis. (Entrevistado 01)

Ele teve “sorte” de que todas às vezes em que ele foi presidente os prefeitos da época o ajudavam. É o caso de 79 do Luiz Carlos Zuck, que foi através da CIDEP que construiu toda esta estrutura aqui. Vou falar sobre a CIDEP.

Muita gente fala que o Operário deve tudo o que tem para a Prefeitura, isto é engano. Tem muita gente falando o que desconhece. Foi feito na época um acordo entre a CIDEP e o Operário, no sentido de que toda a estrutura do estádio ia ser reformada e/ou construída. Em contrapartida todas as vendas das cadeiras cativas que na época de 79 e 80 foram vendidas mais de 2000 cadeiras cativas, todo este retorno financeiro de cadeiras seguiu para a CIDEP, então veja bem, a CIDEP investiu mas ela teve o seu retorno de volta e com lucro, então muita gente fala que o Operário é o que é graças a Prefeitura, não. Foi uma troca de favores, e isso foi na gestão do senhor Antônio Carlos Mikulis. (Entrevistado 03)

Um outro fato exposto apresenta uma nova rede de ligação deste presidente que possui enorme força dentro do futebol paranaense, onde foi eleito presidente do Clube dos Nove (Entidade formada pelas equipes do Interior que não estão dentro do grupo de elite do futebol paranaense, esta entidade busca lutar pelos direitos destas equipes frente a FPF e os órgãos da crônica esportiva em geral). A sua influência neste campo esportivo não se resume apenas ao futebol pontagrossense, pois:

O Mikulis é um cara que tem muito mérito, é um cara que se esforça e se dedica e tem uma capacidade muito boa, peca exatamente pelo individualismo, para ele sou eu quem mando, eu quem decido, eu quem faço, o grande erro dele está nisso e ele não se recicla, não se atualizou, só que ele conseguiu espaço na Federação por méritos dele, onde ele é amigo particular do Moura, sempre estão juntos, viajam juntos, são sócios em empreendimentos comerciais e tal. Ele conseguiu muita coisa pelo seu esforço/influência e a cidade deve muito pelo empenho e pela dedicação dele, mas peca exatamente nisso nas pequenas coisas, os erros pequenos se avolumam e ele se perde exatamente nisso. (Entrevistado 05)

Apesar do reconhecimento dos entrevistados sobre o trabalho feito por este presidente, algumas críticas foram levantadas quando a sua forma de administrar o clube as quais influenciaram diretamente no processo que levou a desfiliação do OFEC, principalmente pela falta de um planejamento sistemático do calendário da equipe na qual ela pudesse estar atuando durante todo o ano e o trabalho fosse realizado enquanto um processo de construção, uma vez que o clube não possuía dinheiro para contratar os melhores jogadores do país e montar um time vencedor, tal fato só ocorreria se a estrutura fosse mantida e corrigida durante as diversas competições realizadas. Entretanto, a realidade em Ponta Grossa é indicada pelo entrevistados como algo bem diferente do ideal:

Ele montou grandes times de futebol, mas a crítica que vai a ele é que ele nunca deu a devida atenção para a parte social do clube e nunca gostou de trabalhar com as categorias de base. Sempre foi futebol que até hoje a gente vê ele fazendo no Ponta Grossa. Pode até montar grandes times, mas você não tem a perspectiva de que o clube vá crescer com estes grandes times, você faz um bom time, depois os jogadores vão todos embora, o ano que vem você contrata de novo e não se preocupa com o patrimônio, com o que estas dívidas adquiridas vá prejudicar este patrimônio. (Entrevistado 03)

Ele trata o futebol como se fosse um serial, 90 dias se faz um time, se faz o time em janeiro para entrar no campeonato em fevereiro, aí perde o campeonato em abril e daí começa tudo de novo em dezembro. E aí o que acontece, mesmo ele sendo um cara esforçado se desgastou, perdeu a credibilidade administrativa do clube de futebol em função dos resultados, nunca ganhou nada. Então vamos começar tudo de novo em janeiro, vamos treinar em Carambeí, vamos lá no Colégio de Castro porque este time vai ser bom e nós vamos arrebentar, como aconteceu este ano. Anunciaram mundos e fundos e perderam, porque não reciclou, não se atualizou e está dia – a – dia perdendo a confiabilidade do público torcedor em função disso. Hoje ele é criticado e vaiado publicamente, mas é um cara que a cidade deve muito pelo esforço e dedicação dele, é um cara que criou uma instituição nova para representar a cidade e aí foi o grande erro do Silvio, porque se ele fosse um cara competente ele diria: - agora é a nossa vez, agora o Operário vai entrar, porque a Federação não quer o O-

perário Ponta Grossa, não quer o Guarani, o interesse da Federação é financeiro, então ela quer a cidade de Ponta Grossa porque ela é rentável, a cidade é rentável, então se ela tiver que por o América ela põe o América no campeonato, porque a Federação papa a cada joguinho 33% da renda bruta do borderô e vai para a federação, daí tem CBF, taxas de arbitragens e tal. Então, ela precisa da cidade que dê renda para ela. (Entrevistado 05)

Eu acho que o Mikulis teve o seu lado positivo, mas ele teve também o seu lado negativo, principalmente porque para o Mikulis o Operário foi sempre um trampolim político e pessoal e eu mas como um historiador que estuda a história do Operário desde 1985 percebi que quando o Mikulis se elegeu vereador mais de 80% dos seus votos foram graças ao Operário, então esse é mais ou menos o resumo do que eu acho da administração Mikulis. (Entrevistado 03)

O segundo presidente do OFEC sobre o qual os entrevistados emitiram os seus posicionamentos, é C. R. Iurk. O qual foi sempre muito criticado pela sua falta de iniciativa ao futebol profissional, sendo considerado incompetente por permitir a desfiliação do OFEC e tratar o clube como se ele fosse uma entidade puramente social, quando na realidade o OFEC é um clube esportivo.

O Mikulis montava as equipes de bom nível, equipes competitivas e quando ele se afastava quem assumia na seqüência pegava um problema enorme porque nem sempre aqueles atletas que jogavam, nem só os atletas como os membros da comissão técnica eles tinham os seus direitos respeitados, então acontecia que na seqüência eles acionavam não a pessoa do presidente, inclusive isto acredito, é uma da legislação pois se eu assumo um compromisso perante o clube, quem assinou é quem deveria se responsabilizar e não a entidade Operário, Coritiba ou Atlético Paranaense.

Então ele montava a equipe e quase chegava ao título, nós fomos terceiros colocados em duas ocasiões. Sei que sempre tínhamos o título de Campeão do Interior, apesar de que isto é igual ao Campeão Moral do Coutinho que não leva a nada. Mas daí na seqüência quem assumia tinha que saldar os compromissos do Operário Ferroviário Esporte Clube, e só que era uma coisa que ninguém falava nada, ninguém apurava e acabou virando um “Tabú”, tanto que ainda hoje ainda falam que a salvação do futebol de Ponta Grossa é o Mikulis. Eu acho que não, a fase dele já passou, eu acho que ele deveria dar espaço para novas pessoas, para que novos grupos se encorajassem e viessem administrar o futebol. (Entrevistado 04)

Entrei eu com o prefeito Paulo Cunha Nascimento. Com uma mentalidade totalmente diferente dos anteriores, não gostava de futebol, não tinha a mesma visão do que seria o futebol da mesma parceria que teria que ser feita, não estou dizendo que foi ruim, nos ajudou também. As verbas que estavam lá, destinadas para o Operário vieram, apesar que tardiamente, algumas vezes cortadas e já atrasadas, mas vieram. (Entrevistado 01)

É difícil de você fazer uma comparação, porque eu faço da minha maneira e acho que é o correto e cada cabeça é uma sentença, eu acho que o Iurk fez o trabalho que ele achou que tinha que fazer. Teve dificuldades em administrar o clube, ele achou que o clube talvez, chegasse lá ia chover dinheiro, e a dificuldade é muito grande financeiramente, e eu achei que sempre toquei o clube sem dinheiro e continuo tocando hoje e vou continuar tocando o futebol até quando eu agüentar, agora difícil é sair dessa situação que está e vai ser sempre assim o futebol, lógico que com o Ponta Grossa para fazer ele como todo mundo sonha vai demorar muito, não sei quando vai acontecer isso, eu acho que cada administração é uma história, a administração Mikulis é peito, vontade, raça, loucura e toquei sempre o futebol assim, sempre deu certo, nos 20 anos, foi a primeira vez que eu caí, e sempre você vai cair no futebol tanto é que já caíram grandes clubes e vai cair, um dia você cai. Não dá certo a equipe que você montou e achamos que a equipe era boa e não deu certo e o Iurk também montou do jeito que ele achava que tinha que ser não deu certo, ele caiu e terminou o trabalho dele. (Entrevistado 02)

Infelizmente a história vai sempre acusar que o Carlos Roberto Iurk foi o presidente que acabou com o futebol do Operário, mas tenho a seguinte opinião; ele poderia simplesmente ter abandonado o Operário dizendo: - tem muita dívida eu vou abandonar. Eu acho que ele foi bastante homem neste sentido, ficando além desta gestão dele 92/93 ele licencia o clube e permaneceu por mais duas gestões, para que ele pudesse recuperar o que perderam e também para tentar conduzir o clube para o crescimento da parte social e foi o que aconteceu. Hoje o Operário é o que é graças ao trabalho do Yurk, depois que se licenciou do futebol ele está onde está, hoje o clube não tem dívidas, está crescendo relativamente o número de sócios e estamos fazendo (pois hoje ele é presidente do Conselho Deliberativo) que a gente cresça no sentido de dar uma estrutura para o futebol profissional do Operário. Muita gente critica ele, só que no passado houveram presidentes que tentaram fazer o que ele fez, afastando o futebol profissional do Operário para liquidar as dívidas do clube e não conseguiram e eram pessoas mais fortes do que ele. Ele teve a ombridade de fazer tudo isso e hoje o Operário está livre de muitas dívidas graças a ele. (Entrevistado 03)

O Yurk assumiu a equipe em substituição ao Mikulis, mas só que ele não pode desenvolver um trabalho e nem contratar jogadores de nível para manter a equipe tanto na primeira divisão, quanto na Série C do campeonato brasileiro. Devido aos inúmeros compromissos financeiros que ficaram para ele saldar, em nome do Operário Ferroviário.

Então o Yurk tentou formar uma equipe competitiva mas não tinha como, as ações trabalhistas eram sempre superiores aquilo que o clube arrecadava, ele tinha que saldar estas ações trabalhistas e em consequência não conseguiu montar uma equipe de nível para se manter na primeira divisão, nem na Série B ou C do campeonato brasileiro, daí foi obrigado na sequência a se licenciar da Federação, porque não adianta montar uma equipe e não poder pagar os atletas que vem fazer o seu trabalho.

O que aconteceu com o Yurk é que quando ele recebeu o clube, eu acho que se tivesse sido feita uma auditoria séria para procurar saber onde ocorreram os gastos, saber de quem eram os passes, por quanto foram vendidos, quando foram vendidos? Eu acho que muita coisa poderia ser apurada, mas a gente não sabe. É difícil a gente falar deste tipo de coisa, porque existem muitos interesses que nós da comissão técnica não ficávamos sabendo, a gente de muita coisa porque é da cidade, mas veja bem se o jogador vem jogar aqui e é lá de Belém do Pará, aí vai embora e nunca mais tenho contato com a cidade.

Na ocasião se o Yurk tivesse feito uma auditoria séria, muitas respostas para a comunidade pontagrossense, para a comunidade esportiva seriam dadas, mas só que nunca foi feito isto



daí, talvez a coisa não fosse muito séria que não foi levado ao domínio público. (Entrevistado 04)

O Yurk, este vai carregar uma cruz pela vida inteira, porque ele foi de fato o presidente que acabou com o futebol do Operário. Mas porque ele acabou com o futebol do Operário? Por causa das grandes dívidas do clube, ele assumiu pensando que era uma coisa e era outra, pois na hora da prestação de contas falaram que era isso e como o Yurk não tinha grande experiência na administração de clube de futebol e sim experiências positivas como presidente de clubes sociais. Depois de alguns meses que ele assumiu começou a estourar as dívidas que não estavam no orçamento dele, o que aconteceu? Ele montou um time caseiro, não para chegar as cabeças mas para permanecer na divisão intermediária. Só que as dívidas contraídas pelo Antônio Luís Mikulis e que passaram para ele, ele não conseguiu pagar. O time indo de mal a pior, não tem como contratar para o time crescer e aí estourou na mão dele. (Entrevistado 05)

Os fatos acima expostos apontam para uma situação bastante diferente daquela relatada pela imprensa escrita de Ponta Grossa, onde minimamente podemos afirmar que o aparente não retrata a realidade. Dentro deste posicionamento mesmo sabendo que em suas origens o OFEC foi montado para ser um clube social-esportivo dentro da atual espetacularização do esporte/futebol não é possível manter a estrutura que estava sendo mantida neste clube durante aproximadamente três décadas, onde os problemas financeiros eram constantes, as dívidas com os jogadores, funcionários, INSS cresciam e desta maneira o clube caminhava para a sua falência.

Não pretendemos aqui fazer nenhum tipo de julgamento pois este não é o objetivo deste trabalho, entretanto os fatos indicam que este segundo presidente teve uma decisão acertada, mesmo contrariando toda a imprensa e a torcida do OFEC que jamais aceitaram o afastamento do OFEC do cenário profissional futebolístico. Não obstante, era preciso parar com o falso profissionalismo que ali se fazia. Foi necessário ausentar-se do futebol para reorganizar o clube, colocar as suas dívidas em dia.

Mesmo sofrendo inicialmente com a diminuição de associados que se afastaram do clube devido a falta de uma equipe de futebol, tentou-se diversas estratégias para recuperar

os sócios porém sem muito êxito, entretanto sem o time de futebol profissional as dívidas do clube diminuíram e de acordo com a ata deste clube a previsão era de um lucro de R\$ 440,49 (quatrocentos e quarenta reais e quarenta e nove centavos), este é um lucro absurdo se formos pensar em um clube que tem uma estrutura com piscina olímpica, campo de futebol profissional (iluminação e arquibancadas), campos de futebol suíço, churrasqueiras... Entretanto, deixa de ser absurdo se pensarmos que até 1994 este mesmo clube tinha um déficit de mais de R\$ 40.000.00 (quarenta mil reais) mensais, principalmente pelas dividas que se acumularam ao longo dos tempos.

Foi a partir desta situação que acreditamos ter sido correta a atitude desta administração pois aparentemente ele começou a organizar a estrutura do clube. Entretanto um fato bastante curioso ocorre neste momento (1994), pois o ex-presidente do OFEC novamente entra em cena e monta uma nova equipe de futebol para que a cidade não ficasse sem representante dentro do campeonato paranaense de futebol. Neste contexto é que tem origem o Ponta Grossa Esporte Clube, equipe que através de sua trajetória irá auxiliar nas considerações finais deste trabalho, por entendermos que no mundo do futebol (ou no Brasil de maneira geral) quando as coisas começam se organizar é melhor acabarmos com ela e criarmos uma nova estrutura, entretanto pautada em velhos conceitos e valores ultrapassados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o desenvolvimento do trabalho nós fomos identificando várias dificuldades enfrentadas pelo OFEC em sua trajetória histórica, as quais começam com o enfraquecimento da Rede Ferroviária, a forte imigração das pessoas para Ponta Grossa trazendo consigo o seu habitus esportivo, os problemas financeiros constantes e principalmente inúmeros fatores de caráter administrativo do clube que surgiam devido aos diretores administrarem o clube praticamente sozinhos, realizando negociações com pouca transparência e não trabalhando com a imagem do clube, enfim, não se adequando as exigências do futebol contemporâneo.

Inúmeras tentativas de melhorar a situação financeira ocorreram nas mais diferentes gestões do clube, entretanto todas elas frustradas tendo em vista que as dívidas permaneceram e muitas vezes aumentaram. Desta forma era preciso mudar (destruir o que existia, limpar o terreno e construir algo novo) e para isto a diretoria assume um posicionamento radical, acabar com o futebol profissional e só retornar quando tivesse estrutura para tal.

Não obstante no dia 02 de junho de 1994 foi fundado o Ponta Grossa Esporte Clube (PGEC) sociedade civil e sem fins lucrativos que tem como objetivo promover atividades

sociais, artísticas, culturais, recreativas e esportivas . A criação desta nova equipe que surge sob égide associação recreativa (clube social), entretanto este novo clube não possui nenhuma dependência social, nem tampouco sócios pois o seu patrimônio também não existe.

Para que o Ponta Grossa Esporte Clube pudesse se tornar realidade foi necessário que o OFEC alugasse o seu campo de futebol e dependências do campo, não a sua parte social. Dentro deste quadro nos indagamos: - se a situação financeira do OFEC foi sempre complicada, mesmo este clube tendo toda uma estrutura física. Como é possível montar e manter uma equipe de futebol que necessita alugar até o campo para poder realizar os seus jogos.

Foi desta maneira que originou-se o PGEC, que inicialmente montou um contrato no qual ele pagaria uma locação de R\$ 1.000,00 (Mil reais) por mês para o OFEC, além de ser responsável pela manutenção do campo, dar 2% da renda dos seus jogos em Ponta Grossa e 10% dos Bingos realizados no Estádio. Estas despesas no ano de 1996 chegaram a um total de R\$ 76.700,00 (sete e sei mil e setecentos reais) em um período correspondente de Janeiro a Dezembro deste ano .

Inicialmente este clube teve total apoio da imprensa local e também do Prefeito da cidade, houveram fortes rumores de patrocínios com a Parmalat que havia adquirido grande parte da maior indústria produtora de laticínios da região sul do país (Batavo) , entretanto se houve realmente esta pretensão ela nunca saiu do papel, pois até hoje o PGEC assim

---

PONTA GROSSA ESPORTE CLUBE. Estatutos Socias. Ponta Grossa, 1994. P.01.

OPERÁRIO FERROVIÁRIO ESPORTE CLUBE. Livro de atas do Conselho Deliberativo. Ata da reunião do dia 16 de fevereiro de 1996, p.20.

PONTA GROSSA. Jornal da Manhã. Um novo patrocinador para o futebol pontagrossense. Caderno de Esportes. 06/07/96.

como o OFEC nunca possuiu um patrocinador. Quando perguntado sobre o PGEC o atual presidente do OFEC responde o seguinte:

O Ponta Grossa é um clube que existe basicamente no papel, que veio suprir a necessidade e a falta do Operário que se licenciou em 1993. Surgiu em 94 o Ponta Grossa, montado pelo ex-presidente do Operário, no sentido de formar uma nova equipe para que esta equipe comece sem nenhuma dívida, daí fica muito mais fácil de administrar.

O Ponta Grossa está na atividade mas a gente pode ver que é só no papel, eles não tem nada, não tem uma sede, não tem um lugar adequado para treinamento, eles precisam alugar tudo, precisam do apoio de terceiros. Nestes anos todos o Operário foi o maior parceiro deles, porque eles sempre precisaram do Germano Krüger para mandar os seus jogos, e essa parceria que foi feita mais no sentido do presidente do Ponta Grossa, assim como o prefeito da cidade terem sentido a necessidade de que se fizesse futebol profissional mais competitivo e assim surgiu a parceria, envolvendo o nome do Operário para atrair o torcedor. Porque a torcida de Ponta Grossa hoje você pode observar, agora que não existe mais a parceria só existe o Ponta Grossa, nestes dois últimos jogos a média de público foi de 300 pessoas. No primeiro semestre quando se utilizava o nome do Operário era uma média de 3 a 4 mil pessoas. Então infelizmente o Ponta Grossa não decolou como clube, eu não sei se é a figura do seu presidente ou ainda se por a cidade ser conservadora e bairrista, achando que futebol tem que ser vestindo as cores do Operário para se ter o devido valor .

Um fato bastante curioso dentro da nova estrutura montada é que todas as críticas feitas anteriormente sobre um falso profissionalismo ainda imperam nesta nova equipe, talvez seja melhor falarmos velha equipe, apenas com uma nova roupagem. Esta estratégia foi/é bastante utilizada por presidentes que querem recomeçar a estrutura futebolística de um clube, mas como este se encontra endividado o que se muda é apenas a sua razão social. É interessante perceber que a FPF nada faz para que isso seja impedido, pois na atual legislação desta entidade quem deve responder pela dívida é o clube e não a pessoa que está a sua frente e que contraiu estas dívidas, desta maneira quando se muda de nome deixa-se as dívidas para trás.

Na situação do OFEC deixou-se para trás não somente as dívidas, mas todo um passado e uma história de uma das mais tradicionais equipes de futebol do Paraná e que possui uma forte identificação com a população pontagrossense. Fato este que se confirma no a-

cordo firmado entre Operário Ferroviário Esporte Clube e Ponta Grossa Esporte Clube, acordo este que segundo o presidente do OFEC só foi firmado devido as fortes pressões políticas de diversos setores das pessoas que tem o poder de decisão dentro da cidade.

Como o Ponta Grossa em 1996 consegue subir para a primeira divisão do futebol paranaense, mas até 1999 não havia conseguido obter resultados significativos o presidente deste clube contando com total apoio do Prefeito da cidade que chegou a se tornar diretor do Conselho Administrativo do PGEC, realizam um acordo no qual:

- O Operário Ferroviário Esporte Clube cedia na forma de empréstimo, as dependências do Estádio Germano Krüger, incluindo o campo de futebol, alojamento dos atletas, vestiários e salas, excluindo-se o Parque Social;
- Pelo empréstimo mencionado o PGEC pagará ao OFEC 80% da renda líquida apontada pelo borderô da FPF em dias de jogos no Estádio Germano Krüger;
- O PGEC usará os uniformes oficiais do OFEC homologados pelo seu estatuto, bem como utilizará o nome fantasia para efeitos de divulgação como Operário/Ponta Grossa E. C. (na camisa irá estampado o distintivo do OFEC do lado esquerdo e do PGEC do lado direito) .

A partir das indicações deste acordo nos questionamos sobre dois fatores: 1º) Qual era o interesse da diretoria em manter este clube, tendo em vista que ele era um clube sem nenhuma perspectiva de futuro, certamente é melhor chamá-lo de equipe de futebol e não clube social. 2ª) Quais foram os benefícios que o OFEC obteve em realizar esta parceria, na

---

GUBERT, Silvio Roger. Entrevista concedida no dia 19 de maio de 2000.

Os dados aqui expostos foram sintetizados do Termo de Acordo feito entre o Operário Ferroviário Esporte Clube e o Ponta Grossa Esporte Clube, o qual está protocolado na Secretaria Executiva da Federação Paranaense de Futebol, sob o número 0304, do dia 01 de Fevereiro de 1999.

qual ele cede “gratuitamente” uma tradição que foi construída ao longo dos tempos e da mesma forma o seu patrimônio que foi obtido com muito sacrifício.

Durante todo o desenvolvimento deste estudo tivemos indícios de uma estrutura viciada dentro da gestão do OFEC, onde as equipes eram contratadas na véspera do campeonato e os acordos entre o presidente do clube e dos jogadores foram algo constante e facilitados pela rede de interligações que as pessoas que estiveram no poder deste clube possuíam, facilitando desta maneira para que se houvesse as negociações ilícitas ou no mínimo duvidosas. Dentro deste cenário a última transação ocorrida e que gerou uma série de controvérsias foi realizada entre o PGEC e Coritiba Futebol Clube, na negociação do jogador “Marquinhos Cambalhota”, o qual foi vendido pelo PGEC por um determinado valor e no momento do acerto com o Coritiba pediu-se um aumento tendo em vista a ótima fase pela qual este atleta estava atravessando, sendo inclusive um dos principais artilheiros do futebol paranaense 2000.

Este atleta acabou sendo o maior prejudicado, pois enquanto o PGEC brigava na justiça com o Coritiba ele teve que ficar sem poder jogar, até que um acordo fosse realizado e o seu passe fosse liberado para o Coritiba e o dinheiro recebido pudesse ser investido no PGEC, mas investir aonde se já não havia mais equipe, pois a comissão técnica e os atletas já haviam sido dispensados após a péssima campanha no campeonato do ano 2000, que lhe possibilitou o rebaixamento para a 2ª divisão do futebol paranaense. Como indica o Jornal Tribuna do Paraná ao tratar do futebol de Ponta Grossa:

... Desde o último dia 20 de agosto, quando o Ponta Grossa foi desclassificado do Torneio Seletivo 2000, ao perder para o Nacional, de Rolândia (OX1), jogando em seus domínios, a cidade está sem uma equipe de futebol profissional de futebol. [...] A falência do futebol princesino – o primeiro a contar com um time na longa história do esporte no Estado, só será revertida em caso de um convite da Federação Paranaense de Futebol (FPF). Nos bastidores, o Ponta Grossa, que foi criado em 1994 por Antônio Luís Mikulis, aposta em seu retorno à elite no caso de uma virada de mesa, liderada pelos grandes da capital (Atlético, Co-

ritiba e Paraná). Nesse caso as cidades com maior potencial econômico seriam convidadas a fazer parte de uma liga e por tradição e torcida, Ponta Grossa estaria garantida entre os grandes.

Há 21 anos comandando o futebol profissional da cidade, o empresário Antônio Luís Mikulis nega que tenha “jogado a toalha”. Afastado desde a derrocada do Ponta Grossa da terceira fase do Seletivo 2000, Mikulis está no compasso de espera.

Novamente o futebol pontagrossense tem o seu futuro incerto, tão incerto quanto a confusão ocorrida entre Ponta Grossa Esporte Clube e Operário Ferroviário Esporte Clube, onde mais do que um acordo foi feito um pacto para enganar os torcedores que compareciam ao Estádio para torcer para o OFEC, sem saber os desenformados torcedores que este clube a mais de 5 anos está afastado do futebol profissional e que no atual clube a situação permanece a mesma, ou seja, presidente amador, afinal porque presidente para um clube que não possui sede. Não mais isto é importante porque ser presidente trás status, poder e possibilidade de realizar transações de jogadores, talvez você possa questionar se esta não seria a função de uma equipe ou do diretor de futebol, talvez sim em um grande time ou melhor em um time minimamente organizado, coisa que nunca ocorreu no futebol pontagrossense (talvez com uma rara exceção na década de 70 com o pontagrossense quando os militares estiveram a frente do comando da equipe).

É importante salientar que não temos nada contra nenhum dos presidentes do OFEC, o que temos é uma indignação contra a forma que este clube historicamente foi administrado e o Ponta Grossa segue o mesmo estilo, certamente piorado, pois quantos atletas este clube irá revelar (o único que era de sua posse foi vendido), desta forma esta equipe não irá revelar atletas porque ela não possui, seu elenco é formado por jogadores emprestados de outros clubes, o que poderia ser até normal em um mercado aberto como é o mundo

---

RODRIGUES, Marcio. A “Princesa” perde o reinado. Jornal Tribuna do Paraná. Caderno de Esportes. Curitiba: 01 de setembro de 2000.



do futebol. Entretanto, o problema consiste na forma de empréstimo destes atletas que é feita através de um contrato relâmpago de 03 a 06 meses e assim mesmo muitos não pagam se não se classificarem.

Quando fomos verificar estes fatos na Delegacia do Ministério do Trabalho, tivemos uma surpresa ao vermos que em praticamente 06 anos de existência o PGEC já possui 15 processos trabalhistas pela falta de pagamento de suas obrigações e que a situação está sendo controlada através do seguinte artifício: - hoje quem contrata os atletas do Ponta Grossa Esporte Clube, que joga com o nome fantasia Operário Ponta Grossa é a Associação Vila Velha, uma associação prestadora de serviços que tem o objetivo de administrar o Ponta Grossa EC e tem como seus fundadores os mesmos fundadores do clube .

Desta forma se tornou normal em Ponta Grossa aplicar o golpe da lei, ou seja, emitir promissórias que não serão pagas e para o atleta receber ele terá que voltar ao Estado no qual o clube está federado e enfrentar estas “quadrilhas” da qual participam advogados, bancários, jornalistas... Portanto não acredito que possamos chamar isto de futebol profissional e da mesma forma não acredito que a Lei Pelé com a iniciativa de transformar os clubes em empresa irá resolver estes problemas, acredito sim que precisa ser revisto com certa urgência leis que possibilitem punir aquelas pessoas que administram o clube e principalmente que o trabalho administrativo de um clube de futebol seja encarado como uma atividade profissional, com horários a ser seguidos, com uma boa equipe de trabalho e com transparência na administração do clube, de maneira que não se permita que uma pessoa brinque com um dos maiores patrimônios que a cidade de Ponta Grossa ainda possui, que é a sua identificação com o OFEC como uma equipe que se desenvolveu junto com a cidade.

Após a exposição destes fatos acredito ser possível entender as diversas lógicas de funcionamento administrativo do OFEC, o qual foi criado com o objetivo de estimular a prática do futebol, tendo forte influência dos ingleses que estavam presentes na cidade para construir a estrada de ferro naquela localidade. Neste momento o futebol era apenas um passa tempo realizado aos finais de semana por operários da Rede Ferroviária e posteriormente militares do tiro de guerra.

Entretanto o objetivo deste estudo era abordar o período profissional desta equipe, no qual as pessoas que passaram administrar o clube tinham uma preocupação diferente daqueles que o administraram na sua fundação, pois neste momento profissional o lazer dá lugar ao resultado e o prazer só é obtido através de uma equipe que possibilite resultados satisfatórios para o clube que ela representa, este percurso histórico pode ser percebido nas transcrições de atas e documentos do OFEC.

Na década de 90 o cenário transformou-se novamente, houveram inúmeras discussões e forças esportivas que buscavam a transformação dos clubes em empresas pautadas no modelo capitalista, com propensão para o núcleo de racionalidade administrativa, burocratização, busca de bons resultados... elementos estes que não eram centrais em outros momentos deste clube, o que permite indicar para uma nova transformação das exigências do mercado para os clubes de futebol que tiveram que se adequar a este novo quadro.

Como o nosso objetivo não era contar a história do OFEC e sim analisar a influência dos seus administradores no seu processo de desfiliação, apontamos as duas histórias, uma que todos já sabiam através dos jornais e outra que permanecia no anonimato, acom-

panhando apenas aquelas pessoas que haviam vivenciado este campo administração. Inicialmente suspeitávamos que a falta de profissionalismo da administração do OFEC era um elemento central para a sua desfiliação (entendendo aqui o termo amador como algo que é realizado apenas nos momentos ociosos e sem comprometimento de horário e resultados), como indica BOURDIEU ao falar da espetacularização do esporte:

... Não podemos, com efeito, nos contentarmos em invocar a lógica relativamente autônoma do campo de produção de bens de serviços esportivos e, mais precisamente, o desenvolvimento no interior deste campo, de uma indústria do espetáculo esportivo que, submetida às leis de rentabilidade, visa maximizar a eficácia minimizando os riscos (o que particularmente, acarreta a necessidade de um pessoal técnico especializado e de uma verdadeira gerência científica, capaz de organizar racionalmente o treinamento e a manutenção do capital físico dos profissionais)

Os posicionamentos deste autor indicam que o processo esportivo moderno que é pautado pelo espetáculo e amparado pela indústria do entretenimento, segue a mesma trajetória do processo industrial moderno, onde encontra-se como exigência a especialização, a produtividade e a profissionalização como pressupostos básicos para a criação e manutenção do capital. Dentro destas exigências apresentadas para o esporte contemporâneo é possível falar em ,futebol profissional ou administração esportiva moderna em Ponta Grossa?

## QUADRO DE ENTREVISTADOS

<b>IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO</b>	<b>FUNÇÃO DO ENTREVISTADO</b>	<b>DATA DA ENTREVISTA</b>
ENTREVISTADO 01	PRESIDENTE DO OFEC NA DÉCADA DE 90	13 DE MAIO DE 2000
ENTREVISTADO 02	PRESIDENTE DO OFEC NA DÉCADA DE 90	15 DE MAIO DE 2000
ENTREVISTADO 03	PRESIDENTE DO OFEC NA DÉCADA DE 90	19 DE MAIO DE 2000
ENTREVISTADO 04	PREPARADOR FÍSICO DO OFEC NA DÉCADA DE 90	25 DE JUNHO DE 2000
ENTREVISTADO 05	CRONISTA ESPORTIVO DESDE A DÉCADA DE 60	02 DE JULHO DE 2000

ENTREVISTADO 06	JOGADOR DE FUTEBOL DO OFEC DA DÉCADA DE 80	13 DE JULHO DE 2000
ENTREVISTADO 07	JOGADOR DO OFEC DA DÉCADA DE 90	25 DE JULHO DE 2000